

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA – UNIR
CAMPUS DE GUAJARÁ-MIRIM
DEPARTAMENTO DE LETRAS E PEDAGOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE MESTRADO EM CIÊNCIAS DA
LINGUAGEM - PPGMCL

FRANCISCA VALDA GONÇALVES

IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS VOCÁBULOS BÁSICOS DOS
FALARES DOS QUILOMBOLAS DO VALE DO GUAPORÉ

Guajará-Mirim / RO

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FRANCISCA VALDA GONÇALVES

**IDENTIFICAÇÃO E ANÁLISE DE ALGUNS VOCÁBULOS BÁSICOS DOS
FALARES DOS QUILOMBOLAS DO VALE DO GUAPORÉ**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ciências da Linguagem, Área de Concentração em Etnolingüística Africanista, Campus de Guajará-Mirim, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem.

Orientadora: Prof^ª Pós-Dra. Geralda de Lima V. Angenot

Guajará-Mirim / RO

2009

FICHA CATALOGRÁFICA

G635i	Gonçalves, Francisca Valda
	Identificação e Análise de alguns Vocábulo Básicos dos Falares dos Quilombolas do Vale do Guaporé. / Francisca Valda Gonçalves. Guajará-Mirim, Rondônia, 2009. 174f.
	Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, Fundação Universidade Federal de Rondônia, Guajará-Mirim, Rondônia, 2009.
	Orientadora: Profª Pós-Dra. Geralda de Lima V. Angenot.
	1. Léxico. 2. Quilombolas. 3. Vale do Guaporé. I. Título.
	CDU: 81(811.1)(=414)

Bibliotecária Responsável: Terezinha de Jesus Foro / CRB 11-304

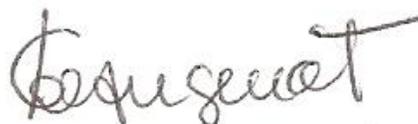
Esta dissertação foi julgada suficiente como um dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências da Linguagem, Área de Concentração em Etnolinguística Africanista, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia.

Guajará-Mirim, 27 de fevereiro de 2009.

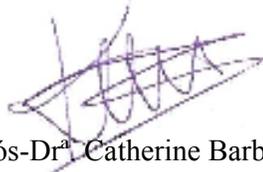


Prof. Dr. Jean-Pierre Angenot
Coordenador do Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Ciências da Linguagem
Campus de Guajará-Mirim

BANCA EXAMINADORA



Profª. Pós-Drª. Geralda de Lima V. Angenot
Orientadora e Presidente



Profª. Pós-Drª. Catherine Barbe Kempf
Membro



Prof. Pós-Dr. Daniel Mutombo Huta-Mukana
Membro externo



Prof. Pós-Dr. Jean-Pierre Angenot
Suplente

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha sogra Maria Menezes, em memória, por ter sido exemplo de mulher guerreira, esposa, mãe, avó, amiga, mas nem um pouco Amélia.

AGRADECIMENTOS

A DEUS por ter permitido a minha chegada até aqui;

À Professora Geralda de Lima V. Angenot, pela orientação respeitosa e segura neste trabalho;

Ao Professor Jean-Pierre Angenot, representando todos os professores do corpo docente do Programa em Ciências da Linguagem, pelo empenho em fazer acontecer este Mestrado;

Aos membros da minha banca: Professor Mutombo Huta-Mukana e Professora Bárbara Kempf, por contribuírem com o aprofundamento nas discussões da minha pesquisa;

À Professora Neusa dos Santos Tezzari, pelo carinho e pelo direcionamento seguro no momento de seleção do mestrado;

À Professora Nair Gurgel do Amaral, pelo apoio sempre;

Às lideranças da comunidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, os senhores: Tito Profeta da Cruz, Lélis Carneiro e Enísio Ferreira de Souza, pelo acolhimento e disponibilidade em me ajudar; e à Professora Keina que, sem me conhecer, dispôs-se a me apresentar às pessoas que poderiam me dar entrevistas;

Às comunidades quilombolas do Guaporé, pelo acolhimento, pela disponibilidade em contribuir com a minha pesquisa;

À Neguinha e ao pessoal da Secretaria de Ação Social do município de São Miguel do Guaporé, por me receberem de coração aberto;

A minha família, pelo apoio incondicional em todos os momentos;

Aos colegas de turma, pela cumplicidade e respeito mútuos; em especial à minha amiga Elza Moreira Alves, companheira de Real Norte, “cafofo”, caminhadas a pé, choros e risos;

Ao Marcos, irmão da Elza, pela disponibilidade, pela empatia e amorosidade gratuitas;

À Ilma Erse Campos, pela solidariedade, amizade e apoio incondicionais;

À Ana Maria Ramos, companheira de luta de 21 anos, pela ajuda na pesquisa de campo, no estabelecimento e facilitação de contatos nas comunidades quilombolas do Guaporé;

Às minhas amigas: Erundina e Terezinha de Jesus, pelo acolhimento em sua casa em Guajará-Mirim;

À Geovana, tia da Janine, pelo acolhimento em sua família e pelas inúmeras caronas;

Aos meus colegas de graduação na UNIR (Manoel, Vanildo e Sílvia), pela torcida e apoio sem os quais eu não teria chegado até aqui;

Aos meus amigos Patrícia e Fábio, pelo apoio nos momentos mais difíceis;

Aos meus amigos Zelita e Moisés, estendendo-se à sua filha Fernanda, pelo apoio material, logístico e espiritual;

À minha amiga Isabel, por ser minha companheira de todas as horas;

Aos meus amigos Dino e Rosimar, pelas orações, pela torcida, por terem ficado junto de mim, dando força;

Às minhas amigas Mônica e Sulamita, por dividirem comigo as dores das minhas escolhas;

À equipe gestora, aos professores e técnicos do I. E. E. Carmela Dutra, pelo apoio, pela paciência, pela crença no meu trabalho.

*“ ... Amani kweli sissi vote / Si wageni dunlya,
Kama mtoto, ananja / Mpotiye mkate, wewe ”*

*“Se houver paz verdadeira, / ninguém na terra
será estrangeiro. / Se uma criança tiver fome, dê a ela o
pão, isto é paz”.*

L. Thibamba Bertin – CD: África – tão próximo.

RESUMO

Identificação e análise de alguns vocábulos básicos dos falares dos quilombolas do Vale do Guaporé é o tema desta pesquisa, realizada com base no léxico coletado em pesquisa de campo, por meio de entrevista livre, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso, e nas Comunidades Remanescentes de Quilombos de Rondônia: Santo Antônio, Santa Fé, Pedras Negras e Senhor Jesus. O objetivo do estudo foi inventariar, descrever e analisar os vocábulos básicos no português vernacular dos remanescentes de quilombolas, partindo da hipótese de haver maior incidência de termos de origem africana, indígena e espanhola, resultado do contato pela proximidade geográfica. Foram analisadas 40 palavras / expressões, das quais 35 fazem parte do léxico geral do Português e 15 são específicos dos falares do Vale do Guaporé, destacando-se nesses específicos, 09 lexemas remanescentes dos antepassados quilombolas sobreviventes na ritualística da Dança do Congo em Vila Bela, os quais são, provavelmente, de origem banto. Foram analisados também 36 topônimos, sendo 10 com nomeação motivada pela realidade física do ambiente e 26, pela realidade cultural e étnica da população guaporeana. Os resultados demonstram ainda a presença de palavras de origem indígena e espanhola, na variedade falada por essas comunidades. Diante dos dados analisados, confirma-se a importância da herança lexical de origem banto na variedade da Língua Portuguesa falada por remanescentes dos quilombolas do Guaporé, quando se faz referência aos estratos lingüísticos encontrados, levando em conta a realidade cultural e étnica no reconhecimento da identidade dos remanescentes de quilombolas.

Palavras-chave: Léxico. Quilombolas. Vale do Guaporé.

ABSTRACT

The subject of this research is the identification and analysis of some basic words of quilombolas from Vale do Guaporé speech. It was conducted on the basis of vocabulary collected in field research, through free interviews in Vila Bela da Santíssima Trindade, Mato Grosso and in Rondônia Quilombolas remaining community: Santo Antonio, Santa Fé, Pedras Negras and Senhor Jesus. This study aimed to identify, to describe and to analyze the basic words in the vernacular Portuguese of the quilombolas remainder, based on the assumption that there is greater incidence of terms from Africa, indigenous and Spanish, due to contact by geographical proximity. We analyzed 40 words / expressions, 35 of them are part of the Portuguese general lexicon and 15 are from Vale do Guaporé speech, especially. It is highlighted 09 lexemes from quilombolas ancestors that survived in the ritual of the Dancing of Congo in Vila Bela, which are probably from Bantu. We also analyzed 36 toponyms, 10 motivated by appointment with the physical environment and 26, the reality of cultural and ethnic population from Guaporé. The results also show the presence of words from Spanish and indigenous, in the variety spoken by these communities. This research confirms the importance of lexical legacy from Bantu in the variety of Portuguese spoken by the remaining quilombolas from Guaporé. It take places when it refers to linguistic strata found, taking into account the cultural and ethnic reality and the recognition of the identity of the remaining quilombolas.

Keywords: Lexicon. Quilombolas. Vale do Guaporé.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa Político do Estado do Mato Grosso	22
Figura 2 – Mapa Político do Estado de Rondônia	25
Figura 3 – Mapa das Comunidades Remanescentes de Quilombos (Anexo 2).....	102

LISTA DE SIGLAS

UNIR – Fundação Universidade Federal de Rondônia

CPGSS / RO – Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* / Guajará-Mirim / Rondônia

POLONOROESTE – Projeto de Desenvolvimento Integrado do Noroeste do Brasil

EMATER / RO – Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural de Rondônia

PLANAFLORO – Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia

REBIO / RO – Reserva Biológica do Guaporé / Rondônia

IBDF – Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente

ONGs – Organizações Não-Governamentais

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica

SUDECO – Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

LISTA DE SÍMBOLOS

d – Informantes 1d, 2d, 3d, 8d, 9d, 10d – d (entrevistas gravadas em mídia **digital**).

fc – Informantes 1fc, 2fc, 3fc, 4fc, 5fc, 6fc, 7fc – fc (entrevistas gravadas em mídia analógica – **fita cassete**).

? – quando aparece dentro dos quadros de análise dos dados, seguindo de uma identificação de origem de uma palavra quer dizer que, segundo o dicionarista, não há certeza sobre a etimologia, há controvérsia.

X – Confirma a existência do item.

_ – Ausência do dado.

NC – Não consta.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO 1 - OS ESTADOS: MATO GROSSO E RONDÔNIA	22
1.1 Panorama histórico-geográfico do Mato Grosso.....	22
1.2 Panorama histórico e geográfico de Rondônia	25
1.3 O Vale do Guaporé.....	26
1.4 Comunidades Remanescentes de Quilombos em Rondônia.....	28
1.4.1 Santo Antônio do Guaporé.....	28
1.4.2 Pedras Negras	30
1.4.3 Santa Fé.....	30
1.4.4 Comunidade do Senhor Jesus.....	30
CAPÍTULO 2 - PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	33
2.1 Etnolingüística.....	33
2.1.1 A constituição de um léxico brasileiro	33
2.1.2 Origens do Português no Brasil	34
2.1.3 Quilombos: cultura, identidade e território	37
2.1.4 Estudo dos dialetos e dos falares	40
2.1.5 Lexicologia.....	42
2.1.6 Neologia e Neologismos	43
2.1.7 Ciência Toponímica	46
2.2 Delineamento metodológico	49
2.2.1 Pesquisa lingüística de campo	49
2.2.2 Delimitação do Campo de Pesquisa.....	50
2.2.3 A Coleta de Dados	51
2.2.4 Os informantes.....	51
2.2.5 Os passos da pesquisa	52
2.2.6 Considerações sobre a coleta e a análise dos dados.....	53

CAPÍTULO 3 - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	55
3.1 Apresentando o léxico da identidade social e familiar	55
3.2 Apresentando o léxico da sobrevivência e da alimentação.....	60
3.3 Apresentado o léxico das manifestações culturais e religiosas.....	67
3.4 Expressões da sabedoria do povo do Guaporé.....	75
3.5 Apresentando os topônimos.....	79
3.5.1 Topônimos históricos.....	79
3.5.2 Quilombo / Comunidades Remanescentes de Quilombos	80
3.5.3 Alguns rios do Guaporé	82
3.5.4 Alguns municípios do Guaporé	84
3.5.5 Topônimos diversos do Guaporé	85
3.6 Quadros/resumo dos vocábulos e dos topônimos analisados	87
CONSIDERAÇÕES FINAIS	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	94
ANEXOS	100
1 – Quadro Geral de identificação lexical a partir do falar dos quilombolas	101
2 – Mapa das Comunidades Remanescentes de Quilombos do Vale do Guaporé.....	102
3 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	103
4 – Cantos da Dança do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade.....	104
5 – Transcrições das entrevistas realizadas no Vale do Guaporé	107

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, a valorização da diversidade cultural vem sendo uma preocupação crescente na destinação de recursos e em políticas de governos, fóruns e organizações transnacionais. Há um progressivo reconhecimento de uma dívida histórica em relação às populações nativas que foram vítimas da escravidão e da colonização, bem como grande interesse: ecológico, científico, econômico – pelos ecossistemas em que habitam muitos desses povos e seus conhecimentos sobre eles. Mais do que um ato voluntário de governos e instituições, porém, as conquistas em favor de negros e índios resultam, legitimamente, de suas reivindicações e lutas ao longo dos anos.

No Brasil, a Constituição de 1988 foi um marco histórico. Depois de muitas batalhas e pressões de movimentos a favor das populações autóctones, reconheceu-se aos povos indígenas o direito a uma cultura diferenciada, assim como direitos originários (anteriores à formação do Brasil) às terras que tradicionalmente ocupam e que fossem necessárias à sua reprodução física e cultural. Aos negros descendentes de quilombos, foi assegurado o direito às terras de seus antepassados, através do Artigo 68 das Disposições transitórias, no qual foi determinado ao Estado emitir os títulos de propriedade dos territórios quilombolas. Foi a primeira ação oficial de inclusão das comunidades negras da História do Brasil. Posteriormente, o Decreto 4.887, de novembro 2003, atribuiu ao Ministério do Desenvolvimento Agrário o processo de regularização fundiária.

É certo que falta muito para que esses e outros direitos posteriormente conquistados sejam plenamente efetivados. Porém, em comparação com um passado recente, em que predominava a idéia de que o único futuro para índios e negros era a "integração" ao mundo "civilizado", o reconhecimento de sua cultura dá um novo rumo a essa história.

A criação da UNIR é uma conseqüência da transformação do Território Federal de Rondônia em Estado. No discurso dos documentos oficiais consta a missão de ser agente estratégico do desenvolvimento da região amazônica, isso implica no enfrentamento das

questões sociais, políticas e econômicas, inerentes à formação de uma universidade nova no projeto de criação e de formação de um novo estado.

Assumindo o seu papel, a UNIR, nos últimos anos, vem dando atenção especial à Pós-Graduação, com o desenvolvimento de cursos de especialização, a princípio, seguidos pelos de nível *Stricto Sensu*, seja na forma de Programas Interinstitucionais, seja através de cursos próprios, como é o caso do Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem, sediado no município de Guajará-Mirim / RO.

É necessário que se diga da importância estratégica da localização desse mestrado em Guajará-Mirim, por ser o município onde “desemboca” - o Vale do Guaporé – espaço de maior concentração de populações tradicionais, e ser assim mais que adequado aos estudos etnolingüísticos desses grupos sociais.

De acordo com o Regimento interno desse programa, o Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* – CPGSS – Mestrado em Ciências da Linguagem da Fundação Universidade Federal de Rondônia – Campus de Guajará-Mirim – “tem por finalidade incentivar a pesquisa e promover o aprimoramento técnico e científico de recursos humanos nas áreas de conhecimento que abrange, a saber: a pesquisa lingüística e sua aplicação no contexto regional da Amazônia”. (Art. 1º)

O Mestrado em Ciências da Linguagem visa incentivar a pesquisa e promover o aprimoramento técnico e científico de recursos humanos nas áreas de concentração em etnolingüística: Indigenista, africanista e amazônica.

De acordo com a definição estabelecida no edital do ano de 2008, entende-se por Etnolingüística um conjunto de disciplinas que estudam as relações da língua com a cultura, a sociedade e a educação, focalizando-se especialmente as questões do relacionamento entre língua e visão do mundo, e entre ecossistemas lingüísticos e sociais.

Na área de concentração em etnolingüística africanista, O Mestrado em Ciências da Linguagem, em consonância com os objetivos estabelecidos, desenvolve o Projeto *O falar das comunidades quilombolas do Vale do Guaporé*, coordenado pelas Professoras pós-doutoras Geralda de Lima Vitor Angenot e Bárbara Kempf, cuja tônica é o aprofundamento lingüístico das questões relativas ao Português vernacular falado nas comunidades de remanescentes quilombolas em Rondônia.

Foi com base nos pressupostos apresentados acima que nasceu o projeto *Identificação e análise de alguns vocábulos básicos dos falares dos quilombolas do Vale do Guaporé*,

motivado por uma experiência pessoal interdisciplinar na Escola Pública Carmela Dutra, situada na cidade de Porto Velho, no Projeto Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, que em 2006 realizou a 3ª edição com a participação de 30 alunos do ensino médio e 10 professores, divididos em cinco grupos de pesquisa nas disciplinas de Português, Artes, Biologia, História e Geografia, organizados e preparados com estudos durante quase todo o ano (fevereiro a setembro), cujo propósito foi iniciar os alunos na pesquisa científica.

A justificativa desta pesquisa se apoiou em dois elementos: o primeiro voltado para as questões social e cultural, dizendo respeito à situação de negros descendentes de escravos, sobreviventes nos diversos quilombos espalhados por todo Brasil, todos eles enfrentando uma luta ferrenha pela posse da terra e encontrando obstáculos do tamanho das injustiças nacionais.

Situação também encontrada na região do Guaporé, em Rondônia, havendo um complicador: a maioria dos quilombos está incrustada no meio de fazendas de grande porte, de reservas biológicas ou extrativistas, como é o caso de Santo Antônio do Guaporé, Pedras Negras, Santa Fé e Comunidade do Senhor Jesus, fato que tem gerado muitos conflitos e discussões entre as ONGs, o IBAMA e o INCRA, porque a reivindicação da posse da terra, direito garantido aos “remanescentes de quilombolas” pela Constituição de 1988, choca com os interesses dos grandes latifundiários e da comunidade local.

Conforme o historiador Marco Teixeira (2007), a população do Quilombo de Santo Antônio do Vale do Guaporé, por exemplo, vem diminuindo consideravelmente nos últimos anos: “As pessoas foram expulsas e acabaram nas periferias das cidades, muitas no tráfico ou na prostituição”. Assim, essa população foi diminuindo de um número inicial de 300 habitantes para menos de oitenta nos dias atuais, correndo sérios riscos de desaparecimento, com a conseqüente extinção de sua memória cultural. Foi assim também em Santa Fé e Pedras Negras.

O segundo elemento que justificou esta pesquisa diz respeito à contribuição científica da pesquisa para a preservação da memória cultural e lingüística das comunidades negras do Vale do Guaporé, porque de acordo com o Programa de Mestrado em Ciências da Linguagem: “é responsabilidade da Universidade, através da pesquisa e da extensão, a preservação, o resgate dos bens culturais da região em que está inserida, uma vez que a região Amazônica tem em seu bojo uma riqueza inigualável que precisa ser defendida e preservada”.

O conceito de preservação, nesse caso, estende-se a todos os bens, entendidos em seu sentido antropológico: sua gente, suas tradições, suas crenças, suas histórias, suas memórias e suas falas, perpetuadas pelo trabalho científico, numa perspectiva de respeito ao saber popular, construído com base em uma reflexão teórica.

Sendo assim, o objeto de estudo foi a identificação de vocábulos básicos no falar das Comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé, com a pesquisa de campo iniciada em Vila Bela da Santíssima Trindade, Estado de Mato Grosso e complementada em Santo Antônio do Guaporé, Santa Fé, Pedras Negras e Comunidade do Senhor Jesus, comunidades remanescentes de quilombos do Vale do Guaporé, localizadas no Estado de Rondônia.

Os vocábulos foram identificados, a partir de levantamento realizado em entrevistas aos moradores das referidas comunidades, com vistas a distinguir os termos de origem africana, indígena e castelhana, estabelecendo uma ponte entre a origem: Vila Bela da Santíssima Trindade e as Comunidades quilombolas de Rondônia. A opção por essas três fontes lingüísticas está relacionada à hipótese de que a configuração espacial dos quilombos do Guaporé: a comunidade de um lado, o rio no meio e a fronteira da Bolívia do outro seja fator preponderante na construção lexical.

Dada à natureza da proposta da pesquisa, foi necessária a consulta aos principais compêndios lexicográficos em Português na seguinte ordem: Aurélio (2004); Houaiss (2001); Cunha (1999); Nascentes (1935) e Tibiriçá (1985) cujo resultado possibilitou o levantamento das acepções mais correntes e a verificação da etimologia dos termos identificados, dando-se destaque às questões relativas ao processo de construção do significado dos itens léxicos associados a categorias toponímicas, analisadas com base na classificação taxionômica de Dick (1990), de Souza (2007; 2008), e consulta em Tibiriçá (1985).

Sobre o léxico, dialetologia e princípios teóricos da lexicologia e da semântica, foram imprescindíveis a consulta ao Dicionário de Linguística, de Dubois et alii; as contribuições teóricas organizadas por Isquierdo (2001; 2004); e o aprofundamento e abordagem teórica sobre empréstimos realizados com base na obra *História do saber lexical e constituição do léxico brasileiro*, organizada por Nunes e Petter (2002).

Para a contextualização histórica e geográfica, os artigos de Teixeira (2005, 2006, 2007 e 2008) disponíveis na rede mundial de computadores, com importante discussão sobre os quilombos do Vale do Guaporé e as leituras de teses, dissertações e artigos veiculados na

Internet que discutem a questão legal dos quilombos e as diversas abordagens à política pública institucional sobre a inclusão social levada a termo pelo Governo Federal, bem como pesquisas de base lexical, realizadas nos quilombos em todo o Brasil, complementaram o arcabouço teórico desta pesquisa.

O referencial metodológico foi abordado em dois aspectos: da estrutura (forma) – com base em Severino (2002) e Margarida (2004); do conteúdo – com base em Wouk (s/d), em sua obra *Estudo Etnográfico-lingüístico da Comunidade Ucaíca de Dorizon*, especialmente no minucioso capítulo *Manual de investigação lingüística*, e Ferreira e Cardoso (1994), uma ampla revisão bibliográfica sobre o tema da dialetologia no Brasil.

Após o aprofundamento teórico, fez-se a pesquisa de campo, iniciada em Vila Bela da Santíssima Trindade, no mês de janeiro de 2008, quando foram realizadas três entrevistas com moradores, anciãos de liderança reconhecida na comunidade. Em julho de 2008, foram entrevistados: um morador da Comunidade Quilombola de Santa Fé, uma moradora da comunidade de Pedras Negras e o Patriarca e chefe da família na Comunidade Senhor Jesus.

Como a motivação deste trabalho é anterior à seleção de mestrado, em setembro de 2006, no Quilombo de Santo Antônio do Guaporé, realizaram-se quatro entrevistas, as quais foram transcritas e incorporadas ao material coletado em 2008.

O instrumental utilizado foi a entrevista livre, gravada em mídia analógica (nas entrevistas de Santo Antônio do Guaporé) e em mídia digital (nas entrevistas de Vila Bela da Santíssima Trindade, Santa Fé, Pedras Negras e Senhor Jesus), técnica que será explicitada e comentada no capítulo II. O levantamento do *corpus* foi realizado com base nas transcrições dessas entrevistas.

O desdobramento dessa discussão será feito da seguinte forma: 1º Capítulo – Contextualização Histórica e Geográfica dos Estados de Rondônia e Mato Grosso com ênfase ao Vale do Guaporé que é o espaço da pesquisa; Identificação dos quilombos dentro do contexto histórico e geográfico de que se valeram historiadores, antropólogos e juristas para discutir e legislar sobre a questão dos remanescentes de quilombos.

O 2º Capítulo, dividido em dois tópicos, apresentará os pressupostos teóricos e metodológicos, fazendo-se uma discussão científica na qual será traçado um percurso apresentando a constituição de um léxico brasileiro, através dos conceitos de base utilizados no discurso desta dissertação, com o objetivo de construir o arcabouço que permita ao leitor a compreensão da relevância do tema em discussão e dos resultados obtidos.

No capítulo 3º, serão apresentados os dados da pesquisa, primeiramente resumidos em um quadro por item, onde serão apresentadas as lexias identificadas nas entrevistas com suas respectivas etimologias, cujo exame permitirá estratificação dos resultados quantificados pelas suas origens, respeitando a opção metodológica de enfatizar os vocábulos de origem africana, indígena e castelhana como material de análise mais acurada.

CAPÍTULO 1

OS ESTADOS: MATO GROSSO E RONDÔNIA

O objetivo neste capítulo é estabelecer um percurso histórico e geográfico que possibilite a aproximação contextual ao ambiente da pesquisa: o Vale do Guaporé, que compreende os Estados de Rondônia e Mato Grosso, no lado do Brasil, e os Departamentos de Santa Cruz, Beni e Pando, no lado da Bolívia, cuja fronteira é delimitada pelos rios Guaporé e Mamoré (Ver mapa em anexo na página 106).

A seguir, far-se-á uma explanação sobre esses dois Estados, destacando-se o Vale do Guaporé (parte brasileira), fazendo-se a identificação e localização dos quilombos objeto deste trabalho, com base no site www.achetudoeregiao.com.br, no Almanaque Abril e nos artigos do pesquisador, Professor Marcos Teixeira, especialista reconhecido sobre o Guaporé, publicados em meio eletrônico.

1.1 Panorama histórico-geográfico do Estado do Mato Grosso



Figura 1 - Fonte: Google Mapas

De acordo com o Tratado de Tordesilhas, o atual estado de Mato Grosso, como quase todo o Centro-Oeste e Norte do Brasil, pertencia à Espanha. Por muito tempo sua exploração se limitou a esporádicas expedições de aventureiros e à atuação de missionários jesuítas espanhóis. Com o bandeirismo no século XVII e, principalmente, com a descoberta do ouro no Brasil central no começo do século XVIII, a região é invadida por exploradores. Em 1748 é criada a Capitania de Mato Grosso, com sede em Vila Bela, posteriormente transferida para a Vila de Cuiabá. Dois anos depois, a região é incorporada ao Brasil pelo Tratado de Madri.

Foram assim contidas as aspirações espanholas de domínio desse imenso território. Proclamada a independência, os governos imperiais de D. Pedro I e das Regências (1º Império) nomearam para Mato Grosso cinco governantes e os fatos mais importantes ocorridos nesses anos (7/9/1822 a 23/7/1840) foram: a oficialização da Capital da Província para Cuiabá (lei nº 19 de 28/8/1835) e a "Rusga" (movimento nativista de matança de portugueses, a 30/05/1834).

O nome Mato Grosso é originário de uma grande extensão de sete léguas de mato alto, espesso, quase impenetrável, localizado nas margens do rio Galera, percorrido pela primeira vez em 1734 pelos irmãos Paes de Barros. Acostumados a andar pelos cerrados do chapadão dos Parecis, onde apenas havia algumas ilhas de arbustos agrestes. Os irmãos aventureiros, impressionados com a altura e porte das árvores, o emaranhado da vegetação secundária que dificultava a penetração, e com a exuberância da floresta, a denominaram de Mato Grosso. Perto desse mato fundaram as Minas de São Francisco Xavier e toda a região adjacente, pontilhada de arraiais de mineradores, ficou conhecida na história como as Minas do Mato Grosso.

No século XIX, com o declínio da mineração, o empobrecimento e o isolamento da província são inevitáveis. Alguma atividade agrícola e mercantil de subsistência sobrevive nos campos mais férteis do sul. O único meio de transporte até a capital é o navio, numa viagem pelo rio Paraguai. Com a República, esse isolamento vai sendo vencido com a ampliação de rede telegráfica pelo Marechal Cândido Rondon, a navegação a vapor e a abertura de algumas estradas precárias. Esse avanço em infra-estrutura atrai seringueiros, criadores de gado, exploradores de madeira e de erva-mate para a região.

Como todo o Centro-Oeste, o estado do Mato Grosso beneficia-se da política de interiorização do desenvolvimento dos anos 40 e 50 e da política de integração nacional dos anos 70. A primeira é baseada principalmente na construção de Brasília e a segunda, nos incentivos aos grandes projetos agropecuários e de extrativismo, além dos investimentos em

infra-estruturas, estradas e hidrelétricas. Com esses recursos, o estado prospera e atrai dezenas de milhares de migrantes. Sua população salta de 430 mil para 1,6 milhão de habitantes entre 1940 e 1970. O governo federal decreta a divisão do estado em 1977, alegando dificuldade em desenvolver a região diante da grande extensão e diversidade. No norte, menos populoso, mais pobre, sustentado ainda pela agropecuária extensiva e às voltas com grandes problemas fundiários, fica o Mato Grosso. No sul, mais próspero e mais populoso, é criado o Mato Grosso do Sul.

Em 1943 a área localizada a noroeste, com pequena área do estado do Amazonas às margens do rio Madeira, passou a constituir o território do Guaporé, que atualmente constitui o estado de Rondônia.

A economia do estado do Mato Grosso se baseia na indústria extrativista (madeira, borracha); na agricultura (cana-de-açúcar, soja, arroz, milho); na pecuária e criações; na mineração (calcário e ouro); e na indústria (metalúrgica e alimentícia).

Dentro da história do Estado do Mato Grosso, vale destacar o município de Vila Bela da Santíssima Trindade, cidade histórica de Mato Grosso que desde a sua fundação, em 1752, até os meados dos anos oitenta, do século XX, era constituída por uma população majoritariamente negra.

Em 1821, ocorreram as transferências da Junta da Real Fazenda e da Casa de Fundição. Aos poucos, os moradores começavam a mudar-se para Cuiabá.

Depois da transferência da capital de Mato Grosso para Cuiabá, em 1835, a histórica Vila Bela caiu no esquecimento. Os escravos que construíram a cidade e trabalharam nas lavouras e nas minas foram abandonados à própria sorte. Por mais de um século, Vila Bela viveu isolada, guardando sua cultura antiga e uma economia de subsistência.

Nos dias de hoje, no centro da cidade, as paredes de adobe das ruínas da igreja matriz, do século 18, ganharam um telhado de metal vermelho, de aspecto futurista, para proteção contra sol e chuva. Fora isso, a cidade busca resgatar a sua cultura e história, tanto da época em que era a capital do Mato Grosso como anterior, quando era ocupada por povos indígenas, organizando-se em associações, cujas atividades giram em torno da divulgação da cultura local: cantos e danças, comidas e bebidas.

Rondônia também se insere no contexto dos grandes projetos e sua história foi e é moldada pelas conseqüências do desenvolvimento implantado na região.

O Projeto de Desenvolvimento Integrado do Noroeste do Brasil – Polonoroeste foi aprovado no início dos anos 80, com vistas ao processo de colonização dos estados de Mato Grosso e Rondônia, capaz de propiciar a consolidação de suas estruturas física e social.

Com a operacionalização do Projeto Polonoroeste¹, o Estado implantou assentamentos de famílias, com um trabalho pioneiro e definitivo de colonização, assistência técnica, extensão rural e viabilização de linhas de crédito para os migrantes que chegaram à nova fronteira agrícola atraídos por incentivos governamentais. (EMATER/RO, 1988)

Na década de 90, foi desenvolvido o Plano Agropecuário e Florestal de Rondônia – PLANAFLORO para por em prática uma concepção moderna de manejo, de conservação e desenvolvimento sustentável.

Nos dias de hoje, está em andamento, na capital Porto Velho, o Projeto de Instalação das Usinas Hidrelétricas de Santo Antônio e Jirau, no Rio Madeira, que está inserido dentro de um contexto bem mais amplo que envolve três outros grandes projetos (Complexo do Madeira) formando por quatro usinas hidrelétricas e uma malha hidroviária de 4.200 km navegáveis, no âmbito de um futuro programa de integração de infra-estruturas de energia e de transportes entre Brasil e Bolívia.

Com a implantação desse mega-projeto, estima-se um aumento significativo na população de Porto Velho e também nas demandas sociais.

1.3. O Vale do Guaporé

O Guaporé, rio de águas claras, nasce na serra dos Parecis, em Mato Grosso, e corre tranqüilamente em meio a uma paisagem de mata verde até o Mamoré, a cerca de 1.700 km de

¹ Programa Integrado de Desenvolvimento do Noroeste do Brasil (POLONOROESTE), executado durante os anos 1980, com recursos do Governo brasileiro e do Banco Mundial, sob a coordenação da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (Sudeco). Abrangeu a área de influência da rodovia BR-364, entre Cuiabá (MT) e Porto Velho (RO), e teve como objetivos principais: "contribuir para a maior integração nacional; promover a adequada ocupação demográfica da região noroeste do Brasil, absorvendo populações economicamente marginalizadas de outras regiões e proporcionando-lhes emprego; aumentar a produção da região e a renda de sua população; reduzir as disparidades de desenvolvimento intra e inter-regionais; assegurar o crescimento da produção em harmonia com as preocupações de preservação do sistema ecológico e de proteção às comunidades indígenas". Dentre as ações do programa, incluiu-se a implantação de dezenas de projetos de colonização agrícola, como o de Machadinho, visando o assentamento de pequenos agricultores sem-terras para a prática de agricultura familiar. (EMBRAPA, 2008)

distância, em Rondônia. É um dos mais bonitos do Brasil por atravessar uma região riquíssima em biodiversidade, constituindo uma fronteira natural do Brasil com a vizinha Bolívia. Os estudiosos dizem que se trata de uma zona de transição ainda intocada, entre o Pantanal Mato-Grossense e a Amazônia. Suas grandes várzeas, além de abrigarem um criadouro de peixes, jacarés e tartarugas, são uma importante rota de aves migratórias da região e do Hemisfério Norte.

Descrevendo o rio Guaporé, é quase poética a descrição da jornalista da Revista Eletrônica Horizonte Geográfico:

Navegamos pelo leito sinuoso, surpresos com a abundância de pássaros que vivem nas margens protegidas por matas densas”, conta Margi. “Parece mais rico em pássaros do que o Pantanal!” Ela explica que o rio percorre paisagens variadas e, depois de Pontes e Lacerda, na Serra da Borda, passa por um extenso buritizal e se espalha em inúmeros braços, criando um refúgio perfeito para aves e peixes. Ainda no Mato Grosso, atravessa Vila Bela da Santíssima Trindade, cidade fundada no século 18 para defender a fronteira oeste do território português e as jazidas de ouro da região. (HORIZONTE GEOGRÁFICO)

Do ponto de vista histórico, o Vale do Guaporé, desconhecido pelos brasileiros, foi palco de encontros entre Jesuítas e colonizadores com os povos amazônicos, a partir do Séc. XVI. A região foi uma das primeiras fronteiras definitivas do Brasil. O rio Guaporé era o principal caminho de entradas de portugueses e bandeirantes. Antes disso, estas terras foram cobiçadas pelo império Inca. Os colonizadores encontraram vestígios (peças em ouro e prata), desses contatos com os índios que habitavam a região. Mais tarde, já no Séc. XVIII, sugeriram muitas vilas de mineração e as missões, onde os Jesuítas governaram.

A Antropóloga Denise Maldi Meirelles, cita em seu Livro “Guardiões da Floresta”, que o “Vale do Guaporé abrigou um mosaico complexo de línguas e culturas da América do Sul, algumas bastantes isoladas, que sugerem ocupações muito antigas de civilizações andinas e sociedades indígenas da Amazônia” (ECO–TOUR NEWS, 1998)

Ao longo do Guaporé, encontram-se várias comunidades quilombolas, resultantes da colonização da época do ouro. Hoje, lugares como Pedras Negras e Santo Antônio do Guaporé sobrevivem de extrativismo, de caça e de pesca enquanto lutam para conservar as terras que a expansão agrícola torna interessantes aos fazendeiros. Do lado boliviano, cidadezinhas tão pequenas e remotas, como Remanso e Versalles, sobrevivem da mesma forma. A não ser a comunidade de Buena Vista, do outro lado de Costa Marques, toda de

palafitas, em que os brasileiros vão às compras, no mesmo estilo que costumam fazer na fronteira com o Paraguai. (HORIZONTE GEOGRÁFICO)

O Pesquisador da Universidade Federal de Rondônia, Professor Marco Teixeira, conta que o Vale do Guaporé é a única região rondoniense com população quilombola, descendente dos escravos que trabalharam na mineração do ouro entre 1734 e 1835, a partir da antiga capital do Mato Grosso, Vila Bela da Santa Trindade. “Atualmente no vale existem três comunidades reconhecidas e outras oito com estudos em andamento. Mas pelo menos quatro foram extintas depois da criação da Rebio”, afirma o pesquisador. Ele diz que Santo Antônio chegou a ter 300 habitantes e que, agora, estes não passam de oitenta. “As pessoas foram expulsas e acabaram nas periferias das cidades, muitas no tráfico ou na prostituição”, afirma. “Com a demarcação das terras, os quilombolas terão liberdade para manejar os recursos naturais e cultivar roças”.

1.4 Comunidades Remanescentes de Quilombos em Rondônia

O espaço desta pesquisa foi o Vale do Guaporé, compreendendo a comunidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, em Mato Grosso, como origem; e os quilombos: Santo Antônio do Guaporé, Pedras Negras, Santa Fé e Senhor Jesus, como o destino dos quilombolas. A seguir serão apresentadas algumas informações importantes sobre as comunidades quilombolas para o desenvolvimento da pesquisa, que servirão de base histórico-contextual à análise do corpus no capítulo terceiro.

1.4.1 Santo Antônio do Guaporé

Santo Antônio do Guaporé é uma pequena comunidade de quilombolas situada ao lado da Rebio no sudoeste do Estado de Rondônia, na fronteira entre o Brasil e a Bolívia; pertence ao município de São Francisco do Guaporé; possui aproximadamente 103 habitantes e sobrevive da produção artesanal de farinha. A comunidade existe desde o século XVIII, quando os governos coloniais, preocupados com a extração do ouro e com a guarda da fronteira, levaram para a região consideráveis contingentes de negros para trabalhar nas minerações, nas obras públicas como a construção do Forte Príncipe da Beira e da cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

No início do século XIX, as elites brancas, empobrecidas pela escassez da mineração aurífera, abandonaram a região, deixando para trás seus escravos. Durante o século XIX, as populações negras do Guaporé reordenaram seus espaços, relações sócio-econômicas e

culturais, reinventando-se a si mesmas e constituindo-se como sociedades etnicamente diferenciadas e de matriz quilombola. (TEIXEIRA, 2006)

Santo Antônio do Guaporé é uma comunidade de remanescentes de quilombos localizada no Vale do Guaporé, no Estado de Rondônia. A comunidade reside na região há mais de cento e vinte anos, sobrevivendo dos recursos naturais e de uma agricultura de subsistência que tem na mandioca seu produto mais expressivo. (TEIXEIRA, 2006)

Durante toda a sua existência, a comunidade chamou a atenção por sua composição étnica. Os pretos de Santo Antônio do Guaporé são citados em relatos de viajantes desde o século XIX, quando a comunidade transferiu-se para as margens do Guaporé. Autores como João Severiano da Fonseca e Francis Castelnau citam as populações negras residentes na região, já em meados do século XIX. Já o etnólogo alemão Erland Nordenskiöld, que percorreu as terras da Bolívia e os vales do Itenez/Guaporé², no início do século XX, traz referências precisas sobre a existência da comunidade de Santo Antônio, sua localização e relações com o meio natural e com as populações indígenas circunvizinhas, detalhando, inclusive o mapa com a localização do povoado. (TEIXEIRA, 2006)

Durante o século XX, a comunidade de Santo Antônio do Guaporé sobreviveu da extração da borracha, da pesca, da caça e da pequena agricultura familiar, além de uma reduzida pecuária de auto-sustentação. A comunidade prosperou e chegou a possuir mais de 300 moradores. Entretanto, a situação sofreu um dramático revés no início dos anos 1980, quando o governo federal criou a Reserva Biológica do Guaporé / REBIO Guaporé (DECRETO LEI n° 87.587, de 20 de setembro de 1982).

A partir daí houve um intenso processo de desalojamento das comunidades residentes na área onde foi instalada a REBIO Guaporé, sendo que a quase totalidade foi dizimada pelo órgão ambiental responsável, o então IBDF, mais tarde IBAMA. De fato, somente a comunidade dos negros de Santo Antônio do Guaporé manteve-se nas terras onde sempre viveu, não aceitando a expulsão que lhe impunha a autoridade ambiental federal. Todas as demais populações, incluindo-se duas etnias indígenas foram expulsas da área, sem nenhum tipo de benefício ou projeto de reassentamento ou indenizações.

Nos anos 1980 a 2000, travou-se um acalorado embate para despejo da comunidade dos negros de Santo Antônio. As pressões foram muitas, incluindo-se diversas formas de pressão físicas e psicológicas contra os moradores, que ainda hoje sofrem ações de toda sorte

² Itenez é o nome do Rio Guaporé no lado da Bolívia, conforme anexo 2.

por parte dos agentes encarregados da REBIO. O próprio órgão ambiental, IBAMA admite a existência “No tocante à área em ocupação (mais ou menos 93.000,0000 ha, exclusivos da REBIO Guaporé), essa abriga apenas quinze famílias que segundo a história são originados de QUILOMBOS do Mato Grosso e suas erradicações datam do início do século XIX. (TEIXEIRA, 2006)

Atualmente, essa pequena comunidade é constituída por maioria de pessoas adultas, porque os mais jovens migraram principalmente para São Francisco do Guaporé ou Costa Marques com o objetivo de continuar os estudos iniciados na escolinha, que tem uma única professora, moradora local, para dar aula para as crianças durante o dia e para os adultos à noite, não havendo distinção de série.

1.4.2 Pedras Negras

Comunidade de origem centenária formada por descendentes dos antigos quilombos Mato-Grossenses, é constituída hoje por 17 famílias que vivem da pesca e da agricultura.

As informações mais antigas sobre o Sítio Pedras Negras datam efetivamente de 1754, quando Dom Antonio Rolim de Moura estabeleceu no local uma guarnição militar. Com a decadência do posto, a comunidade passou a ser ocupada por negros descendentes de quilombolas.

A comunidade está localizada na fronteira com a Bolívia, extremo da divisa com Alta Floresta. Vivem aproximadamente 200 pessoas por lá.

1.4.3 Santa Fé

Na Comunidade remanescente de quilombos Santa Fé, localizada no município de Costa Marques, onde moram sete famílias que sobrevivem agricultura familiar e da pesca para fins domésticos. Não há escola, não há luz nem Posto de Saúde funcionando. Os moradores sobrevivem da pequena produção rural e da pesca.

1.4.4 Comunidade Senhor Jesus

Localizada no Município de São Miguel do Guaporé, nos limites da área onde foi instalado o Projeto de Colonização agropastoril Primavera, a Comunidade de Remanescentes

Quilombolas de Jesus³ constitui-se na mais afastada comunidade de remanescentes quilombolas rondonienses em relação ao Vale do Guaporé. A comunidade se originou na década de 1940, quando o patriarca da família Jesus Oliveira abandonou seus trabalhos na coleta de látex em colocações de seus irmãos nas imediações de Limoeiro, no rio São Miguel, afluente do rio Guaporé, e dirigiu-se para a região onde, hoje, está situada a comunidade na qual é o mais importante morador. (TEIXEIRA, 2007)

Os antepassados da família Jesus Oliveira têm suas origens ligadas aos negros de Vila Bela da Santíssima Trindade e seus descendentes que colonizaram as mais variadas paisagens ao longo do rio Guaporé e seus afluentes.

De acordo com o Informante dessa comunidade, seu trabalho era realizado junto a seus irmãos mais velhos já casados nas colocações situadas nas imediações de Limoeiro, no médio São Miguel. Entretanto, este trabalho pouco ou nada lhe rendia, tendo ele, ainda menor de idade, decidido abandonar os irmãos e tentar sorte por conta própria em outra região.

Foi assim que em 1959 ele chegou às terras que ocupa até os dias atuais. O informante desta comunidade conta que as terras já estavam ocupadas pela família de sua esposa, que trabalhava na extração de borracha, obtida da Seringueira e de Poaia⁴ e na coleta da Castanha-do-Pará. Em seus relatos, O informante 10 afirma que teria se estabelecido nos limites da propriedade explorada pela família e começado a trabalhar nas terras de inundação, onde coletava látex e poaia. Com o declínio dos preços da poaia e da borracha, a família de sua esposa abandonou as terras que permaneceram exploradas por ele.

A vida como coletor e extrator às margens do rio São Miguel apresentou inúmeras dificuldades, faltando alimento e vestuário aos moradores locais. A pesca, a caça e a coleta de cacau nativo eram as formas mais imediatas de se resolver os problemas ligados à fome. Entretanto, a intensificação dos trabalhos proporcionou ganhos e, aos poucos, os últimos mascates e regatões da região começaram a dar crédito ao senhor Jesus Oliveira que terminou por construir em sua colocação um pequeno barracão para guarda e depósito dos gêneros deixados pelos regatões durante suas incursões na região.

Os anos 1960, entretanto, não conseguiram manter preços minimamente satisfatórios para a borracha e a família mergulhou em um novo período de penúria, que passou a ser

³ No momento em que esta dissertação estava sendo escrita, o INCRA reconheceu as terras da Comunidade Senhor Jesus como remanescentes de quilombos.

⁴ Planta da família *rubiaceae*, produtora da substância denominada *emitina*, empregada no combate a doenças do aparelho digestivo, respiratório, disenteria e vômitos. (LIMA, 2000:28)

compensado pela coleta e venda da Castanha-do-Pará e pelo plantio de mandioca para a produção de farinha. A região tornou-se ainda mais desabitada com o declínio do extrativismo, passando a família Oliveira a ser a única com residência permanente na localidade. (TEIXEIRA, 2007)

Durante os anos 1960, a comunidade constituiu-se a partir do primeiro núcleo familiar, formado pelo casal Oliveira. Esse casal gerou 12 filhos que, por sua vez, constituíram suas próprias famílias e permaneceram no local de origem, formando um núcleo de base patriarcal, cuja autoridade maior reside na pessoa do patriarca.

Atualmente, as famílias sobrevivem da agricultura de mandioca, arroz, feijão, milho, batata doce, abóbora e outros. Praticam, também, a pesca e a caça, além da criação de animais como galinhas, patos domésticos, porcos, bois e ovelhas.

Para se chegar à Comunidade Quilombola do Senhor Jesus, saindo do município de São Miguel do Guaporé, viaja-se 110 km de carro, passando pelas fazendas do Projeto de Colonização Agropastoril Primavera.

CAPÍTULO 2

PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

“Uma língua não se espalha através de uma região sem alterar-se aqui e ali”.
(NASCENTES, 1960).

Neste capítulo, com dupla articulação, propõe-se a apresentar os pressupostos teóricos e metodológicos, por se entender que a pesquisa ora apresentada tem em seu cerne, de forma amalgamada, o processo e o produto, pois o dado precisa ser apresentado com as devidas explicações relacionadas ao modo, ao lugar e à forma de coletá-lo.

Falar de quilombos hoje requer do pesquisador conhecimento de saberes da história, da geografia e da antropologia, de um lado, e de saberes da etnolingüística de outro, para que se possa apresentar o objeto de uma forma completa e objetiva.

Neste sentido, a primeira parte deste capítulo visa à apresentação e a discussão de saberes relacionados à pesquisa lexical de campo em comunidades remanescentes de quilombos; e a segunda parte apresenta os pressupostos metodológicos que nortearam a realização da pesquisa.

2.1 Etnolingüística

2.1.1 A constituição de um léxico brasileiro

A citação de Nascentes em epígrafe ajuda a refletir acerca da importância dos estudos dialetológicos no Brasil, dada a grande extensão territorial e a influência de diferentes culturas em cada região, fatores que atuaram e continuam atuando na diferenciação do léxico brasileiro.

Segundo Lucchesi,

a caracterização de realidade lingüística brasileira com referência à sua formação sócio-histórica ainda é tarefa a ser cumprida pelos lingüistas no Brasil. São muitas as frentes que se abrem nesse vasto campo de estudo:

mapear diatopicamente os diversos dialetos brasileiros; dimensionar a variação diastrática nos centros urbanos, bem como a relação lingüística entre a cidade e o campo; aferir os matizes étnicos de nosso panorama lingüístico; e descrever as línguas indígenas remanescentes. No plano mais geral, coloca-se a tarefa de identificar os parâmetros que definem a virtual Individualização de uma gramática brasileira frente à sua congênere européia (LUCCHESI, 2002 apud TARALLO, 1993).

E, no plano histórico, coloca-se a questão da relevância, para a definição das atuais características do português brasileiro, do contato da língua portuguesa com as línguas autóctones e com as línguas africanas, ao longo do processo de colonização do Brasil. Essa questão pode ser abordada em duas frentes: (i) a pesquisa da documentação histórica disponível; e (ii) a análise empírica das eventuais características remanescentes do contato entre línguas no Brasil.

De acordo com Lucchesi (2002), nessa segunda frente, a análise da fala das comunidades rurais afro-brasileiras isoladas assume uma posição crucial, uma vez que nessas falas podem ser encontrados indícios valiosos sobre as mudanças que teriam ocorrido na estrutura da língua portuguesa ao ser adquirida precariamente por um largo contingente de escravos africanos e ao ter se nativizado entre os seus descendentes. Em função do seu isolamento anterior, essas comunidades seriam, assim, verdadeiros arquivos vivos de processos que teriam marcado a história da difusão da língua portuguesa pelo território brasileiro.

Porém, se esses estudos não forem realizados com urgência, eles não alcançarão nem o pouco do que ainda se pode descobrir. Com efeito, as marcas mais evidentes do processo de transmissão lingüística irregular pelo qual o português brasileiro passou devido ao contato amplo com as línguas indígenas e, sobretudo, com as línguas africanas devem ter desaparecido nas últimas três ou quatro décadas, em função do processo de nivelamento lingüístico ocorrido a partir da vasta difusão dos modelos culturais e lingüísticos dos grandes centros urbanos levada a cabo, sobretudo pelos meios de comunicação de massa, mas também pelo deslocamento populacional e pelo sistema público de educação. (LUCCHESI, 2002)

2.1.2 Origens do português no Brasil

O Português chegou ao Brasil no século XVI quando da "descoberta" por uma frota portuguesa de exploração do Atlântico. Somente nos meados desse século, começou a ocupação e a colonização do litoral, intensificando-se, na proporção em que declinava o

Império Português do Oriente; e o Brasil passava a ser visto como a grande colônia de Portugal.

Segundo França (2002), ao contrário da latinização do Império Romano, a europeização da América processou-se de modo mais intenso, periódico e mais imediato, embora tenha se processado de modo diferenciado de uma região americana para outra. O que houve no Brasil foi uma incorporação profunda das etnias nativas na sociedade branca, com intensa mestiçagem, principalmente, no norte do país. Isso corresponderia a uma eliminação lenta e progressiva daqueles povos, com a desagregação da vida tribal e dos seus valores sociais.

Hoje, passados cinco séculos, é a língua de um país com 8,5 milhões de quilômetros quadrados, e muitos aspectos da formação do Brasil como país são importantes para entender a situação lingüística que o Brasil vive atualmente.

Um desses aspectos diz respeito à formação do território nacional, definido ao longo de um processo de mais de quatro séculos no qual novas regiões foram sendo incorporadas ao que se entendia por Brasil, sob o impacto das entradas e bandeiras e dos grandes ciclos econômicos. Tudo isso fez com que o território da colônia mais do que triplicasse em relação àquele que havia sido atribuído a Portugal pelo Tratado de Tordesilhas de 1494.

Falando do Português no continente sul-americano e da sua ampliação de fronteiras, Ilari e Basso dizem:

Foi essa expansão territorial que fez com que o português, a partir da costa atlântica, realizasse extensa e inexorável ocupação a oeste, feita quase sempre à custa das línguas indígenas e, às vezes do espanhol. Hoje, são evidentes os resultados desse processo: o Brasil é o maior país de língua portuguesa em extensão territorial. Além disso, é também o país onde vive o maior número de falantes de português (cerca de 182 milhões de habitantes em 2004). (ILARI; BASSO, 2006:49)

Ilari e Basso ainda defendem que a ocupação se deu por um processo que a que denominaram de “ramificante” (uma analogia a ramo no qual os galhos crescem a partir do caule), em oposição ao processo de faixas paralelas preconizado na primeira divisão das capitânicas. Para eles, os principais centros de irradiação foram: Salvador, São Paulo, Pernambuco, Maranhão e Pará. Foi do Centro Vicentino-Paulistano que nos séculos XVI e XVII partiram três grandes ciclos liderados por bandeirantes: o de apresamento de índios, o do ouro e do sertanismo de contrato.

Para se entender a difusão da Língua Portuguesa no território brasileiro, não basta pensar em tratados, conquistas e fronteiras, é necessário também considerar a forma como se deu a ocupação efetiva do espaço. Para isso, é preciso considerar os processos: crescimento demográfico, urbanização e ocupação interior que o país atravessou ao longo dos três últimos séculos.

O que se pode afirmar é que a língua portuguesa, no Brasil, apresenta certas especificidades em função de razões espaciais, históricas e sócio-culturais. Tendo tido contextos e condições bem diferentes daqueles encontrados em outras terras colonizadas pelos portugueses, caracteriza-se por traços peculiares, sendo necessários alguns estudos lingüísticos daquelas línguas e daqueles processos que vieram a contribuir para a sua formação.

Linguisticamente, como era de se esperar, foi grande a influência de algumas línguas em contato com o Português. No caso desta pesquisa, tratar-se-á da identificação de vocábulos básicos, com atenção maior aos de línguas indígenas, africanas e castelhanas, por se estabelecer a hipótese, baseada nos dados históricos e geográficos apresentados, de que o contato mais profundo dos remanescentes de quilombos foi com os indígenas, populações autóctones com as quais dividiram o espaço no Brasil, populações das províncias Bolivianas, pela localização dos quilombos na fronteira do Brasil com a Bolívia, a exceção da comunidade do Senhor Jesus, em São Miguel do Guaporé, que se localiza no médio São Miguel.

As línguas em contato tiveram papel relevante na nova terra descoberta, principalmente, em função do nível de adaptação de cada uma aos contextos sociais. Numa primeira instância, em função do seu uso pelos adultos, e em segunda instância, pelas crianças nascidas na nova terra.

Os primeiros povos, habitantes da terra brasileira eram os Tupi, vindos do sul do continente em grandes movimentos migratórios. Algumas nações Jês foram empurradas para o interior e só contataram com os portugueses em fins do século XVII, quando do início da exploração do ouro e das pedras preciosas. Outras nações, como a dos Aruak e a dos Karib, principalmente, na Amazônia, ou outras menores (lingüisticamente isoladas - Pano, Maku, Tukano, Katukina, Gaikuru, etc.), só muito mais tarde tiveram contato com os portugueses (FRANÇA, 2002:196)

Em relação às Línguas africanas, é necessário que se dê destaque a duas implicações: uma histórica e outra teórica. A primeira, tendo em vista a presença histórica das línguas africanas no Brasil, e a segunda, as especificidades da Língua Portuguesa no Brasil.

Bonvini (1999), tendo tratado sobre o vocabulário africano no Brasil, afirma que parece não haver influência (no sentido estrito da palavra) das línguas africanas no Português do Brasil, mas sim uma capacidade de a língua Portuguesa adaptar-se às línguas africanas, e de incorporar novas palavras em seu léxico.

Bonvini afirma, ainda, que o emprego do termo influência, a propósito dos termos lexicais de origem africana, podendo-se se incluir também termos indígenas, é metodologicamente inadequado e contestável, pois esses termos são, em qualquer situação, empréstimos, e resultam, por isso, de um fenômeno sociolingüístico consecutivo aos contatos entre as línguas em presença. Nesse contexto, eles fazem parte de uma troca bilateral entre as línguas em presença que resultam em integração completa dos termos emprestados. (BONVINI, 2002: 148)

Discutindo essa afirmação de Bonvini, pode-se dizer que os lexemas de origem africana, como os encontrados nesta investigação, nos falares dessas comunidades quilombolas que tiveram uma população africana como ancestrais, podem ou não ser considerados como empréstimos, dependendo do ponto de vista de quem está olhando. Se do ponto de vista de uma comunidade de origem européia, sim; se do ponto de vista de uma comunidade de origem africana, não, pois a noção de empréstimo implica tomar de empréstimo de terceiros aquilo que não pertence à comunidade.

O ponto de vista escolhido nas análises desta pesquisa é da comunidade remanescente de quilombo, no entanto, por ainda não se ter encontrado um termo mais adequado ao contexto em substituição a *empréstimo*, será utilizado o termo *pan-brasileiro*, quando se fizer referência aos vocábulos comprovadamente integrados ao Português brasileiro, que são encontrados em todas as regiões do Brasil, e no falar das comunidades há muito tempo, e o termo *lexema remanescente*, quando se fizer referência a vocábulos os quais se suspeitam serem de origem africana que são específicos dos falares do Guaporé.

2.1.3 Quilombos: cultura, identidade e território.

Segundo Silva (2000:13), Théo Brandão considera que a origem do termo é banto e significa habitação; Munanga acredita ser a palavra de origem banto dos grupos lunda,

ovibundo, mbundo, kongo, imbagala, e de outros povos trazidos como escravos para o Brasil. Este mesmo autor observa que, no início da sua constituição na África, entre os séculos XVI e XVII, o quilombo era uma instituição banto; entretanto, no decorrer da migração desse povo por várias regiões africanas, transformar-se-ia em uma formação ‘transétnica’, pois envolveu povos de diferentes regiões entre a República Democrática do Congo e Angola.

Ainda de acordo com Munanga, em artigo sobre a *Origem e histórico do quilombo na África*,

Pelo conteúdo, o quilombo brasileiro é, sem dúvida, uma cópia do quilombo africano reconstruído pelos escravizados para se opor a uma estrutura escravocrata, pela implantação de uma estrutura política na qual se encontram todos os oprimidos. [...] Imitando o modelo africano, eles transformaram esses territórios em espécie de campos abertos a todos os oprimidos da sociedade (negros, índios, e brancos), prefigurando um modelo de democracia plurirracial que o Brasil ainda está a buscar. (MUNANGA, 1996:63)

Os grupos que hoje são considerados remanescentes de comunidades de quilombos se constituíram a partir de uma grande diversidade de processos, que incluem as fugas com ocupação de terras livres e geralmente isoladas, mas também as heranças, doações, recebimento de terras como pagamento de serviços prestados ao Estado, a simples permanência nas terras que ocupavam e cultivavam no interior das grandes propriedades, bem como a compra de terras, tanto durante a vigência do sistema escravocrata quanto após a sua extinção.

Dentro de uma visão ampliada que considera as diversas origens e histórias desses grupos, uma denominação também possível seria a de "terras de preto", ou "território negro", que enfatiza a sua condição de coletividade camponesa, definida pelo compartilhamento de um território e de uma identidade.

De acordo com o pesquisador Marco Teixeira (2008),

Ao assumir uma identidade, as pessoas de um grupo passam a se auto-reconhecer como iguais. Os fatores convergentes (etnia, biologia, cultura e história, ambiente e outros) impulsionam esse processo e consolidam as proximidades, permitindo a formulação de uma idéia de “nós”, como iguais e, de outro lado, o “eles” como os diferentes. A identidade social tem, então, um destaque central nas discussões contemporâneas no tocante às emergências dos novos movimentos sociais e das questões étnicas. Essas discussões nos remetem a uma análise da importância da diferença e das oposições na construção e vivenciamento dos conceitos de identidade. A identidade é a afirmação e a introspecção de tudo aquilo que se é. Noção dos negros de Santo Antônio do Guaporé, a identidade coletiva os apresenta

como negros, remanescentes de quilombos, guaporeanos e ribeirinhos. Sua identidade se afirma em relação aos outros que podem ter um ou outro elemento das próprias identidades da comunidade, mas não os possuem no seu todo. Assim, só eles são ao mesmo tempo negros, quilombolas, ribeirinhos, guaporeanos. (TEIXEIRA, 2008:03)

Assim, em consonância com o moderno conceito antropológico aqui disposto, a condição de remanescente de quilombo é também definida de forma dilatada e enfatiza os elementos identidade e território. Com efeito, os termos em questão indicam: a situação presente dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos e são utilizados para designar um legado, uma herança cultural e material que lhe conferem uma referência presencial no sentimento de ser e pertencer a um lugar específico.

Esse sentimento de pertença a um grupo e a uma terra é uma forma de expressão da identidade étnica e da territorialidade, construídas sempre em relação aos outros grupos com os quais os quilombolas se confrontam e se relacionam. Estes dois conceitos são fundamentais e estão sempre inter-relacionados no caso das comunidades negras rurais, pois "a presença e o interesse de brancos e negros sobre um mesmo espaço físico e social revela, no dizer de Bandeira, aspectos encobertos das relações raciais". Esses aspectos encobertos, aos quais a autora se refere, são a submissão e a dependência dos grupos negros em relação à sociedade inclusiva.

Assim, parentesco e território, juntos, constituem identidade, na medida em que os indivíduos estão estruturalmente localizados a partir de sua pertença a grupos familiares que se relacionam a lugares dentro de um território maior. Se, por um lado, tem-se território constituindo identidade de uma forma bastante estrutural, apoiando-se em estruturas de parentesco, pode-se ver que território também constitui identidade de uma forma bastante fluída, levando em conta a concepção de flexibilidade dos grupos étnicos e, sobretudo, a idéia de que um grupo, confrontado por uma situação histórica peculiar, realça determinados traços culturais que julga relevantes em tal ocasião. É o caso da identidade quilombola, construída a partir da necessidade de lutar pela terra ao longo das últimas duas décadas.

Um processo histórico de resistência, deflagrado no passado, é evocado para constituir resistência hoje, praticamente como a reivindicação de uma continuidade desse mesmo processo. A identidade de negro é colocada como uma relação de diferença calcada na subalternidade e na diferença de classes. Boaventura S. Santos, ao relacionar identidade e questões de poder, lembra que quem é obrigado a reivindicar uma identidade encontra-se necessariamente em posição de carência e subordinação.

E é a partir dessa posição historicamente desfavorável, no que diz respeito às relações de poder, que comunidades quilombolas vêm lutando pelo direito de serem agentes de sua própria história. Em tal situação de desigualdade, os grupos minoritários passam a valorar positivamente seus traços culturais distintivos e suas relações coletivas como forma de ajustar-se às pressões sofridas, e é neste contexto social que constroem sua relação com a terra, tornando-a um território impregnado de significações relacionadas à resistência cultural. Não é qualquer terra, mas a terra na qual mantiveram autonomias cultural, social e, conseqüentemente, auto-estima.

A maior parte desses grupos que hoje vêm reivindicar seu direito constitucional o faz como um último recurso na longa batalha para se manter em suas terras, as quais são alvo de interesse de membros da sociedade envolvente, em geral grandes proprietários e grileiros, cuja característica essencial é tratar a terra apenas como mercadoria.

2.1.4 Estudo dos dialetos e dos falares

A dialetologia estuda os fenômenos lingüísticos em uma perspectiva espacial-geográfica, ou seja, estuda as peculiaridades das diferentes regiões brasileiras, no eixo diatópico ou horizontal. O estudo das cartas lingüísticas dentro da dialetologia é a chamada geolingüística, uma forma abreviada de Geografia Linguística, que é o estudo das variações na utilização da língua por indivíduos ou grupos sociais de origens geográficas diferentes.

Para Jean Dubois et alii,

O termo dialetologia, usado às vezes como simples sinônimo de geografia linguística, designa a disciplina que assumiu a tarefa de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos em que uma língua se diversifica no espaço e de estabelecer-lhe limites. Emprega-se também para a descrição de falas tomadas isoladamente, sem referência às falas vizinhas ou da mesma família. (DUBOIS et alii, 1973:185)

O dialeto compõe-se de um feixe de isoglossas que, de certa forma, demonstram uma homogeneidade dentro de uma comunidade lingüística em relação a outras. Entende-se por isoglossa uma linha que, em um mapa lingüístico, indica as áreas em que se concentram determinados traços lingüísticos, marcando semelhanças ou diferenças, que podem ser fônicas, morfológicas, léxicas ou sintáticas, de acordo com a natureza do elemento lingüístico focalizado, podendo atuar como: isoglossas diatópicas (em espaço geográfico), isoglossas diastráticas (lingüísticas sócio-culturais) e isoglossas diafásicas (de estilo). (HOUAISS, 2001)

Segundo Wouk (s/d), o estudo dos falares é mais complexo que o das línguas literárias, porém mais instrutivo: revela a biologia da linguagem e as várias fases de sua evolução. ‘Quem não explorar os falares de sua língua não a conhece senão pela metade’. O próprio progresso das teorias lingüísticas não é realizável sem o exame minucioso dos fatos dialetais. Entrosada com a etnografia (a cultura espiritual e material de um povo), com a sociologia (herança social, padrões sociais) e antropologia (estudo do homem), ela estuda as manifestações populares.

A documentação lingüística recorre a materiais mortos e materiais vivos. Por materiais mortos entendem-se duas categorias de fontes: a) as fontes epigráficas, isto é, as inscrições; b) as fontes escritas ou literais, ou seja, os textos, manuscritos ou impressos de qualquer natureza: textos de arquivos, religiosos, didáticos, técnicos, obras literárias propriamente ditas, etc.

As fontes epigráficas podem necessitar de um trabalho não apenas de interpretação, mas de decifração. As inscrições, sobretudo as oficiais, são documentos pobres, muito fragmentários, pouco variados, cheios de nomes próprios e em geral de caráter artificial, estereotipado.

As fontes escritas fornecem uma documentação mais abundante e mais variada. Contudo, estão longe de poder satisfazer plenamente a uma lingüística, porque sua língua tem muitas vezes um caráter oficial (formas literárias, usos administrativos, fórmulas, etc), e um caráter conservador que a torna defasada em relação à época em que usada. Não fornecem, pois, senão um material incompleto e transmitido por transcrição pouco segura. Nas melhores condições possíveis, a escrita é testemunho infiel; as fontes escritas nada nos informam, por exemplo, sobre a acentuação e a entonação; devem ser cuidadosamente interpretadas para a pronúncia; fornecem apenas uma pequena parte do material lexical e do sistema gramatical.

Já os materiais vivos são tirados da observação direta da língua falada, do uso vivo, sob todos os aspectos: fônicos, lexical, gramatical. Constituem, sem dúvida, o melhor material de documentação, o mais seguro, o mais preciso.

Sobre o conceito de falar, Dubois et alii apresentam as seguintes informações:

Por oposição a dialeto, considerado como relativamente coeso sobre uma área muito extensa e delimitada por meio de critérios lingüísticos da dialetologia e da geografia lingüística, o falar é um sistema de signos e de regras combinatórias definido por um quadro geográfico estreito (vale, por exemplo, ou aldeia) e no qual, de saída, o *status* social é indeterminado.

Uma língua ou dialeto, estudados num ponto preciso, o são, pois, estudados como falares. (DUBOIS et alii, 1973: 265-266).

Desta forma, pode-se inferir que o falar implica a existência de uma comunidade de fala, tendo uma ligação mais estreita com a identidade do grupo; e o dialeto implica o espaço geográfico, serve para caracterizar as diferenças que não opõem línguas, mas variedades de uma mesma língua.

Na parte geográfica em estudo há, como nos demais lugares do Brasil, muitos falares que apresentam variações da Língua Portuguesa do Brasil. Essas variações se apóiam sobre a distância geográfica e sobre a influência de diferenças lingüísticas locais.

De acordo com o Site do Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz, o dialeto é uma variedade lingüística especificada por sua distribuição geográfica. O Português brasileiro compreende dialetos do Norte (amazônico, paraense), do Nordeste (pernambucano, baiano), do Sudeste (caipira, carioca), do Centro-Oeste (cuiabano) e do Sul (paranaense, catarinense, gaúcho). Inicialmente, opunham-se os falares, variedades regionais de fácil intercompreensão, aos dialetos, variedades regionais de difícil intercompreensão. Por essa distinção, o Brasil só dispõe de falares. No entanto, no momento, é mais corrente o uso do termo dialeto para indicar variedades regionais assinaladas por diferentes graus de intercompreensão.

2.1.5 Lexicologia

A Lexicologia, ciência antiga, tem como objetos básicos de estudo e análise a palavra, a categorização lexical e a estruturação do léxico.

O léxico, saber partilhado que existe na consciência dos falantes de uma língua, constitui-se no acervo do saber vocabular de um grupo sócio-lingüístico-cultural. Na medida em que o léxico configura-se como a primeira via de acesso a um texto, representa a janela através da qual uma comunidade pode ver o mundo, uma vez que esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também, as inovações tecnológicas, transformações sócio-econômicas e políticas ocorridas numa sociedade.

Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade. Desse modo, o universo lexical de um grupo sintetiza a maneira de ver a realidade e a forma como seus membros estruturam o mundo que os rodeia e designam

as diferentes esferas do conhecimento. Assim, na medida em que o léxico recorta realidades do mundo, define, também, fatos de cultura. (BIDERMAN, 2001:9)

O léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo. Ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente. Assim, a nomeação da realidade pode ser considerada como a etapa primeira no percurso científico do espírito humano de conhecimento do universo. Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. Foi esse processo de nomeação que gerou o léxico das línguas naturais. Pode-se afirmar que, ao nomear, o indivíduo se apropria do real como simbolicamente sugere o relato da criação do mundo na Bíblia, em que Deus incumbiu ao primeiro homem a dar nome à toda a criação e dominá-la. A geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos lingüísticos: as palavras.

Os conceitos, ou significados, são modos de ordenar os dados sensoriais da experiência. Através de um processo criativo de organização cognitiva desses dados surgem as categorizações lingüísticas expressas em sistemas classificatórios: os léxicos das línguas naturais. Assim, pode-se afirmar que o homem desenvolveu uma estratégia engenhosa ao associar palavras a conceitos, que simbolizam os referentes. Portanto, os símbolos, ou signos lingüísticos, se reportam ao universo referencial. (BIDERMAN, 2001:13 -14)

2.1.6 Neologia e Neologismos

Muitos são os caminhos trilhados pelo dinamismo das línguas. Palavras se criam dentro do próprio vernáculo, palavras ampliam ou restringem o seu significado, adquirem valores pejorativos ou meliorativos, palavras migram de uma língua para outra(s), formam ou não derivados e compostos, mantêm ou não a sua grafia de origem, dicionarizam-se ou não.

Afirma a professora Ieda Maria Alves (1984: 119), citando B. Quemada, que “Uma língua que não conhecesse nenhuma forma de neologia seria uma língua morta e, em suma, a história de todas as línguas constitui a de sua neologia”.

A pesquisadora reconhece três tipos de neologia: formal – neologismos criados por meio de derivação; semântica – neologismos criados pela atribuição de um novo significado a

um mesmo segmento fonológico; por empréstimo – neologismos que resultam da adoção de um lexema estrangeiro.

O primeiro passo para o enriquecimento do idioma diria respeito à modalidade oral; o derradeiro, à sua inclusão lexicográfica. Ao reproduzir as palavras de Court de Gébelin, em *Monde primitif*, escreve o dicionarista Antenor Nascentes (1955: XII):

Conhecer uma palavra é conhecer as causas que lhe fizeram atribuir o sentido de que se reveste, a língua donde é originária, a família a que pertence, as alterações que experimentou. Não são somente palavras que assim se aprendem; aprendem-se ao mesmo tempo coisas. Uma coleção de etimologias seria já um resumo de todas as ciências e um grande avanço para começar o estudo delas.

Falando sobre processos intralingüísticos do neologismo, Da Neologia à Neologia na Literatura, Barbosa (2001) classifica o neologismo em fonológico, semântico, sintagmático e alogenético. Nesta discussão, interessa principalmente o debate teórico sobre o neologismo semântico que a autora apresenta como “expressão do signo base, ao qual é atribuído novo conteúdo, correspondente a novo recorte cultural” e destaca ainda, para esse tipo de neologismo, a qualidade de ser o processo mais freqüente e mais produtivo de ampliação e renovação lexical, e de possibilitar a polissemia como regra e não como exceção.

Para Pietroforte e Lopes (2006), quando se utiliza o termo polissemia, o critério de definição muda do significante para o significado. Na polissemia, a um único significante correspondem vários significados. Os autores consideram que a linguagem humana é polissêmica, pois os signos, tendo um caráter arbitrário e ganhando seu valor nas relações com outros signos, sofrem alterações de significado em cada contexto.

Interessa também falar sobre o neologismo alogenético, no qual a autora em epígrafe distingue os seguintes aspectos:

[...] como uma unidade nova emprestada de outro sistema lingüístico e sociocultural. A adoção do novo lexema compreende várias etapas, e nas várias fases por que vai passando, nesse processo de adoção, assume tal lexema características diversas, segundo o grau de aceitabilidade, o grau de assimilação pelo grupo, sua integração às estruturas da língua receptora. A freqüência de atualização que apresente, ou as adaptações por que passa, no plano fonético-fonológico ou semântico-sintático, permitem classificar o neologismo alogenético em determinados tipos: a) palavra estrangeira, aquela que aparece somente nos discursos em que é empregada; b) peregrinismo, unidade léxica que se acha na primeira fase de sua inserção [...]; xenismo, a palavra adotada que, embora apresente aumento de freqüência, não sofreu adaptações, nem no plano da expressão nem no plano do conteúdo; c) empréstimo, palavra que, tendo passado pelas fases a e b,

torna-se de alta frequência e distribuição regular, sofrendo alterações nos planos da expressão e do conteúdo. (BARBOSA, 2001:42)

O neologismo por empréstimo, segundo Bonvini (2002), em seu artigo *Palavras de origem africana no Português do Brasil: do empréstimo à integração*,

é todo um processo da integração da palavra emprestada na língua que a toma emprestado que se faz de modos muito diversos, de acordo com as palavras, as circunstâncias e, também as épocas, resultando em formas muito variadas que testemunham uma integração progressiva e mais ou menos complexa. (BONVINI, 2002: p. 149).

Outra ponderação de Bonvini é que certos empréstimos atestados no Brasil são de fato apenas de segunda e de terceira geração, uma vez que, segundo ele, os empréstimos são resultantes do contato entre línguas, diversificando-se, conforme o tempo e o espaço. O tempo e o espaço a que o autor faz referência é, no caso, o dos empréstimos identificados como de línguas africanas, dizendo que

seria muito restritivo considerar somente o período da escravidão propriamente dita, ou ainda somente o espaço exclusivamente brasileiro. O que ocorreu no Brasil é apenas uma parte de um processo mais amplo. Contatos regulares entre línguas africanas e a língua portuguesa precederam ou acompanharam, na África ou fora da África, o fenômeno do empréstimo, de maneira que hoje se deve levantar a hipótese de que certos empréstimos atestados no Brasil são de fato apenas empréstimos de segunda ou talvez terceira geração. (BONVINI, 2002: 148-49)

Do ponto de vista ideológico, a noção de que o empréstimo não resulta de influência e, sim, de um fenômeno de contato entre línguas ajuda a esclarecer porque há tantos termos emprestados na língua portuguesa que os falantes nativos já usam com tanta naturalidade e nem imaginam que o são. Citando Bonvini e Petter, (1998: 79-80) Bonvini diz que se trata “da capacidade da língua portuguesa apropriar-se dos termos necessários a sua própria expressividade”.

Muito antes de Bonvini, Angenot e Jacquemin (1976), em pesquisa sobre a Identificação de critérios lingüísticos que permitem precisar a origem dos empréstimos bantos no português do Brasil, diziam que a integração acontece de forma tão profunda que certos vocábulos chegam a passar despercebidos.

Ampliando essa discussão, Pulcinelli (1988: 31), falando da relação de contato e os empréstimos, chama a atenção para o apagamento das formas de representação da cultura indígena no confronto com a cultura brasileira, cultura dominante que exerce seu poder pela e na linguagem. A autora ainda diz, categoricamente, que “atomizada, restrita, descaracterizada,

a relação entre línguas indígenas e a língua portuguesa parece não ter nenhuma realidade cultural ou histórica”.(p.33)

Aqui se impõe uma reflexão: o conceito de empréstimo às línguas indígenas não tem *status* em relação à Língua Portuguesa porque sempre é considerado em seu aspecto documental e etnológico de forma superficial, não se admitindo uma relação cultural e política de fundamental importância para a evolução de uma identidade brasileira.

A importância política das comunidades tradicionais precisa ser resgatada não só com publicação de listas de vocabulário isolado de indigenismos e africanismos, mas, sobretudo, com a valorização dessas culturas que compõem a sociedade brasileira.

Neste ponto vale ressaltar que a noção de empréstimo integrado é inadequada à definição das formas encontradas no *corpus* desta pesquisa, visto não terem sido identificados vocábulos com características evidentes de palavra “estrangeira” e de apropriação recente, ressaltando-se que o ponto de vista utilizado na análise é do remanescente de quilombola.

2.1.7 Ciência toponímica

A onomástica, ramo da linguística que se ocupa do estudo dos nomes próprios (antropônimos) e de lugares (topônimos), tem se apresentado como um rico campo de investigações, uma vez que o levantamento e a análise desses materiais vivos constituem um resgate sócio-histórico, podendo refletir fatos e ocorrências de diferentes momentos da vida de uma sociedade. Desta forma, o antropônimo e o topônimo adquirem valores que transcendem o próprio ato de nomear.

Sabe-se que toda língua natural reflete a cosmovisão de seus falantes por meio de seu acervo lexical e que este constitui o conjunto de palavras de uma língua natural, no qual estão projetadas as experiências vividas por determinado grupo sócio-linguístico-cultural. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva estreita relação com a história cultural da comunidade. (OLIVEIRA e ISQUERDO, 2004:09).

Segundo as autoras acima, a análise do conjunto presente na língua de um grupo reflete o seu modo de ver a realidade e a forma como seus membros organizam o mundo que os rodeia, por exemplo, quando nomeiam pessoas e lugares.

Ao designar um lugar com um nome, estabelece-se uma relação binômica, uma conexão entre o acidente geográfico (o rio, o igarapé, o município, o seringal, o quilombo, a comunidade etc) e o nome atribuído a ele, em que as partes formam um todo representativo.

Nesse ato de nomeação, diferentes fatores interferem (influenciam, motivam) na escolha do denominativo, tanto de ordem físico-ambiental, de acordo com as características do próprio acidente, quanto de ordem antropológica e cultural, levando em conta a visão de mundo do grupo humano.

A nomeação pelo aspecto cultural coloca em xeque a idéia de acidente, pois trata-se de regras pragmáticas interiorizadas pelos falantes de qualquer língua, que se referem, automaticamente, a seu universo e consciência para denominar os lugares, ambientes e perpetuar, assim, sua própria história, sua própria visão do mundo: meio ambiente, ecologia, presença e / ou ausência de tal ou qual realidade da flora ou da fauna. Por exemplo: ao batizar um lugar são usadas essas regras que todos os membros conhecem e que nem sempre tem uma relação direta com a configuração espacial do acidente e, sim, com a lembrança que esse grupo tem de um outro lugar onde já viveu anteriormente.

Como disciplina, a Toponímia estuda os nomes próprios de lugares (os nomes geográficos) denominados de topônimos. Os especialistas nessa área têm apresentado diferentes conceituações para o referido ramo onomástico. Interessa neste caso o conceito e as categorias taxonômicas de Dick, (1990;2004), que concebe a Toponímia como “um imenso complexo linguístico-cultural, em que dados das demais ciências se interseccionam necessariamente e não exclusivamente”.

Isquerdo, contudo, diz que a busca da motivação no signo toponímico não é tão simples. A pesquisadora reconhece essa complexidade afirmando que:

[...] a diversidade de influências culturais na formação étnica da população, como também, as especificidades físicas de cada região tornam dificultosa toda tentativa de explicação das fontes geradoras dos nomes de lugares e de acidentes geográficos. Em vista disso, o esclarecimento da origem de determinados topônimos fica na dependência da recuperação, não raras vezes, de fatores extralinguísticos como as características geo-sócio-econômicas de uma região e, conseqüentemente, as marcas étnicas e sociais da população habitante em tal espaço físico-cultural. (ISQUERDO, 1997:33)

Sousa (2007a, p. 36), apoiado em Dick (1990) acrescenta que a motivação toponímica possui um duplo aspecto que transparece em dois momentos: “primeiramente, na intencionalidade do denominador ao selecionar o nome, na qual concorrerem circunstâncias de ordem objetiva ou subjetiva”, e em seguida na origem semântica da nomeação, no significado intrínseco a ela, que se revela de modo transparente ou opaco, apontando para as mais diversas origens.

Assim, considerando-se o nome próprio [de lugar] como fato da língua (como um signo lingüístico que identifica e guarda uma significação precisa de aspectos físicos ou antro-po-culturais), o estudo toponomástico servirá como fonte de conhecimento da língua falada numa dada região e como recuperação de fatos físico-geográficos e/ou sócio-histórico-culturais, em parte ou em sua totalidade, por que passaram os povos que habitaram, temporária ou definitivamente a região pesquisada (SOUSA, 2007:36).

Desse modo, no ato de nomeação, mecanismo influenciado externamente ou subjetivamente, deixa transparecer nos topônimos pistas semânticas das mais diferentes procedências, tornando perceptível um estreito vínculo entre o objeto denominado e seu denominador.

Categorias taxionômicas: motivação semântica

O sintagma toponímico (ou topônimo) apresenta-se em formas e funções variadas. Estruturalmente, de acordo com Dick (1990, p. 10), o topônimo compreende dois elementos: o termo (elemento) genérico e o termo (elemento) específico. O primeiro corresponde ao nome do próprio acidente geográfico que será denominado; e o segundo, corresponde ao elemento que identifica, singulariza o acidente. Por exemplo, no sintagma Seringal Alagoas: Seringal é o termo genérico e Alagoas, o específico.

O aspecto funcional do sintagma toponímico, por sua vez, constitui sua principal característica. Em Dick (1990, p. 367), são apresentados os princípios teóricos de análise toponímica e uma discussão sobre dois planos de investigação – o diacrônico e o sincrônico – considerando que a investigação no âmbito do segundo plano, permite “o exame das séries motivadoras, que conduziram à elaboração das taxes toponímicas, vinculadas, de modo genérico, aos campos físico e antro-po-cultural”.

Em outra obra, Dick (1992), a pesquisadora apresenta uma reformulação do modelo de classificação taxionômica para os topônimos – o primeiro modelo foi apresentado em Dick (1975) –, contemplando 27 (vinte e sete) taxes: 11 (onze) relacionadas com o ambiente físico – Taxionomias de Natureza Física –, e 16 (dezesseis) relacionadas com os aspectos sócio-histórico-culturais que envolvem o homem – Taxionomias de Natureza Antro-po-Cultural. As referidas categorias taxionômicas são descritas e exemplificadas a seguir e servirão de base para as análises dos topônimos identificados no *corpus* desta pesquisa.

Taxionomias de natureza física

- Cromotopônimos: topônimos relativos à escala cromática. Ex. Igarapé Preto (AC);
Fitotopônimos: topônimos relativos aos vegetais. Ex. Flores (PE);
- Hidrotopônimos: topônimos relativos a acidentes hidrográficos em geral. Ex. Cachoeirinha (RS).

Taxionomias de natureza antro-po-cultural

- Animotopônimos (ou Nootopônimos): topônimos relativos à vida psíquica, à cultura espiritual. Ex. Vitória (ES); Antropotopônimos: topônimos relativos aos nomes próprios individuais. Ex. Barbosa (SP);
- Axiotopônimos: topônimos relativos aos títulos e dignidades que acompanham nomes próprios individuais. Ex. Coronel Ezequiel (RN);
- Ergotopônimos: topônimos relativos aos elementos da cultura material. Ex. Jangada (MT);
- Etnotopônimos: topônimos relativos aos elementos étnicos isolados ou não (povos, tribos, castas). Ex. Capixaba (AC);
- Poliotopônimos: topônimos relativos aos vocábulos: vila, aldeia, cidade, povoação, arraial. Ex. Vila Nova Mameré.
- Hierotopônimos: topônimos relativos a nomes sagrados de crenças diversas, a efemérides religiosas, às associações religiosas e aos locais de culto. Ex. Capela (AL).
Essa categoria subdivide-se em:
- Hagiotopônimos: nomes de santos ou santas do hagiológico católico romano. Ex. Santa Luzia (BA)

2.2 Delineamento metodológico

Há vários métodos de pesquisa. Cada um deles apresenta uma forma de coletar e analisar a evidência dos dados empíricos, portanto, cada um apresenta vantagens e desvantagens, cuja clareza é fundamental ao optar-se por este ou por aquele. A decisão sobre o método depende, naturalmente, daquilo que o pesquisador quer saber, ou seja, dos problemas e das questões para as quais quer respostas.

2.2.1 A pesquisa lingüística de campo

A pesquisa lingüística de campo, ou inquérito lingüístico, é o meio de obter dados lingüísticos e de estudar seus fenômenos. Envolve dois participantes: o falante (ou falantes) da língua e o investigador, ou pesquisador. O modo de investigar deve ser o mais direto possível, pelo contato pessoal. O falante da língua, o informante, é a fonte da informação e o intérprete das formas a elas apresentadas pelo investigador. Este é o método do informante ou método de contato. Segundo Wouk (s/d),

a pesquisa de campo pode ser levada a efeito não apenas no campo, como a palavra sugere, mas em qualquer lugar; sobre as línguas ainda não conhecidas, mal conhecidas, ou mesmo aquelas divulgadas no uso. A pesquisa de campo desempenha importante papel no estudo da linguagem. Se dependêssemos apenas dos textos escritos da língua, nosso conhecimento seria muito limitado. Na verdade, a história da lingüística na poderia ser contada se não se levassem em conta as contribuições dadas pelos lingüistas que trabalham sobre os materiais vivos das línguas. (p.124)

Os materiais vivos são tirados da observação direta da língua falada, do uso vivo, sob todos os aspectos: fônico, lexical, gramatical. Constituem, sem dúvida, o melhor material de documentação, o mais seguro, o mais preciso.

Essa menção a materiais vivos explica as dificuldades encontradas no contato com o informante: abordagem, convencimento, adequação ao instrumental, entraves por timidez, local etc.

Dentre os vários tipos de abordagem na pesquisa de campo: inquérito por correspondência com ajuda de terceiros; aplicação de questionário; observação; conversação dirigida ou interrogatório; o modo escolhido para o empreendimento desta tarefa foi a conversação dirigida e gravada.

2.2.2 Delimitação do campo da pesquisa

Segundo Wouk (s/d), a escolha da comunidade lingüística a investigar é de grande importância para que se possam proporcionar informações sobre a vida e a linguagem, devendo apresentar as seguintes condições: a) ser antiga; b) não muita populosa, c) viver em certo grau de isolamento, longe dos centros e não muito freqüentada por estranhos; d) de atividade não industrial, mas pastoril ou agrária.

O público alvo desta pesquisa, os quilombos do Vale do Guaporé, em Rondônia, preenche os requisitos acima em todos os sentidos, pois uma das características da região do Vale do Guaporé é o isolamento e a inacessibilidade. Para se chegar à Comunidade de Santo Antonio do Guaporé, partindo de Porto Velho / RO, viaja-se de ônibus até Costa Marques e de barco pelo Rio Guaporé por mais ou menos um dia e meio, isso em condições ótimas, sem

panes no motor do barco, sem falta de óleo e com bastante sorte de ter um capitão que conheça bem os bancos de areia que se formam nas partes mais baixas do leito rio em épocas de seca. O mesmo acontece com Pedras Negras.

Já as Comunidades de Santa Fé e Senhor Jesus têm acesso por estrada de terra, pois o asfaltamento não chegou ainda até a BR-429. A Comunidade do Senhor Jesus fica a 110 km do Município de São Miguel do Guaporé e vai-se até lá pelas estradas abertas, em parte, pelos fazendeiros do Projeto Agropastoril Primavera. Em muitos momentos, é necessário descer do carro para abrir as porteiras das grandes fazendas.

2.2.3 A coleta de dados

Como já dito acima, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas gravadas em mídia digital. Foram entrevistados 13 informantes adultos, moradores dos quilombos, descendentes de quilombolas. Três dessas entrevistas foram realizadas em Vila Bela da Santíssima Trindade, também com pessoas cujos antepassados eram quilombolas.

Antes de cada entrevista, o anteprojeto de pesquisa foi apresentado, esclarecidas as dúvidas do(a) entrevistado(a) e solicitada a autorização escrita para a gravação e divulgação da entrevista, realizada pelo método de conversa dirigida.

Foram realizadas 03 entrevistas em Vila Bela, MT, e 10 entrevistas nas comunidades remanescentes de quilombos em Rondônia na ordem do quadro abaixo:

Infor.	Idade	T. Moradia	S	Profissão	Escolar.	Comunidades
01d	70 anos	70 anos	M	Aposentado	Ens. Médio	Vila Bela
02d	58 anos	58 anos	M	Secretário do Congo	Ens. Médio	Vila Bela
03d	72 anos	72 anos	M	Aposentado	Ens. Médio	Vila Bela
01fc	45 anos	25 anos	F	Professora	Superior	Santo Antônio
02fc	68 anos	49 anos	M	Aposentado	alfabetizado	Santo Antônio
03fc	50 anos	50 anos	M	Agricultor	alfabetizado	Santo Antônio
04fc	50 anos	30 anos	F	Artesã	4ª série	Santo Antônio
05fc	68 anos	22 anos	M	Aposentado	3ª série	Santo Antônio
06fc	47 anos	40 anos	M	Agricultor	alfabetizado	Santo Antônio
07fc	50 anos	47 anos	M	Agricultor	5ª série	Santo Antônio
08d	68 anos	40 anos	M	Aposentado	Ens. Médio	Santa Fé
09d	66 anos	20 anos	F	Aposentada	Ens. Fund.	Pedras Negras
10d	76 anos	48 anos	M	Aposentado	Alfabetizado	Senhor Jesus

d – Gravação Digital **fc**- Gravação em Fita Cassete - analógica

2.2.4 Os informantes

Segundo Wouk (s/d), chegando ao lugar onde vai proceder ao inquérito, o investigador deve escolher um ou mais informantes. É tarefa que exige grande cuidado, porque há bons e maus informantes. Haverá uma dificuldade inicial em obter a colaboração de uma habitante do lugar por causa de seu trabalho ou ocupações diárias. Nem sempre os moradores terão disponibilidade de tempo para dar entrevistas, uma atividade que não lhe interessa diretamente. Será preciso convencê-lo da importância de fazê-lo.

Durante esta pesquisa, os informantes foram abordados com explicações sobre o trabalho e sua importância, sobre o modo de gravação e aceitaram de bom grado a dar entrevista. Houve somente uma dificuldade: em todas as comunidades havia um consenso tácito de que os entrevistados seriam as pessoas mais velhas da comunidade. O fato é que, a maioria dos informantes desta coleta tinha acima de 50 anos de idade.

Sabe-se que, de modo geral, um informante só não basta, mas é difícil estabelecer uma regra definitiva, dependendo do objeto da pesquisa. No entanto, em pesquisa dialetológica é indispensável recorrer a pessoas de várias idades, classes e profissões.

Felizmente, os informantes foram pessoas do lugar, pessoas que conheciam bem a história da comunidade, com família morando também na localidade, pouco viajadas, quase sem instrução, tendo freqüentado muito pouco a escola e com muita simplicidade no falar.

Um dado que vale destacar com relação aos informantes, foi que as mulheres, quando convidadas a dar entrevistas, declinavam gentilmente dizendo que quem sabia fazer isso eram os mais vividos do quilombo. Como se pode ver no quadro acima, somente uma mulher aceitou falar, mas porque seu esposo não estava presente no momento. O que se pode observar a princípio é que há um consenso sobre a autoridade da fala dos mais velhos nas comunidades quilombolas.

2.2.5 Os passos da pesquisa

- Estudos bibliográficos;
- 1ª parte da Pesquisa de Campo – Vale do Guaporé: Vila Bela da Santíssima Trindade / MT;
- Transcrições das entrevistas realizadas em Vila Bela da Santíssima Trindade;
- Estudos bibliográficos;
- 2ª parte da Pesquisa de Campo – Quilombos do Vale Guaporé em Rondônia;
- Transcrições;
- Análise dos dados à luz do referencial teórico.

2.2.6 Considerações sobre a coleta e a análise dos dados

A primeira observação a ser feita é que esta pesquisa não teve a pretensão de ter como resultado um Atlas lingüístico do falar dos quilombolas do Guaporé. É, antes de tudo, uma aproximação à linguagem falada dos quilombolas, no sentido de iniciar um levantamento sobre a realidade lingüística profundamente marcada pelo contato de vários grupos étnicos.

As informações da historiografia e da etnolingüística ajudam a levantar a hipótese de que as diversas etnias negras, conforme Angenot (2007), vindas para o Brasil no período da escravidão estabeleceram o contato com o Espanhol e o Português de Portugal, as línguas dos Senhores, respectivamente, como é o caso dos negros de Vila Bela, e com as línguas indígenas, etnias que já habitavam a terra que foi chamada de Brasil, e desse contato resultaria uma maior incidência no léxico de vocábulos de línguas castelhanas, indígenas e africanas, como poderá ser visto mais adiante.

Nas análises, fez-se a escolha de identificar a procedência dos quilombolas, Vila Bela da Santíssima Trindade – Vale do Guaporé no estado do Mato Grosso e os quilombolas do Vale do Guaporé no estado de Rondônia. Tal escolha buscou confirmar a indagação sobre que palavras permaneceram no léxico e que palavras são ou não mais usadas pelos quilombolas de Rondônia.

O estabelecimento do critério de semelhanças e diferenças entre o falar de procedência e o falar do destino permitiu a visualização cultural através da nomeação dos objetos, dos lugares, dos procedimentos, das observações da vida e da sociedade e da política, e da manifestação religiosa. A idéia não é de comparar é de fazer uma ponte entre o antigo e o novo.

A questão espacial também foi observada, tendo em vista que a localização geográfica da maioria dos quilombos se dá próximo ao rio que faz fronteira com comunidades Bolivianas, e com comunidades indígenas em seu entorno. A exceção nessa organização espacial se dá com a Comunidade Remanescente de quilombos do Senhor Jesus, que se localiza no Vale do Rio São Miguel, afluente do Guaporé.

O fato de a pesquisa ter sido realizada com base no falar dos quilombolas explica-se por ser esse campo mais fértil, tendo em vista que, segundo os historiadores, não se tem muitos documentos escritos sobre a cultura dos quilombolas, sua história e sua vida. Muito menos se tem documentos escritos por eles mesmos. É fato que a história deles está se perdendo no tempo. A Língua de seus antepassados já se perdeu no tempo.

Esta realidade de esquecimento lembra a história do Latim que por muito tempo foi usado nas missas da Igreja Católica, mesmo quando não mais se falava essa língua em outros momentos da vida. As manifestações religiosas, com seu fazer que retém a tradição, têm a capacidade de guardar aspectos da cultura de um povo. No caso dos quilombolas, talvez esteja nos rituais e danças o maior estoque de informações sobre o passado, a história e a língua – componentes da cultura.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O objetivo deste capítulo é apresentar e analisar os dados coletados na pesquisa de campo realizada no Vale de Guaporé.

Os dados apresentados a seguir foram identificados nas transcrições das entrevistas (anexo nº 01) de acordo com o critério de reconhecimento da construção da identidade revelada pelos valores, crenças, hábitos e costumes de cada comunidade.

Por uma questão de objetividade, foi necessária a escolha das palavras que ecoavam com maior intensidade nas falas, através do critério de repetição do termo ou expressão, como suporte sobre o qual as análises foram realizadas, no sentido de se reconstruir a integração dos vocábulos à linguagem, com a identificação da etimologia, quando necessário, baseada nos compêndios lexicográficos e análise com base no referencial teórico.

A identificação dos lexemas, das expressões e dos topônimos se deu nas transcrições das três entrevistas acontecidas em Vila Bela, de cunho memorial (passado), e das dez entrevistas realizadas nos remanescentes de quilombos de Rondônia: Santo Antônio, Pedras Negras, Santa Fé e Senhor Jesus, com relatos livres sobre a vida presente dessas comunidades.

Os dados serão apresentados por meio de tabelas nas quais o léxico e as expressões foram separados por área, quais sejam: identidade social e familiar, sobrevivência e alimentação, manifestações culturais e religiosas, expressões da sabedoria popular do Vale do Guaporé (ervas medicinais / curas, apelidos e simpatias) e, por último, os topônimos, apresentados com identificação etimológica ou com contextualização referencial nas entrevistas.

3.1 Apresentando o léxico da identidade social e familiar:

IDENTIDADE	ETIMOLOGIA			
LÉXICO	AURÉLIO	HOUAISS	CUNHA	NASCENTES
Negro	Latim	Latim	Latim	Latim
Índio	Latim	Latim	Latim	De Índia
Boliviano	NC	NC	NC	NC
Remanescente	Latim	Fonte histórica sXIV	Latim	Latim
Descendente	NC	Latim	Latim	Latim

Como se pode ver na tabela acima, as palavras selecionadas neste item foram: negro, índio, boliviano, remanescente e descendente.

O vocábulo **negro** cuja etimologia é de origem latina aparece na fala do Informante 1d de Vila Bela com as variantes de sentido: *braço* e *cão farejador*, como pode ser confirmado abaixo:

[...], o negro foi o único *braço* que tinha condição, né, do trabalho, do garimpo, né, ele é como *cão farejador*, sabia, porque lá na África eles trabalhava já, na verdade, na extração do ouro e [...] o negro embora eles não tinham... uma visão muito ampla, mas eles também tinham esse conhecimento pro lado do garimpo, pro lado das construção, comércio, né, as bases de alicerce das construção era quem fazia direito e quem também garimpava não era o branco, era o negro, era ele que pegava todo serviço pesado pra vim de Cuiabá aqui como é que vinha? Vinha a pé, ou então, por exemplo, no lombo de um burro, de um boi, um carneiro, trazendo as coisas, a parte de alimentação (INFORMANTE 1d)

Mais à frente, esse mesmo informante diz que o negro era *burro de carga*, porque andava a pé por longas distâncias, carregando peso, e que não era por falta de conhecimento, pois não lhe faltava experiência sobre garimpo, mineração, construção e comércio. Essa situação se dava por causa de sua condição de *escravo* do colonizador português.

Ainda nas falas dos informantes de Vila Bela, encontram-se duas variações semânticas para o vocábulo negro que se relacionam diretamente com a realidade étnica e cultural antepassada dos quilombolas: *Guiné* (do Topônimo Guiné?), que segundo o Informante 2d, “é preto na língua da África” e; *Matingombê* – “era o cara que era rebelde”, vocábulos presentes na linguagem ritualística da Dança do Congo.

Comentando sobre essas palavras, o Informante 3d diz o seguinte: “[...] a Dança do Congo se revela algum linguajar africanos, mas mesmo a pessoa que revela não sabe traduzir. Ela fala assim aquele linguajar, não é?, vai na decoração, mas não sabe as expressões” (p. 22).

Decoração, na concepção apresentada pelo informante, é usada no sentido de gravado na memória sem que se tenha consciência dos valores semânticos que as palavras veiculam.

Lima (2000:178), em sua Dissertação de Mestrado *Vila Bela da Santíssima Trindade – MT: sua fala, seus cantos*, identificou a palavra *matimbombê* na letra do canto da Dança do Congo que caracteriza o ritual da matança dos soldados: “I - Em paz, em paz, em paz / Em paz, em paz, em paz enganaiá. II – Já, lá, lá mutê / Já, lá, lá mutê / Já, lá, lá calunga / Já, lá, lá mutê. III – Olha lá mantimbombê, ê, ê, ê / Olha lá matimbombê, enganaiá”. Mais à frente, no glossário de termos (página 174), registra esse vocábulo com o significado de “vamos bater tambor”, identificando sua origem banto. Pode-se observar a distinção de sentido diferente da encontrada nesta pesquisa: “matimbombê é o cara que era rebelde” (INFORMANTE 2d)

Se essas palavras são usadas em outros contextos em Vila Bela, não se pode confirmar. O fato é que elas também não aparecem nas falas dos remanescentes de quilombos de Rondônia. Provavelmente, elas sobrevivem nas músicas da Festa do Congo em Vila Bela da Santíssima Trindade, pois não se tem notícia de grupos remanescentes de quilombolas que façam essa celebração artística e religiosa em Rondônia.

Nos remanescentes de quilombo de Rondônia, o lexema **negro** é substituído semanticamente por *escravo*, *preto* e “*branco*”, como pode ser visto nos trechos abaixo:

Todos foram nascidos em Santa Fé. Esse velho também, essa família toda, todos têm da *minha cor pra mais escuro*, também são daquele tempo, 1950, [...] (INFORMANTE 8d)

Então, esse Balbino Maciel era o dono de tudo, das terras, ouro né, tinha muito ouro, ele era *negro*, aliás, ele era *branco*, ele escraviza os negros e muitas pessoas e até mesmo descendentes da minha família sofreram aí esse preconceito racial [...] (INFORMANTE 1 fc)

A fala da Informante 1fc reflete uma dúvida sobre a identificação do fenótipo de Balbino Maciel. Ela era branco ou negro?

Já o lexema **índio**, segundo Houaiss,

é “aquele que é originário de um grupo indígena e é por este reconhecido como membro” cujo étimo vem do topônimo Índia, “a denominação provém de um equívoco de [Cristóvão] Colombo, que, ao tocar a ilha de Guana(h)ani, pensou ter chegado às Índias, ... apesar de se ter desfeito de seu engano, o nome ficou e foi preservado até hoje para designar os nativos do novo mundo” (Nascentes); como adj. e gentílico us. para os nativos da América, índio ocorre no port. entre os sXVII-XVIII, precedido por indígena (sXVI) e por gentio (sXIII); ver hindu e índio-; f.hist. sXIV indio s.m. 'natural ou habitante da Índia', sXVIII indio s.m. 'o indígena das Américas' [...] (HOUAISS, 2001)

A referência ao lexema **índio** aparece, às vezes com alusão ao modo de viver, às vezes em forma de expressão pejorativa “situação de índio”, às vezes em referência ao fato de estarem enterrados nas botijas⁵ encontradas na região do quilombo Rolim de Moura do Guaporé (não confundir com o município de Rolim de Moura), e com o registro da possibilidade de ter “sangue de índio” como se podem ver nos trechos abaixo:

índio nunca, né, deu aquela prova de trabalho eficiente, o índio vivia mais de caça, de pesca, porque era originário já deles, né, que já vivia aqui acomodado só nesse sentido (INFORMANTE 1d).

então o que eles fizeram? ficaram numa situação difícil, né, a alimentação seria a pesca e passava logo por uma *situação de índio* (INFORMANTE 1d).

É. Tá bem misturado. É uma mistura danada. Mas tem muito índio é ali em Rolim de Moura do Guaporé, porque agora estão dismatando aqueles matos e tão tirando cada botija enorme, disse que ali no mato tem é muita botija. (INFORMANTE 8d).

Não sei porque os meus avós eu não conheci e o meu pai morreu eu tava na idade de 10 anos, fui criado pelos irmão, né, mas sempre ela conversava muito, mas nunca chegou a explicar muita coisa pra gente, né. Só que eu sei que nós temos uma descendenzinha porque ela era *fia de índio*, né, a minha mãe, *a minha vó chamava-se Maria Inácia da Fonseca, era índia*, entonce às vezes dizemo que temos *sangue de índio*. (INFORMANTE 10d)

É emblemática a afirmação do *Informante 10d* do último trecho citado, pois a questão da identidade é uma preocupação que está presente no pensamento dos quilombolas.

A identidade do negro brasileiro tem uma marca a ferro que é a escravidão. Os quilombos foram organizados em um espaço de fronteira étnica: índios em volta e bolivianos do outro lado do rio, como é caso de Santo Antônio, Santa Fé e Pedras Negras.

O fato de ter aparecido inúmeras vezes a palavra: **remanescente**, “que ou o que remanesce, que sobeja, que resta”, com as variantes: descendente, antepassado, reflete o momento de pós-reconhecimento pelo Estado, por meio da Fundação Palmares, também mostra uma dúvida que apareceu nas entrevistas: de eles serem ou não descendentes de quilombolas, o que pode ser confirmado nos depoimentos dos informantes de Santa Fé e Pedras Negras citados abaixo:

Ela é auto-reconhecida. Ainda não vi o documento, mas o presidente de lá que eu saiba não quis assumir... porque ele é negro mesmo, nato dos quilombolas, descendente de escravo, agora a mãe dele e o pai dele é descendente de quilombola do Mato Grosso, eles são mato-grossenses.

⁵ vasos de barro, conhecidos também como potes, utilizados como urnas funerárias, encontrados com ossos de criança em Santo Antônio, onde há um espaço característico de cemitério de quilombolas ou de índios, não se sabe, e em Rolim de Moura do Guaporé, onde estão sendo descobertas pela ocupação do território, suspeitando-se de que sejam de índios.

Então, eu fiquei assim como eu quis assumir porque realmente ainda estou na dúvida, se chegar um DNA aqui e dizer “você é boliviano!” (INFORMANTE 8d)

Bom, eu, meu avô era..., naquele tempo se chamava mato-grossense, né, o pessoal que vinha de Mato Grosso, mas a minha avó, mulher do meu avô, era *boliviana*, e meu pai era paraguaio, sei que eu tenho uma mistura grande, bom, o meu avô e minha avó, até minha mãe já faleceu e aí eu quis sair de lá de Pedras Negras e voltei agora depois de adulta, já faz uns vinte anos que eu cheguei agora e fui lá em Pedras Negras [...]. (INFORMANTE 9d)

Como o processo de reconhecimento foi iniciado recentemente, paira sobre as cabeças dos remanescentes de quilombos a dúvida sobre a “pureza” do sangue, tendo em vista que a constituição genética familiar dos quilombolas, em muitos casos, deu-se com participação de **índios** e **bolivianos**, inquietação que pode ser confirmada nos depoimentos acima.

Arruti (1997), ao discutir a emergência dos ‘remanescentes’ em seu artigo *Nota para o diálogo entre indígenas e quilombolas*, fala da impossibilidade de, na memória recuperada e na dinâmica vivida pelo grupo, ser impossível e inútil a tentativa de separar aqueles que podem ser perfeitamente reconhecidos como indígenas em oposição àqueles que sejam claramente negros, citando o caso da comunidade localizada em Brejo do Padres, no sertão de Pernambuco.

Esse exemplo de Arruti pode não se aplicar totalmente ao caso das comunidades de quilombos de Rondônia, porque o espaço físico e social hoje está delimitado e não existem indígenas que tenham dúvidas de serem indígenas. A miscigenação nos quilombos aconteceu da mesma forma espontânea desde o princípio, bem como em todo o Brasil, e que só foi percebida por conta da política inclusiva do Governo Federal. Apesar da utilização de índios trilhadores contra a resistência escrava, inúmeros fatores concorreram para unir índios e negros rebelados: a convivência em cativeiro, os maus tratos, as excessivas tarefas diárias.

O lexema **descendente** “que descende de uma família ou de um indivíduo; “pessoa reconhecida como procedente de determinada família, nação ou raça”; consta na fala dos quilombolas do Guaporé, tendo sido introduzido após ter surgido a questão do reconhecimento dos quilombolas pelo estado; quando é mencionado o lexema descendente, aparecem a variante *antepassado* e as categorias de parentesco: *tataravó*, *bisavô* e a forma vernácula *fiarada*. Esses lexemas sempre existiram no falar dos quilombolas, mas após o questionamento de que seriam descendentes de antigos negros quilombolas, puxam automaticamente todos os outros que estão relacionados a antepassados e parentes.

Essas formas, do ponto de vista estrutural, segundo o Dicionário Houaiss, tataravô é o mesmo que tetravô, formado com o elemento *tatar(a)-* (depreendido de *tataraneto*) + *avô*, compondo *tataraneto*; bisavô é o pai do avô ou da avó de um indivíduo, por extensão: antepassado, ascendente, de acordo com a gramática, forma o plural.: *bisavôs* e *bisavós* (ver *avô*) formado pelo étimo *bis-* + *avô+s*.

Nas línguas Banto, os lexemas *taatà*, *tàta*, *taatũ* significam “pai”. Na obra publicação eletrônica Glossário de Bantuísmos Brasileiros (2007), Angenot e Angenot citam as formas *tata*, *tatá*, *otata* cuja transcrição fonética é [tatɛ] e apresentam abonações de Pessoa de Castro com o significado de “pai; tratamento respeitoso, título equivalente a *ogã*”, de Edison Carneiro com o significado de “pai-de-santo nos cultos de angola e congo [BA], entre outros, comprovando a existência dos étimos banto no falar do povo brasileiro.

O lexema vernáculo *fiarada* = *fi* + *ada* "muitos filhos", ao entrar no português de seus ancestrais, perdeu o *lh* de *filho*, ficando *fio* e, ao juntar-se ao sufixo *-ada*, o "o" morf. masc. de *fio* é substituído pelo "a" morf. fem. e o "r" entra como uma consoante de ligação entre as duas vogais "fia-r-ada".

3.2 Apresentando o léxico da sobrevivência e da alimentação:

ATIVIDADES DE SOBREVIVÊNCIA	COMUNIDADES			
	SANTO ANTÔNIO	SANTA FÉ	PEDRAS NEGRAS	SENHOR JESUS
Pequeno Produtor Rural	X	X	X	X
Extrativismo	X	X	-	-
Pesca	X	X	X	X
Artesanato	X	-	-	-
Beneficiamento da Mandioca	X	X	X	X

A tabela acima tem objetivo de apresentar informações sobre as principais atividades das comunidades remanescentes de quilombos de Rondônia, no sentido de identificar suas semelhanças e suas diferenças no tocante aos meios de sobrevivência, para possibilitar a compreensão dos sentidos do léxico da alimentação.

A primeira observação que se faz dos dados desta tabela é que no item sobrevivência as comunidades quilombolas de Rondônia estão na categoria de pequenos produtores rurais,

pois cultivam arroz, feijão, milho, para consumo próprio, e cultivam e beneficiam a mandioca, fazendo os derivados para o consumo das famílias e vendendo o excedente da farinha. Em Santo Antônio, o açaí é cultivado e as mudas são vendidas para o município de Pimenteiras. A pesca é realizada para consumo próprio.

Pequenas diferenças se dão como no caso de Santo Antônio do Guaporé em que há a produção de artesanato de cipó em pequena escala: cestos, vassouras, cacaió, e produção de bijóias, anéis, pulseiras, cordões e brincos, confeccionados com sementes de tucumã, de jarina, de açaí; patoá; cascas e cipós retirados da floresta, configurando o extrativismo vegetal para esse fim. Esses produtos ainda são produzidos em pequena escala e são vendidos para Costa Marques e São Francisco do Guaporé.

Nas comunidades há muitos idosos que já estão aposentados e contribuem para o aumento da renda das famílias.

ALIMENTAÇÃO	ETIMOLOGIA			
LÉXICO	AURÉLIO	HOUAISS	CUNHA	NASCENTES
Mandioca	Tupi	Tupi	Tupi	Tupi
Feijão	Latim	Latim	Latim	Latim
Arroz	Árabe	Árabe	Árabe	Árabe
Porco	Latim	Latim	Latim	Latim
Milho	Latim	Latim	Latim	Latim
Massaco	NC	NC	NC	NC
Traíra	Tupi	Tupi	Tupi	NC
Xaixêru	NC	NC	NC	NC
Bacupari	Tupi	Tupi	Tupi	NC
Canjinjin	NC	NC	NC	NC
Erva (doce)	Latim	Latim	Latim	Latim
Cravo (tempero)	Latim	Latim	NC	Latim
Gengibre	Latim	Árabe	Latim	Árabe

Como se pode ver na tabela acima, as palavras encontradas neste item foram: *mandioca, feijão, arroz, porco, milho, massaco, traíra, xaixêru, bacupari, canjinjin, erva doce, cravo e gengibre*, podendo-se perceber que lexemas que constam no léxico da

alimentação confirmam os meios de sobrevivência das comunidades pesquisadas e a intersecção lingüístico-cultural entre os povos diferentes que vivem na mesma região.

O verbete **mandioca** (*Manihot utilissima*), segundo os dicionários citados na tabela, é de origem Tupi. No dicionário Aurélio é apresentado com 10 sinônimos, entre os quais: *aipim*, *macaxeira* apareceram nas falas dos quilombolas do Vale do Guaporé. No Dicionário Houaiss, o vocábulo *aipim* não aparece como sinônimo de mandioca; o dicionarista observa que a raiz é muito semelhante à raiz do *aipim*.

No Dicionário Etimológico Nova Fronteira, de Antônio Geraldo da Cunha, consta o seguinte enunciado para o verbete mandioca:

Planta da fam. das euforbiáceas (*Manihot utilissima*), raiz tuberosa, comestível, que fornece amido, tapioca e farinha, e com a qual se preparam inúmeras iguarias' / 1549, 1557 etc., mandioqua 1556 etc., / Do Tupi *mani'oka*. A atestar a extraordinária importância da mandioca como alimento indispensável aos índios do Brasil e aos primeiros colonizadores europeus, a documentação do voc. é abundante e extensa; nenhum outro vocabulário de origem tupi está tão amplamente documentado na língua portuguesa // **mandiocaí** sf. 'planta da fam. das araliáceas 1587. Do tupi *manioka'i* // **mandiocai** sm. 'plantação de mandioca' 1557 // **mandioqueiro** sm. 'plantador de mandioca' fig. roceiro, matuto, caipira' xx.(CUNHA, 1975:...) grifos do autor. (CUNHA, 1975:494)

No verbete acima, o dicionarista acrescenta os derivados da mandioca que apareceram no corpus: *tapioca* e *farinha*. Faz ainda comentário sobre a importância da mandioca como alimento dos índios do Brasil, dizendo ser um vocábulo amplamente documentado.

O verbete do Dicionário Etimológico, de Antenor Nascentes, é o mais antigo, pois data de 1936 e acrescenta uma novidade: a hipótese de que o vocábulo mandioca poderia ser de origem africana, trecho em negrito do verbete seguinte:

Do tupi-guarani mandiog. Não é fácil, diz Batista Caetano, explicar a etimologia desta dição, que se acha modificada em outras línguas. Que é do abanheega não resta dúvida, mas o notável é que, sendo um dos vocábulos mais espalhados e usados, não vem no geral dos Vocabulários e Dic. Port. e bras., por exemplo, trata de *typrati*, *uypuba*, *camima*, farinhas de *mandioca*, mas nem a menor referência a esse nome que se dá como se fosse português ou de outra procedência (Vocabulário, pg. 216). Teodoro Sampaio explica como corruptela de *many-oga*, o que procede de *manyba* ou *mandyba*. (O tupi na geografia nacional). Explica *manyba* por *mã-yba*, a planta de entorpecer, alusão ao suco venenoso da raiz da *Jatropha manihot*. Rodolfo Teófilo e Garcia Redondo, Botânica Elementar, pg. 286, interpretaram como do tupi *mandi*, pão, e *oca*, casa. **Fernando Ortiz afirma que Wiener, no seu livro *África and the discovery of América*, desenvolve a teoria da origem africana do vocabulário V. João Ribeiro, Revista da Academia Brasileira de Letras, XC, 194. Tastevin, Gram. da língua tupi, 70, 93, dá *maníaka*, de *maní*, nome da planta, e *oca*, ponta,**

chifre, extremidade. V. Rodolfo Garcia, Glossário da Histoire de mission dès pères capucins em l'isle de Maragnan, de Claude d'Abbeville.(NASCENTES,1936:488) Grifo Nosso

Mais do que discutir as origens e acepções dos dicionaristas Cunha e Nascentes é significativo aqui argumentar que o vocábulo *mandioca* é um vocábulo da língua Tupi (pan-brasileiro) que foi integrado de forma definitiva ao falar dos quilombolas do Vale do Guaporé e também de comunidades em várias regiões do Brasil, resultado do contato destes com as etnias indígenas. Provavelmente, os ancestrais dos quilombolas já falavam essa palavra antes de entrarem em contato com os indígenas. Mesmo na África, Europa, é utilizada a mesma palavra, de origem indígena (Tupi), que entrou na variedade portuguesa pelos próprios portugueses que já a haviam emprestado do tupi.

Munanga (1996), falando dos quilombos africanos e de suas práticas na agricultura, informa que “as espécies mais cultivadas pertencem ao complexo americano: o milho e a mandioca.[...] essas espécies são provenientes da América do Sul, provavelmente do Brasil”. Acrescenta ainda que a mandioca foi introduzida na África por volta de 1600.

As variantes para o termo mandioca encontradas na fala: *macaxera* e *macaxeira* aparecem como forma sinônima do vocábulo mandioca. Sobre essa diferença fonológica, o que se pode inferir de imediato é que acontece entre as duas uma alternância do fonema vocálico “i” que, quando aparece, acontece o fenômeno da ditongação. Os dicionários pesquisados registram ora as duas formas, ora só uma como sendo também de origem Tupi, mas sempre uma como sinônimo da outra. A distinção no sentido que chama atenção é o dado de que a *macaxeira* / *macaxera* é, Segundo o Houaiss,

substantivo feminino Rubrica: etnografia. divindade, protetora ou demoníaca, que aparece pelas estradas. Etimologia: ¹*macaxera* (tb. registrado *macaxeira*), doc. em c1584 na acp. 'diabo entre os indígenas', e *macaxeira* ou ²*macaxera*, doc. em 1608 na acp. 'mandioca doce, mandioca mansa, aipim', encontram-se ligadas ao tupi *maka'xera*, com numerosas f.hist., nas duas acp.; os voc. encontram-se em entradas separadas, em virtude da distância semântica, que torna duv. e ainda não confirmada a proveniência dos dois voc. de um mesmo étimo tupi; cp. *macaxeira*; f.hist. c1584 *macachera*, 1610 *macacheira*, 1663 *macachéra*. (HOAUISS, 2001)

e o que parece ressaltar é o fato de ser o tipo doce em oposição ao outro tipo de mandioca, a amarga, também conhecida pelo nome de maniva, sendo que no Guaporé essa distinção não apareceu.

O informante 8d, da Comunidade Santa Fé, confirma que na comunidade quilombola “Chamam mesmo mandioca de macaxeira”. E ainda ressalva que “Lá pro lado do Paraguai e no Mato Grosso chama aipim, do tupi guarani”.

Os **derivados da mandioca** identificados no falar dos quilombolas são a *farinha de mandioca e de tapioca*, a *goma* e o *polvilho*. Os alimentos produzidos com o derivados da mandioca são: *tapioca*, *beiju*, *biscoito de goma*, *biscoito de polvilho*, *bolo besta* ou *bolo de dia*.

De acordo com os trechos abaixo, retirados das transcrições das entrevistas, podem ser identificados esses usos nas comunidades quilombolas.

O Informante 1d, de Vila Bela, falando das Comunidades quilombolas do Vale do Guaporé como ponto de apoio para as viagens de Vila Bela ao Pará nos tempos áureos, diz o seguinte: “[...] eles já tinha esses pontos de apoio que chegando lá nós tem lá uma *farinha*, uma *mandioca*, um *arroz*, um *feijão* pra ele até chegar até Vila Bela, essa viagem demorava às vezes até um ano [...]” (INFORMANTE 1d)

Por muito tempo as comunidades quilombolas do Vale Guaporé tiveram a função de ponto de apoio para as embarcações que levavam até um ano para fazer todo o trajeto até o Pará.

A informante 9d, de Pedras Negras, falando do modo de os moradores da comunidade sobreviverem, diz o seguinte: “Uns são aposentados, né, pelo SUS, é mas é assim, outros sobreviviam do peixe que hoje está proibido, agora não sei, faz a farinha da mandioca.

Na Comunidade Senhor Jesus, o Informante 10d fala: “O que a gente planta mais é a mandioca, né, a mandioca, o milho, o feijão o arroz... é o que a gente planta mais”. O **arroz** (*Oryza sativa*), o **feijão** (*Phaseolus*), o **milho** (*Zea mays*) são cultivados em pequena escala pelas comunidades remanescentes, sendo dessa forma desde o começo.

E mais adiante, esse mesmo informante fala do *biscoito de polvilho* e do *bolo besta*, cuja descrição faz lembrar bolo de macaxeira:

Ele faz biscoito. Faz ele com grude, só a massa mesmo que bota na boca ele desmancha. Essa festa que nós faz, coisa que foi desde o tempo da minha mãe, que era profissional em fazer o biscoito do polvio. Tem aquele que chama o bolo besta também de mandioca [...] Agora o que a gente chama ele de *bolo besta* é rala a mandioca, aí amassa ela e espreme ela um pouco e tempera também com todo tempero, cravo, erva doce e amassa faz aquele bolo assim tipo tapioca né? E aí bota pra assar. Chama bolo besta, chama *bolo de dia* (risos), (INFORMANTE 10d)

Segundo explicação do Informante 10d, o bolo é chamado de “bolo besta” porque é fácil e rápido de fazer. A variação “bolo de dia” é porque pode ser feito todo dia.

O *beiju*, segundo os quatro dicionários pesquisados, é de origem indígena; sendo que o Aurélio, o Houaiss e o Cunha dizem que é de etimologia Tupi e Nascentes diz que é do Guarani. O lexema *beijú* (assim mesmo com acento) é citado por Bonvini (2002) como tendo sido citado por Blauteau (1712) como empréstimo de língua africana atestado no Brasil junto com outros como *cacimbas*, *macuma*, *mazombo-muzombo*, *mocama 'os e molêque*), sendo que esta última atestação parece pouco provável.

Apresentando o trabalho de John Schneider e estabelecendo uma comparação com os compêndios lexicográficos do Aurélio (1978) e de Cunha (1982), Petter (2002) critica alguns aspectos da organização e do conteúdo da lista de empréstimos do trabalho desse autor e questiona “a etimologia controversa de alguns termos, com forte evidência de tratar-se de tupinismos, como *beiju* e *tipóia*” que foram incluídos em sua obra como termos de origem ioruba e banto, respectivamente.

O vocábulo latino **porco** (*Sus scrofa*) aparece e como sinônimos dele os vocábulos, *cachaço* “porco gordo” e *barrão*, que de acordo com o Aurélio é “[variação de varrão] que quer dizer porco novo e não castrado, que serve de reprodutor”.

A Informante 9d faz menção ao vocábulo **massaco**, descrevendo dessa forma: “Agora tem comida, influenciou muito foi a comida boliviana, é, por exemplo, o massaco, aquela carne de sol pisada no pilão com banana (risos), principalmente o queijo[...]” Curiosamente comenta também que, na comunidade dela, Pedras Negras, há uma variação na forma de fazer essa iguaria, sendo a carne substituída por peixe, prato que ela chamou de paçoca. Porém, a paçoca é um prato que segundo o Aurélio vem do Tupi e é feito de carne fresca, seca ou carne-de-sol previamente cozida, e que, depois de picada, moída ou desfiada, é frita ou refogada em gordura bem quente, e socada no pilão com farinha de mandioca ou de milho.

Os vocábulos **bacupari** (*Erythroxylum exaltatum*), e **xaixêru** são apresentados pelo Informante 7fc de Santo Antônio como sinônimos. A palavra *bacupari*, segundo o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, é de etimologia tupi *iwakupari < iwa+kurú+pirí “fruto cheio de vilosidade”. Com relação a *xaixêru* não foi encontrada nenhuma informação nos dicionários consultados, embora se tenha conhecimento da existência de um lexema “chaicheru” na variedade espanhola em uso no Beni. Possivelmente, existe na fala dos informantes certa influência do espanhol boliviano pela proximidade da localidade com a

Bolívia, resultante do contato, e não se podem descartar os arcaísmos do português que, pelo isolamento da comunidade, seria um fato explicável pela falta de contato em relação às muitas interferências que ocorreram na língua portuguesa durante a formação de seu léxico.

Recorrendo ao viés diacrônica, podem-se comprovar diversos fenômenos no extrato do Português brasileiro que foram motivados pela inserção do negro na cultura em formação do Brasil. Pode-se dizer, a partir desses estudos, que são encontrados estratos lingüísticos indígenas, como se pode ver no quadro acima.

O vocábulo **Canjinjin** “Príncipe Canjinjin, filho do rei na Dança do Congo” foi mencionado nas entrevistas dos informantes de Vila Bela da Santíssima Trindade. Primeiro com relação ao ritual e aos nomes dos personagens da festa e depois com relação ao licor que está sendo produzido e comercializado em Vila Bela.

O licor Canjinjin, de acordo com a fala do Informante 3d, ganhou esse nome porque na festa do congo os dançarinos bebiam essa bebida que era usada só no período da festança uma vez ao ano. Na receita do licor de canjinjin, sabe-se que vai erva doce, cravo, gengibre, mel, ingredientes que são colocados no álcool (cachaça) para curtir durante mais ou menos dois meses, mas os detalhes são guardados pelos fabricantes da Associação local que fabrica o Canjinjin.

O Vocábulo Canjinjin não é usado em outros contextos, nem com outros sentidos. Pode-se dizer que é um lexema remanescente que ainda sobrevive nas falas dos Vilabelenses, sustentado pelo contexto da Festa do Congo e agora por ter virado a marca comercial do licor.

Nas comunidades remanescentes de Rondônia não houve menção a esse vocábulo.

Por último, os vocábulos **erva doce**, **cravo** e **gengibre** foram citados em Vila Bela como ingredientes do Canjinjin e nas Comunidades remanescentes de Rondônia como ingredientes do bolo besta e de outras iguarias a base de mandioca.

Sabe-se que esses temperos também tem aplicação como remédio, quando manipulados pelo processo de infusão, os chás, mas não foram citados nas entrevistas com esse uso. No geral, os entrevistados passaram uma preocupação com o uso continuado de remédios de farmácia e com o pouco uso dos remédios caseiros.

3.3 Apresentando o léxico das manifestações culturais e religiosas:

Neste item, as palavras identificadas foram: fest(anca); *santo*; *candomblé*, *feitiçaria*, *macumbaria*, *quadrilha*, *fogueira*, *ganzá*, *reco-reco*; *tambor*; *viola*; os lexemas remanescentes: *ingome*, *ingomerê*, *moquá*, *matingombê*, *matingangolê*, *gana*, *mubungues*, *mutue (muntuê)* e *enganaiá*; as expressões remanescentes: *aquá!* e *uquê!*.

Para compreender a menção a essas palavras e expressões, é necessário que seja feita uma contextualização desses vocábulos no ambiente cultural e religioso das comunidades e, ao iniciar, são bem apropriadas as palavras do Informante 1d, falando sobre Vila Bela da Santíssima Trindade:

Aí, por exemplo, os portugueses eram muito religiosos, católicos, todas coisas deles era com *santo*, *Santo Antônio*, a Igreja de Santo Antônio, e o negro ele tinha mais aquela afeição, vamos dizer, a *macumbaria*, a *feitiçaria*, coisa assim, o outro é *candomblé*, essas coisas toda, porque ainda existe alguns santos no próprio *candomblé*, aí o que acontecia: se os branco ele era católico fazia as festa, as festas religiosas, aí então os negros queria..., não, tinha as festa religiosas, eles tinha de, nessas festas, um ou dois, uns três dias de férias durante o ano, né, pra até então poder praticar as *festa* dele, então ele tinha a *dança do congo*, né, que era da religião da África, né, que festejava o *São Benedito*, que era o santo preto, negro, então nessa... depois da *Festa do Divino* que seria no domingo, né, logo em seguida, aí tinha as festa dos negros que era já o resto das comidas [...] (INFORMANTE 1d)

Pelas palavras do Informante dá para se perceber que no período colonial em Vila Bela era muito clara a distinção entre a manifestação religiosa dos portugueses e a dos negros. Falando sobre a Festa do Congo, o Informante 2d diz o seguinte:

É assim uma *festa* assim, ela é uma tradição de África, criada, veio junto com os escravos da Guiné, da África, entendeu? Ela veio junto ... então por muito longo tempo eles passaram pros filhos e foi passando, passando, hoje, graças a Deus, nós somos do Congo do Estado do Mato Grosso ... a festa mais viva do Estado do Mato Grosso. Nós temos também o chorado também, hoje faz parte, não era muito divulgado, mas hoje onde ela chega ...mas o Congo se ela chegar em Rondônia o povo vai gostar...(INFORMANTE 2d)

Por uma necessidade de sobrevivência, Vila Bela tem conseguido preservar suas manifestações culturais e religiosas, inclusive a Dança do Congo, o Chorado, a Dança do Cururu, a dança do Siriri, a Festa do Divino e a devoção aos santos. Para melhor entendimento, algumas dessas atividades serão descritas no quadro abaixo, a partir de informações coletadas nos sites oficiais do Estado do Mato Grosso e de Rondônia.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS E RELIGIOSAS EM VILA BELA

Dança do Congo

Dedicada a São Benedito, a **Dança do Congo ou Congada é de origem autenticamente africana**. Em Mato Grosso, é uma manifestação que ocorre tradicionalmente em duas cidades: Vila Bela da Santíssima Trindade e Nossa Senhora do Livramento. Em Vila Bela, primeira capital de Mato Grosso, a Dança do Congo representa a resistência dos negros que continuaram na região, após a transferência da capital para Cuiabá, em 1835. Faz parte da festa de São Benedito, que ocorre sempre no mês de julho, em uma segunda-feira, quando comemoram o dia do santo negro.

A Dança do Congo é a dramatização de uma luta simbólica travada entre dois reinados africanos. O Embaixador de um outro reino pede ao Rei do Congo a mão de sua filha em casamento; o Rei rejeita o pedido e, então, o Embaixador declara guerra ao Rei do Congo. O motivo da negativa teria sido que o Rei do Congo desconfiava que o Embaixador queria fazer uma traição ao reinado: após o casamento, ele tomaria o poder, possivelmente, matando o Rei, o Secretário e o Príncipe, ficando com a coroa. Em uma outra versão, o Embaixador é o mensageiro do Rei de Bamba, que manda pedir a mão da Princesa em casamento.

Os personagens do reinado do Congo são o Rei, o Príncipe e o Secretário de guerra; do reino adversário aparecem o Embaixador e soldados. A nobreza usa mantos, coroas e bastões coloridos e ornamentados com flores, como instrumentos; o Príncipe e o Secretário de Guerra vestem também saiate com armação de arame e peitoral em forma de coração como escudo. Os soldados usam espadas, capacetes com pena de ema, flores e fitas, e o cantil que contém **bebida chamada “Kanjinjim”**, feita à base de cachaça, gengibre, canela, cravo e mel que serve para estimular os dançantes.

As flores na indumentária servem para reverenciar São Benedito; como os personagens não podem ficar próximos ao oratório do santo, durante a dança, onde colocariam suas flores para promessa, eles arrumam um lugar no capacete, e as fitas representam o próprio oratório.

A movimentação da Dança do Congo é a caracterização da marcha dos soldados; o pulso vertical dos corpos, os movimentos dos braços com as espadas e o ritmo dos pés, dançando ou caminhando, remetem à marcha. A dança ocorre pela cidade toda, onde os participantes cantam e marcham ao som do ganzá, bumbo e cavaquinho que são tocados pelos músicos-soldados. Os dançantes têm por função também proteger os festeiros, que são o Rei, a Rainha, o Juiz e a Juíza, que carregam objetos sagrados, e ainda as promesseiras que acompanham o cortejo levando flores em homenagem a São Benedito. (CULTURA.MT.gov.br) grifo nosso.

Chorado

Dança afro, da região de Vila Bela da Santíssima Trindade, surgiu no período colonial, quando escravos fugitivos e transgressores eram aprisionados e castigados pelos Senhores e seus entes solicitavam o perdão dançando o Chorado.

Com o passar do tempo a dança foi introduzida nos últimos dias da Festa de São Benedito, pelas mulheres que trabalhavam na cozinha. Com coreografia bem diferente da demais danças típicas, são equilibradas garrafas na cabeça das dançarinas que cantam e dançam um tema próprio. Procuram manter a garrafa na cabeça, para mostrar que estão sóbrias, isto é, que apesar da festança ninguém está embriagado. Este passou a ser o significado atual da Dança do Chorado. (CULTURA.MT.gov.br) grifo nosso.

Dança Cururu

É uma dança folclórica regional típica da região Centro-Oeste (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), mas originária de São Paulo. Também pode ser somente cantada, com dois violeiros a disputar versos e repentes. No Centro-Oeste é típica das festas dos santos padroeiros, principalmente do Divino Espírito Santo e de São Benedito. História Há várias hipóteses para a origem do cururu. **Alguns pesquisadores afirmam que é uma dança de origem tupi-guarani, de função ritualística. Outros a consideram uma dança que recebeu igual influência do misticismo indígena, dos ofícios jesuítas e dos negros africanos.** Inicialmente como dança de roda e usada pelos jesuítas na catequese, foi evoluindo para dança de festa religiosa e atualmente pode ser só cantada, em versos e desafios.

O cururu só ficou nacionalmente conhecido quando foi levado como espetáculo ao público, por

Cornélio Pires, em 1910. Hoje, como outras tradições folclóricas, está deixando de ser passada para as novas gerações. A origem do nome também é controversa. Há duas teorias: uma, que diz que vem de "caruru", uma planta que era cozida com o feijão servido antes do início das orações e da dança; e outra que remete a origem ao sapo-cururu. (CULTURA.MT.gov.br) grifo nosso.

Dança Siriri

É uma dança folclórica da região Centro-Oeste do Brasil (Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), e faz parte das festas tradicionais e festejos religiosos.

A dança lembra as brincadeiras indígenas, com ritmo e expressão hispano-lusitana. Pode ser comparado com o fandango do litoral brasileiro. A música fala das coisas da vida de forma simples e alegre. Como instrumentos musicais, acompanham a viola de cocho, o cracacha (ganzá) e o mocho ou tamboril. A origem do termo siriri é incerta. Para alguns estudiosos vem da palavra otiriri, que designa um entremez do século XVIII, em Portugal. Outros acreditam expressar um tipo de cupins de asas. A expressão corporal e a coreografia transmitem o respeito e o culto à amizade, por isso é conhecido como dança mensagem. (CULTURA.MT.gov.br) grifo nosso.

Rasqueado

A definição de rasqueado, segundo o dicionário, é: “arrastar as unhas ou um só polegar sobre as cordas sem as pontear.”

Em Mato Grosso, o Rasqueado Cuiabano traz em sua história o final da Guerra do Paraguai quando prisioneiros e refugiados não retornaram ao seu país, integrando-se com as populações ribeirinhas, especialmente da margem direita do rio Cuiabá, onde hoje está a cidade de Várzea Grande. Esta integração influenciou costumes, linguajar e principalmente danças folclóricas, como por exemplo à polca paraguaia e o siriri mato-grossense. Da fusão das duas nasceu o pré-rasqueado, que se limitou aos acordes do siriri e cururu, devido ao seu desenvolvimento na viola-de-cocho, recebendo outros nomes como liso, crespo, rebuça-e-tchuça, para mais tarde participar de festas juninas, carnaval ou qualquer manifestação dos ribeirinhos. (CULTURA.MT.gov.br)

Festa do Divino

O Culto ao Divino foi introduzido no Guaporé por volta de 1894, pelo senhor Manoel Fernandes Coelho, quando de sua mudança de Vila Bela do Mato, Grosso para a localidade de Ilha das Flores. Atualmente, a Festa vem se realizando em sistema de rodízio, atingindo a cada ano a localidades de Pedras negras, Limoeiro, Costa Marques, Pimenteiras, Rolim de Moura e Versalhes na Bolívia. A escolha do Local é feita durante o encerramento dos festejos, através de sorteio e recai de quatro em quatro anos no mesmo local. O registro mais antigo sobre a realização dos festejos, data de 1936 e o Estatuto de Criação da Irmandade da Divino Espírito Santo, no Guaporé, data de 1934. (<http://www.pakaas.net/di1.htm>).

Observando as concepções religiosas e artísticas dos negros de Vila Bela, encontram-se nelas as memórias e a identidade étnica do grupo. Os traços de sua origem africana estão presentes em todo o enredo de suas manifestações artísticas, como por exemplo, na Dança do Congo, representado em homenagem a São Benedito. As falas e cantos dessa representação dramática preservam palavras que identificam os guerreiros das etnias africanas. Trazem, também, a memória da religião afro, que fica patente em muitos pontos da dança do congo.

Em uma das falas do Secretário do Rei do Congo, Informante 2d, fica reafirmado o comprometimento étnico de São Benedito com as batalhas da comunidade negra de Vila Bela, compromisso com a identidade desses negros. Assim, o congo vai defendendo o seu valor étnico ontológico imbuído do orgulho, da beleza e coragem dos homens e da cultura negra dos vilabelenses. Na teatralização da dança do congo, a auto-estima étnica é resgatada uma

vez que os dançantes são guerreiros negros, livres, altivos e íntegros que se opõem simbolicamente ao estigma do negro escravo, do negro livre humilhado e degredado, inventado pela ordem social branca.

Dessas manifestações apresentadas no quadro acima, só a Festa do Divino é realizada nas Comunidades Remanescentes de Quilombos de Rondônia, no dizer da informante de Pedras Negras:

É... diretamente de Portugal veio, veio de Portugal, só que eu não sei, ainda não descobri como foi que foi introduzida em Cuiabá. Aí de Cuiabá foi pra Santíssima Trindade, Vila Bela, lá é muito forte a Festa. Mas eu acho que mais forte é a nossa festa, do Vale do Guaporé... (INFORMANTE 9d).

Ah! Sim, só a música, mas a letra é de Igreja, religiosa do Divino Espírito Santo, porque devido a história, né, que o Divino Espírito Santo socorreu a Rainha Isabel, aquela história que a Senhora já sabe, e aí de lá prá cá, o alimento espiritual do Vale do Guaporé vem a ser a Festa do Divino, tanto é que não existe nada ruim, não se diz assim, não aparece no jornal: a família matou fulano, não existe... (INFORMANTE 9d).

Há notícias que a Festa do Divino acontece a cada ano numa comunidade diferente do Vale do Guaporé e vai até a Comunidade religiosa de Versailles na Bolívia que faz fronteira com a Comunidade Remanescente de quilombos Santo Antônio, onde há, também, devoção a outros santos como São João, o Santo homenageado no mês de junho, com a tradição das novenas, da **fogueira**, das quadrilhas e das comidas típicas: bolo de milho, milho cozido, milho assado, bolo de mandioca.

A Festa do Divino também acontece na cidade de Guajará-Mirim, onde existe um significativo número de famílias descendentes de quilombolas do Guaporé (das comunidades que se situam ao longo do Rio Guaporé, a montante de Guajará-Mirim) que foram para lá com o objetivo de dar estudo aos seus filhos, alguns trazidos por D Rey, e que construíram a Igreja do Divino Espírito Santo, onde fazem a Festa do Divino, de Nossa Senhora da Conceição. Esse grupo se estabilizou em Guajará-Mirim, mas sempre mantém contato com suas comunidades de origem.

Na Comunidade do Senhor Jesus, a devoção é por Nossa Senhora da Conceição, segundo o Informante 10d, é uma devoção começada por sua mãe que, ao morrer, passou para sua irmã que passou para ele, quando morreu. Ele diz, ainda, que assumiu fazer essa festa do mesmo jeito que sua mãe e, posteriormente, sua irmã faziam até o dia de sua morte. Para essa festa, a comunidade se prepara e faz a matança de animais para fazer o banquete que é servido aos devotos após as celebrações religiosas à Nossa Senhora. Diz, ainda, que é uma festa muito

bonita da qual participa todo o povo que mora nas vizinhanças, que os cantos são muito bonitas e que o Padre de São Miguel celebra a missa.

CULTURA/RELIGIÃO (Instrumentos)	ETIMOLOGIA			
LÉXICO	AURÉLIO	HOUAISS	CUNHA	NASCENTES
Fest(ança)	Latim	Latim	Latim	Latim
Santo	Latim	Latim	Latim	Latim
Candomblé	Africano	Banto?	Quimbundo	NC
Feitiço (aria)	NC	Latim	Latim	Latim
Macumba (aria)	Banto	Banto	Banto	NC
Quadrilha	Espanhol	Espanhol?	NC	Espanhol
Fogueira	Latim	Latim	Latim	NC
Ganzá	Banto	Banto	Banto	NC
Reco-Reco	NC	NC	NC	NC
Tambor	Árabe	NC	Árabe	Árabe
Viola	Provençal	Provençal	Provençal	Provençal

O quadro com o levantamento lexical deste aspecto *manifestações culturais e religiosas* estratifica o resultado de palavras ligadas a esse campo, retiradas das entrevistas.

O vocábulo **festança**, de acordo com o Aurélio, é um aumentativo irregular pelo acréscimo do sufixo *(-ança)* ao substantivo feminino *feira* e quer dizer “Grande divertimento; festa muito animada; festa de arromba”; O Houaiss acrescenta a pesquisa de datação (1858), informação que também aparece em Cunha dentro do verbete *feira*. Este vocábulo foi contextualizado com propriedade pelo Informante 3d de Vila Bela, como se pode ler abaixo:

Depois da transferência da capital, essa festa ela foi unificada numa mesma data, vamos dizer que seja no mesmo dia, que era oito dias de festa, porque até o padre foi embora nessa companhia....tudo foi embora, então ele vinha uma vez no ano, saia a cavalo e contornava toda essa fronteira por aí, aquelas obrigação, e chegava em Vila Bela, o ponto central pra ele fazer o descanso dele, dos animais que eles carregava com eles e celebrar essa **festança** e ele pegou os santos mais de suas irmandades e comemorou naquele período e passou a ter o nome de **Festança**, uma vez no ano e hoje ela é celebrada no mês de julho, então aí vem de **feira** de comunidade. (INFORMANTE 3d).

A festança em Vila Bela ganhou um sentido particularmente religioso, sendo substantivado e ressemantizado pela construção do valor imaterial na vivência dos

vilabelenses, visto que passou a significar um momento em que a comunidade era visitada pelo Padre e tinha a oportunidade de celebrar suas devoções aos **santos**. A festança que consta nos dicionários pesquisados, com o sentido geral de grande festa, passa a ser usada no sentido específico de grande festa religiosa.

Nas falas do Guaporé em Rondônia não houve menção a esse termo. Aparece o vocábulo **festa**, quando são feitas referências às Festas do Divino, de Santo Antônio, de São João e da Imaculada Conceição.

A palavra Candomblé, de acordo com o Dicionário Houaiss, é uma

religião animista, original da região das atuais Nigéria e Benim, trazida para o Brasil e aqui estabelecida, talvez já no início do sXIX, por africanos apresados pelo tráfico escravagista, e na qual sacerdotes e adeptos encenam, em cerimônias públicas e privadas, uma convivência com forças da natureza e ancestrais(HOUAISS, 2001)

Acrescenta ainda que, por extensão, é qualquer das seitas derivadas do candomblé ortodoxo, que sofreram processo de inclusão de elementos de origem banto, do baixo espiritismo, de mitos ameríndios, etc e diz que tem uma origem

banto contrv.; para Yeda A. Pessoa de Castro in De l'intégration des apports africains dans les parleurs de Bahia, au Brésil (tomo I, parte II, Faculté des Lettres, Lubumbashi, Congo, 1976), fruto de longa evolução a partir do protobanto □ sin/var nas acp. 1 e 3, candombe (p.us.) (HOUAISS, 2001)

Os vocábulos **feitiçaria** e **macumbaria**, derivação sufixal (*-aria*), de valor pejorativo, são citados nas falas em oposição a manifestações religiosas aceitas pelos informantes. A primeira é uma derivação da palavra de origem latina feitiço e a segunda derivação de macumba, de origem banto (quimbundo).

Quando são mencionadas as festas religiosas em devoção aos santos, no caso São João, santo festejado nos meses de junho e julho, há registro das palavras **fogueira**, do Latim, e **quadrilha** “certa dança popular própria dos festejos juninos, cujo étimo é de origem espanhola”.

Os instrumentos musicais citados nas falas **ganzá** “tambor cilíndrico de tronco escavado”, do quimbundo *nganza* 'cabaça'; **reco-reco**, formado pelo processo de onomatopáico “instrumento de percussão feito de um gomo de bambu seco com entalhes transversais, sobre os quais se esfrega uma vareta, produzindo som rítmico para acompanhamento em música popular; ganzá, rapa, reque-reque, querequexé”; **tambor**, instrumento de percussão, de origem árabe ou persa; e **viola** “instrumento de cordas”, de

origem provençal; são os que animam a Festa do Congo em Vila Bela, segundo o informante citado a seguir.

Tem música, ganzá, dança, tem uma vestimenta especial, é tudo, como fala assim, é tudo uniformizada, entendeu? Que com ganzá, congo, é.. tambores, viola, reco-reco. Temos também Cururu, mas Cururu fica muito longe... (INFORMANTE 2d).

Os vocábulos abaixo apareceram nos contextos linguísticos destacados:

LEXEMAS REMANESCENTES EM VILA BELA NOS CANTOS DA FESTA DO CONGO	
LÉXICO	DESCRIÇÃO –
Ingome Ingomerê	É... música do Congo, nós temos... a professora aqui... ela faz parte... nós levantamos 4 horas da madrugada, a gente vai se preparar e ouve o sinal do sino e vai se acordando conforme, né, aí a gente vai buscar ela. Primeiro nós vamos buscar ... então a música que a gente canta para convidar ela pra sair pra ir pra Igreja é assim ‘ sai, sai ô ingome, sai, sai, saia do caminho, ingoome.. ’ Aí o soldado responde: ‘ sai, sai ô ingome, sai, sai, saia do caminho, ingoomerê.. ’ e aí vai na casa do juiz, vai na casa do rei, vai na casa da rainha, até chegar na Igreja. (INFORMANTE 2d)
Moquá! Muquá!	Não, porque dentro da festa do congo, vamos dizer, ele quando ta transmitindo uma ordem para o soldado, né, então, ele grita: _ Moquá! Ele fala....., quer dizer, ele está chamando atenção das tropas portuguesas, do exército. Ele diz: - Ordinário, marcha! Então, eles falam assim: - Moquá! E ele fala: _ guarda! Quer dizer que ele está prestando atenção essa advertência que chamou, né, que vai mudar de ritmo, né, e o soldado percebe que eles estão prestando atenção. Aí ele diz: - gana! Para troca de ritmo, né.. (INFORMANTE 1d)
Matingombê	E outras palavras aí, vamos dizer, tem aqui uma dança <i>matingombê</i> ... Cantando: “ Olha lá matingombê, lá, lá, lá, lá, lá... ” quer dizer são os rebeldes, né, Matingombê era o cara que era rebelde, aí, por exemplo, moquá, já ouviu falar de moquá? (INFORMANTE 1d)
Matingangolê	Vamos celebrar! (LIMA, 2000)
Gana	Aí ele diz: - gana! Para troca de ritmo, né.. (INFORMANTE 2d)
Mbungues	Soldados atrevidos. (LIMA, 2000)
Mutê (muntuê)	Espada do Secretário do rei. (LIMA, 2000)
Enganaiaí	Brincadeira (brincar) (LIMA, 2000)

A busca da etimologia dessas palavras nos dicionários eleitos para pesquisa foi infrutífera. Não há registro da origem e do significado das palavras: **ingome / ingomerê, moquá, matingombê, matingangolê, gana, mbungues, mutê / muntuê e enganaiaí** nos dicionários de Língua Portuguesa consultados (Aurélio, Houaiss, Cunha e Nascentes). Nem tampouco há registro dessas palavras em artigos científicos recentes na Internet. Pelo menos não foram encontrados. O único registro é a pesquisa de Lima, publica em 2000, que já está com quase uma década.

O vocábulo **ingome** ou **ingomerê** também não foi encontrado nos dicionários. Em Mendonça (1973), há *ingome* “nome de um tambor sem pintura, feito de barril. É usado em Xangô” e *ngombe* “boi, gado”, cujo étimo seria do quimbundo ngombe com a designação de gado, porém, não se pode afirmar que essas palavras encontradas no guaporé sejam, apesar das formas semelhantes, cognatas dessas mencionadas por Mendonça. Apenas pode-se afirmar que a estrutura das palavras e também pelo fato de somente serem utilizadas na festa do congo são fortes indícios de que poderiam ser de origem africana bantu, cuja divisão morfofonológica é: i-N-gome (I=aumento, N=prefixo, nominal de cl⁹, gome=radical) e em i-N-gome-re (re= sufixo derivacional).

Essas palavras também são citadas por Lima (2000), inclusive na transcrição dos Cantos do Congo (anexo 3) algumas delas aparecem textualmente. De acordo com o Glossário de Lima, *ingome* significa “atabaque dos candomblés (banto): *ngome*” e *ingomerê* significa “festeiro, alguém que participa de algum evento” (banto”).

Como se podem ver nos trechos selecionados para exemplificar o aparecimento dessas palavras, há uma ligação com as manifestações religiosas em Vila Bela da Santíssima Trindade. Os dois entrevistados (quadro acima) verbalizam a informação de que essas palavras são proferidas dentro da ritualística da Dança do Congo, sendo, provavelmente, de origem africana.

As expressões apresentadas no quadro abaixo aparecem em contexto diferente da Dança do Congo e são encontradas ainda ativas na fala cotidiana das pessoas mais idosas e de forma passiva na geração mais jovem, o que se pode verificar nas palavras do informante 1d: “no meu tempo... quando se perguntava a uma moça se queria namorar e ela respondesse: **aquá!**, o entendimento seria: não!"; uma espécie de negativa enfática. Quando o informante fala que é no tempo dele, deduz-se que é no tempo de jovem, de rapaz, podendo-se imaginar essa cena há mais de 50 anos, pela idade do informante (70 anos).

EXPRESSÕES REMANESCENTES EM VILA BELA NO FALAR DO POVO	
EXPRESSÃO	DESCRIÇÃO –
Uquê!	É do Guiné. É... alguma palavra do vocabulário do Congo, né, Uquê. Uquê é palavra que ela vem assim – O quê você é... Gana! É atenção. Entendeu? Nós temos assim. Guiné é preto na língua Africana. É...(INFORMANTE 2d)
Aquá!	No meu tempo se perguntava pra moça: _ Quer namorar comigo? - Aquá! Queria dizer não (INFORMANTE 1d)

A expressão **aquá** é citada por Lima (2000) como sendo do falar dos vilabelenses.

Um outro aspecto que cabe lembrarmos aqui, diz respeito ao léxico. Neste sentido, apresentaremos algumas expressões ou palavras constitutivas do falar atual dos vila-belenses. Eis algumas delas: Anhá não meá sinhá: expressão negativa; **aquá: expressão negativa**; Bezéque: lanche de confraternização oferecido após alguma cerimônia; Consoadas: festas e refeições depois de jejuns; Fonçonatas: funções, festas; Gana: prontidão; Imbicioneiros: ambiciosos; Lambido: pessoas extrovertida; Lavores: pinturas; Muquá: palavra de ordem; Quadrarias: painéis; Sebo: desprezo; Sirimão(ã): seu/sua irmão(ã); Tijuco: lama; Trabucadores: trabalhadores ativos, mas com má fé; Vai é!: espanto; Vote!: espanto. (LIMA, 2000:41-42)

Essa mesma expressão foi mencionada por Joane de Lima Santiago em *O falar dos quilombolas do Vale do Guaporé através dos dizeres de rezadores e benzedadeiras e da festança do congo*, Relatório PIBIC, 2007-2008.UNIR, com o sentido de "parar de falar" (chega!). Mesmo não tendo informações nos dicionários consultados sobre a origem desta palavra podemos pensar em uma possível origem africana da família banto, ou talvez do português falado no período do tráfico.

Outra expressão que apareceu foi **uquê!**, no entanto, pelo contexto em que é registrada (ver quadro acima) dá para se inferir que é uma forma diferente de falar "O quê!". Entende-se que o entrevistado, por ter ouvido a expressão com o som junto, entendeu que era uma palavra diferente, o que pode ser explicado pelo fato de que som é semelhante ao das palavras aquá, moquá e amuquá, por exemplo. Apesar de se fazer essa interpretação, optou-se por deixar essa palavra como sendo uma expressão do falar dos guaporeanos.

3.4 Expressões da sabedoria do povo do Guaporé

ERVAS MEDICINAIS / CURAS	ETIMOLOGIA			
LÉXICO	AURÉLIO	HOUAISS	CUNHA	NASCENTES
Tamarindo	Latim	Latim	Árabe	Árabe
Arnica	Latim	Latim	Latim	Latim
Pílula de Avião	NC	NC	NC	NC
Leite de Janaguba	NC	NC	NC	NC

APELIDOS	ETIMOLOGIA			
Amanso	NC	NC	NC	NC
Xôjo	NC	NC	NC	NC

Maxixe	NC	NC	NC	NC
SIMPATIAS	ETIMOLOGIA			
Para chover	NC	NC	NC	NC
Para o sol aparecer	NC	NC	NC	NC
Para esfriar água	NC	NC	NC	NC

No Vale do Guaporé, em Rondônia, destacam-se o registro do uso de ervas medicinais, a cura de doenças, a invenção e uso de apelido pelos mais velhos, e as simpatias, com ocorrências mais no passado que no presente.

As ervas medicinais que foram citadas pelos informantes foram *tamarindo* e *arnica*, conforme depoimento da Informante de Pedras Negras e do Informante de Santa Fé, respectivamente:

Conheço assim, eu aprendi um pouco, não é, estou aprendendo ainda, não vou dizer que eu aprendi de ervas medicinais. Agora o pessoal lá de Pedras Negras já não estão querendo aderir as coisas antigas e esse é o problema, né, talvez fosse alguém lá incentivar, né, seria uma boa, né, porque é tão bonito, né, **arnica**, né, muito bom, as ervas, eles usam lá tem muitas ervas, mas nem todas, nem todo mundo tem conhecimento, porque os velhos fizeram a indelicadeza de não ensinar aos filhos, porque era assim: os menino quando se inteirava corria pra Guajará. (INFORMANTE 9d)

Uma vez eu tomei uma cachaça e aí eu adoeci e meu filho ficou bravo porque eu não fui pra roça nesse dia, ele era professor, trabalhava na escola Miguel dos Anjos, e aí eu não fui. E ele me disse que eu fosse de tarde, que ia me levar de moto. Cheguei lá me deitei, depois de dez minutos me deu uma disenteria, mas daquelas do cara começar e não querer parar, sentia aquele frio por dentro e aí ele soube lá e veio me buscar de noite na moto. Agora eu vou, você não queria que eu viesse pra cá eu vim, pois agora já estou doente e não quero ficar bom, não vou. Esse dia, Seu Ortiz soube lá na casa dele e veio em casa, trouxe umas ervas, trouxe um bocado de mato, eu já tinha tomado tudo quanto era remédio de farmácia e não tinha passado. Ele trouxe **tamarino**, uma folha assim. Você tira sete brotos daquela galho, faz o chá e toma, com meia hora eu não estava mais sentindo dor de barriga, cólica, nada. (INFORMANTE 8d)

O Informante 8d descreve, inclusive, como é feito o chá e destaca que “são sete brotos do galho do tamarino”. Outra cura descrita na pesquisa foi feita pelo Informante 10d, da Comunidade do Senhor Jesus, contando entre muitos risos que, quando era pequeno, ficava olhando junto com outras crianças, a mãe preparando e aplicando remédios para curar o mal

que ele não definiu, mas que já era conhecido em Vila Bela da Santíssima Trindade por maculo⁶, corrupção ou mal-de-bicho:

Minha mãe ela só não era médica porque não era mesmo, mas... curava muita gente, sabedoria pra ela curar, ela curava ...de quase todo tipo de doença. Num tempo que vieram uns nordestinos, vieram um soldado da borracha aqui. Ave Maria! Aquela mulher salvou muita vida aqui. Logo quando chegava aqui tinha a tal de, eu não sei como é que é nome, a pessoa tem febre assim dorme demais, né? Convulsão, né? Agora, ela tinha, ela conhecia assim por chegar e olhar assim, mas ela pegava um ovo de galinha, ela ia naporque aquilo abre, quando é essa convulsão, abre que cabe.. Menino é curioso. As vez eu ia ver pelas brechas... (risos). O ovo de galinha coloca Agora o remédio a senhora sabe o que que é? Chama pílula de avião. É pimenta malagueta, pólvora e limão. Porque elas fazia as pilinhas, aí tinha vez que agüentava até 4, 5 agüentava, mas das 6 em diante já não agüentava mais, porque colocava a primeira o cara num sentia não, colocava a segunda, a terceira, a quarta...Pólvora, limão e pimenta (risos). (INFORMANTE 10d).

Sobre o Maculo, (LIMA, 2002) cita o geógrafo francês Francis Castelnau, que esteve em Vila Bela em 1845 e escreveu que essa doença manifestava-se principalmente no começo e no fim da estação chuvosa, atacando a população mais pobre. Faz referência ao tratamento popular que consistia em introduzir no reto excitantes enérgicos: administração do cozimento de erva-de-bicho, ao qual se adicionava pimenta esmagada, suco de limão e açúcar, introduzia-se, posteriormente, vários quartos de limão mergulhados numa mistura de pólvora e cachaça.

Essa descrição tem muitas semelhanças com a cura descrita acima pelo informante 10d, com a informação da existência de uma pílula a que chamou de **pílula de avião**, nome que não deixa de ter uma certa dose de humor.

Na comunidade de Santo Antonio do Guaporé, o Informante 7fc faz menção ao uso do **leite de janaguba** para curar problemas de hérnia e coluna.

Aprofundando essa questão, Joane de Lima Santiago em *O falar dos quilombolas do Vale do Guaporé através dos dizeres de rezadores e benzedeiros e da festança do congo*, Relatório PIBIC, 2007-2008.UNIR, relaciona as plantas que os antigos usavam como remédio e que, até hoje, muitas pessoas ainda usam como: “hortelanzinho, chá de umbigo, folha de laranja, folha de pimenta com azeite de mamona, chifre queimado, cingá, alfavaca, mastruz,

⁶ **Maculo**. [Do quimb. *ma'kulu*]. Substantivo masculino. 1.Bras. Doença dos negros novos, quando era intenso o tráfico da escravatura, caracterizada por diarreia com relaxamento do esfíncter anal; corrupção, mal-de-bicho: “a cidade-espectro, onde o que o ouro construiu a horrível moléstia local arruinou, esse ‘maculo’ em que um esfíncter se dilata por tal forma, que a mão inteira pode sondar o intestino!” (Alberto Rangel, *Sombras n'Água*, p. 14). (AURÉLIO ELETRÔNICO)

pimenta do reino, mucuracá, sebo de carneiro, óleo de copaíba, sabugueiro, chifre queimado”, etc. A autora da pesquisa ainda ressalta que alguns dos remédios caseiros apresentados são específicos do Guaporé, como é caso da hortelã do campo, que só é encontrada em Vila Bela e da marcela e da folha de erva-molá, que só são encontradas na parte do Guaporé situada em Rondônia.

Os apelidos são citados pelo Informante de Santo Antônio do Guaporé. Ele conta que o avô dele tinha o hábito de apelidar os netos logo que nasciam, era só olhar para o neto ou neta e já começava a chamar pelo apelido.

É, o meu avô mesmo todos os netos dele tem um apelido que é até difícil de decorar... todos os netos dele ele colocava apelido e era chamado só por esse nome aí. Meu nome é **Roberto**, ele me chamava de **Amanso**; tem um primo que meu que o nome dele é **Francisco** ele chamava de **Xôjo**, aí tem uma prima minha que o nome dela é **Aparecida** e ele chamava ela de **Maxixe**. (INFORMANTE 7fc)

As simpatias estão nos costumes e tradições do povo brasileiro e, segundo o site *Com a cara e a alma do Brasil*, é um ritual de magia branca dos segredos cuja prática é se utilizar, de maneira indireta, das forças espirituais para afastar certos males ou conseguir determinado bem ou curas. A sabedoria popular tem sempre a fé como elemento mágico, sendo o componente principal. Sem ela, a simpatia não teria sentido e nada se resolveria.

As simpatias foram citadas pelo Informante do médio São Miguel, na seguinte ordem:

Para chover - Põe bacia, panela, balde, tudo na biqueira da casa... (risos), mas hoje não tem mais disso não. (INFORMANTE 10d)

Para o sol aparecer - O sol, no dia que o sol ficava embalseado assim, como eu tenho o meu irmão que mora em Guajará-Mirim, o Melquíades, ele é o mais novo, né? Mandava fazer o olho do sol, desenhava o sol e botava cinza em cima pro sol botar a cara. (INFORMANTE 10d)

Para esfriar água - As vasilhas de alumínio, elas esfriam a água. Bota a água na bacia de alumínio e põe no sereno. Ela amanhece friinha. (INFORMANTE 10d)

De acordo com o dicionário Aurélio, simpatia é um “ritual posto em prática, ou objeto supersticiosamente usado, para prevenir ou curar uma enfermidade ou mal-estar. Observe-se que as simpatias citadas pelo informante da Comunidade Senhor Jesus têm um conteúdo até certo ponto diferente do que está na definição do dicionarista, apresentando-se mais condizente com a definição do Houaiss: “ação (observação de algum ritual, uso de determinado objeto etc.) praticada supersticiosamente com finalidade de conseguir algo que se deseja”.

3.5 Apresentando os topônimos:

O propósito do levantamento apresentado abaixo foi identificar alguns topônimos da região do Vale do Guaporé, partindo-se do pressuposto de Isquierdo (2007) sobre a importância de se recuperar as marcas étnicas nos estudos toponímicos e de Ilari e Basso (2006) que dizem o seguinte:

Os movimentos de exploração e colonização do período colônial espalharam pelo atual território brasileiro um sem-número de aldeias e vilas cujos nomes continham, tipicamente, referência à Coroa Portuguesa, aos santos da Igreja Católica e à toponímia indígena (por exemplo: Vila Real do Senhor Bom Jesus de Cuiabá, hoje Cuiabá, ou Forte Príncipe da Beira). Embora esse processo tenha sido realizado em nome de Portugal, seus agentes não foram portugueses típicos. Nos movimentos da expansão territorial, e nos grandes ciclos econômicos que os motivaram, sempre foi preponderante a presença de índios, negros e mestiços, falantes de uma língua que não poderia ser o português lusitano, mas somente um português marcado por fortíssimas interferências das línguas indígenas e africanas (ILARI; BASSO, 2006:51).

A classificação foi realizada com base no modelo taxionômico de Dick (1975, 2004), a partir dos estudos de Souza (2007, 2008), com algumas adaptações, tendo em vista a singularidade nos topônimos do Vale do Guaporé e as dificuldades de se recuperar informações sobre a motivação na origem de alguns topônimos.

Os topônimos citados nas entrevistas foram agrupados nas seguintes categorias: históricos, os relacionados ao passado dos quilombolas, os lugares guardados na memória; Quilombos e Comunidades Remanescentes de Quilombos, o nome de ontem e os de hoje; Rios do Vale do Guaporé; Alguns municípios do Vale do Guaporé; e Diversos acidentes geográficos.

Como se podem ver nos quadros abaixo, a partir do levantamento dos topônimos, foi realizada uma investigação para identificação da possível motivação de cada topônimo. Alguns deles foram explicados pelos entrevistados e outros tiveram sua origem ou motivação explicada pelas diversas fontes identificadas nos quadros origem, motivação ou histórico.

3.5.1 Os topônimos históricos:

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	ORIGEM / MOTIVAÇÃO
Quilombo	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Banto
Senzala	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Banto
Terreiro	Poliotopônimo de natureza antro-po-cultural	Latim

Os topônimos **quilombo e senzala**, de acordo com a classificação de Dick (1992), são etnotopônimos de natureza antropológica e cultural, por terem em sua essência uma estreita relação com a história cultural da comunidade.

O vocábulo quilombo tem algumas dessas acepções apresentadas abaixo:

s.m. (sXVI cf. MS⁶) **1** HIST *B* acampamento fortificado dos jagas, design. atribuída aos povos que invadiram o Congo e Angola em fins do Sxvi. **2** HIST *B* local escondido, ger. no mato, onde se abrigavam escravos fugidos. **3** HIST *B* povoação fortificada de negros fugidos do cativoiro, dotada de divisões e organização interna (onde tb. se acoitavam índios e eventualmente brancos socialmente desprivilegiados) cf. *mocambo* **ETIM quimb. kilombo 'união; cabana, acampamento, arraial, povoação; capital; exército'; Nei Lopes cita Adriano Parreira em APArE: "o voc. kilombo (nos sXV-XVII) tem uma dupla conotação: uma, toponímica e outra, ideológica.** Eram assim também designados os arraiais militares mais ou menos permanentes, e também as feiras e mercados de Kasanji, de Mpungo-a-Ndongo, da Matamba e do Kongo" (HOUAISS, 2001). Grifo nosso.

Sobre a origem do nome quilombo, os estudiosos das línguas banto como Angenot & Angenot e Huta-Mukana dizem que, contrariamente às afirmações que consideram que a palavra quilombo, conforme trecho grifado acima, é de origem Quimbundo, é de origem Banto (Línguas das Zonas K, L, M etc.), pois nessas línguas, de maneira geral, a palavra quilombo tem o sentido de “comandante, pessoa que dirige, chefe”. Eles criticam as considerações antropológicas que limitam a origem do termo a um só língua da Costa Ocidental do Continente Africano (Angola), lugar da embarcação dos escravos ao novo mundo.

O vocábulo senzala, de acordo com o Dicionário Houaiss Eletrônico, é:

s.f. alojamento que, nas antigas fazendas ou casas senhoriais, abrigava os escravos; embala, etim quimb. sa'nzala 'povoação' (com dissimilação), segundo Renato Mendonça e AGC, sin/var ver sinonímia de assuada, ant ver antonímia de assuada . (HOUAISS, 2001)

O topônimo terreiro é poliotopônimo, por ter uma relação com o lugar físico, fazendo-se uma analogia com praça, povoação, arraial.

3.5.2 Quilombo / Comunidades Remanescentes de Quilombos

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	HISTÓRICO
Piolho ou Quariterê (MT)	Etnotopônimo ou Antropotopônimo de	Quariterê - Rio de Mato Grosso; possível alt. do Guarani arcaico carahy-

	natureza antropo-cultural	tereré, ataque de malária, o tremor da malária. (TIBIRIÇÁ, 1985: 100)
Forte Príncipe (RO)	Axiotopônimo de natureza antropo-cultural	Homenagem ao herdeiro da Coroa Portuguesa. “Príncipe do Brasil” era então o título do herdeiro ou herdeira da coroa portuguesa, assim como “Príncipe da Beira” era o título do seu primogênito ou primogénita (i.e., privativo dos netos primogênitos sucessores presuntivos na coroa dos Reis de Portugal). Assim, o forte, iniciado em 1776, foi batizado em homenagem a D. José de Bragança, Príncipe do Brasil, que então era ainda apenas Príncipe da Beira, título que manteve brevemente até sua mãe, Maria I de Portugal, subir ao trono no ano seguinte (1777), quando ele próprio passou a Príncipe do Brasil. (WIKIPEDIA.ORG)
Limoeiro (RO)	Fitotopônimo de natureza física	Lugar que tinha muito limão.
Rolim de Moura do Guaporé (RO)	Antropotopônimo de natureza antropo-cultural	Homenagem a Dom Antônio Rolim de Moura
Santo Antônio (RO)	Hagiotopônimo de natureza antropo-cultural	Referência à devoção a Santo Antônio de Pádua.
Pedras Negras (RO)	Etnotopônimo de natureza antropo-cultural Cromotopônimo de natureza física	Quando os barcos chegavam próximo à comunidade, enxergava-se como se fossem pedras negras – descrição relacionada aos negros acorados à margem do rio ou às pedras de cor escura que se viam quando se chegava de barco.
Santa Fé (RO)	Hagiotopônimo de natureza antropo-cultural	Sem informação
Senhor Jesus (RO)	Antropotopônimo de natureza antropo-cultural	Nome do Patriarca da Família Oliveira que vive na localidade desde 1959.
Surpresa (RO)	Animotopônimo de natureza antropo-cultural	Comunidade Remanescente de Quilombos do Vale do Guaporé em Rondônia.
Tarumã (RO)	Etnotopônimo(s) de natureza antropo-cultural	Lago no rio Amazonas nas proximidades da cidade de Óbidos, PA; do nome de uma extinta tribo da nação caribe. (TIBIRIÇÁ, 1985:146)

Observando-se o quadro acima, pode-se resumir da seguinte forma: dos 10 nomes de quilombos / comunidades remanescentes de quilombos, considerando os dois casos com dupla classificação, há 10 topônimos de natureza antropo-cultural e 02 de natureza física, havendo, portanto, maior incidência de motivação pela natureza da cultura.

Particularizando o olhar, pode se dizer que a motivação, no caso do topônimo Piolho / Quariterê deixa transparecer o fato que Dick chama de binomeação linguística com sucessividade. O quilombo não foi chamado pelo mesmo nome no mesmo momento, mas em

momentos diferentes. Assim, pode ser classificado como antropotopônimo, homenagem ao integrante Piolho, e etnotopônimo, uma relação com o rio Quariterê.

De acordo com o *site Historianet*, o quilombo do Piolho ou Quariterê, no final do século XVIII, localizado próximo ao rio Piolho, ou Quariterê, reuniu negros nascidos na África e no Brasil, índios e mestiços de negros e índios (cafuzos).

Lima (2000) diz que o Quilombo Piolho foi formado com os fugitivos do Quilombo Quariterê, quando este último foi estourado pela Bandeira comandada pelo Sargento-Mor João Leme do Prado e afirma ter havido dois quilombos.

O Informante 3d diz que Piolho era o nome do Quilombo cujas lideranças negras eram Manoel ou Zé Piolho e sua companheira Tereza de Benguela “...existe diversas versões, né, uma das últimas que eu conheci, ... esses dois escravos, eles eram fugitivos lá do Rio de Janeiro e que vieram chegar a Vila Bela”. Como se pode ver, não há consenso em relação aos dois nomes: podem ter sido dados a quilombos diferentes ou a um só quilombo em épocas diferentes.

Sobre o topônimo Pedras Negras há também uma dupla motivação na qual transparece um processo metafórico; sendo que uma é de natureza física, “a visão das pedras negras”, e a outra, de natureza antropológica, “os negros, moradores do lugar, acorados à margem do rio à semelhança das pedras negras”.

3.5.3 Alguns Rios do Guaporé

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	HISTÓRICO
Pouso Alegre (MT)	Animotopônimo de natureza antro-po-cultural	Rio de Mato Grosso. São palavras do INFORMANTE 1d “Antonio Rolim de Moura, em 1748 mais ou menos, pra já vim localizar local pra se fundar a cidade pra se tomar posse da terra como outras região e essa comissão que vieram pra cá andaro, descero o Guaporé, subiram, viram que era um pouco pantanosa que tinha ponto estratégico, até que acharo que aqui onde eles pousaram, às margens do rio que tem o nome de Pouso Alegre...”
Guaporé (MT e RO)	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Rio de Mato Grosso, divisa com a Bolívia; de Guaporé, uma espécie de cipó. (TIBIRIÇÁ, 1985:51)
Mequéim (MT)	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Rio afluente da margem esquerda do Guaporé, RO; de <i>Mekem</i> , nome de uma tribo indígena da região. (TIBIRIÇÁ, 1985:86)

Madeira (RO)	Ergotopônimo de natureza física	Segundo site Comciencia, o nome foi dado por associação ao período de expansão com a exploração de madeiras abundantes: mogno e cedro, que eram transportados pelo rio. lat. <i>materia,ae</i> 'matéria, madeira de construção, assunto, objeto'; divg. pop. de <i>matéria</i> ; ver <i>matr-</i> ; f.hist. sXIV <i>madeyras</i> (HOUAISS ELETRÔNICO) Já a comunidade diz que o rio tem esse nome pelo fato de durante a época das chuvas as águas do rio subirem e nela descem rio abaixo muitos troncos de madeiras.
Mamoré (RO)	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Rio de Rondônia; alt. de <i>mamuri</i> , nome de um peixe comum na região, também chamado de <i>matrinxã</i> .(TIBIRIÇÁ, 1985:45)
Jauru (MT)	Hidrotopônimo de natureza física	Rio de Mato Grosso ; de <i>jaú-r-y</i> , rio dos jaús. (TIBIRIÇÁ, 1985:76)
Coxipó (MT)	Hidrotopônimo de natureza física	Rio de Mato Grosso; do bororo <i>cuji-bó</i> , rio do peixe, segundo A. Levy Cardoso. (TIBIRIÇÁ, 1985:45)
Galera (MT)	Hidrotopônimo de natureza física	F. 1. Mar. Embarcação a vela, com remos, preferida pelos romanos em suas campanhas. [...]. (SANTILLANA, 2003:224)
São Miguel (RO) (Rio e Município)	Hagiotopônimo de natureza antro-po-cultural	Surgiu do povoado assentado nas proximidades do rio São Miguel, formado por colonos provenientes dos municípios de Rolim de Moura e Presidente Médici. O nome São Miguel é alusivo ao rio mais importante do município. (FÁTIMA CLEIDE- <i>site</i>)

Os hidrotopônimos são os acidentes geográficos em que, na denominação toponímica, o elemento hidronímico está presente, seja o termo genérico água ou as designações de cursos d'água específicos como córrego, rio, ribeirão, como, por exemplo: Serra das águas, Água boa, Riozinho, Rio Preto, Foz do Iguaçu, etc.

De acordo com Dick,

os acidentes hidrográficos, de um modo geral, têm motivação variada e, assim, é possível separá-los em dois grupos de amostragem: topônimos que conservam o elemento água ou a unidade lexical hidrográfica no enunciado toponímico, seja de origem indígena ou portuguesa, indicando, portanto, uma concepção muitas vezes aspectual ou de estado; topônimos com motivação semântica variada: origem religiosa, ergológica, geomorfológica, etc. como, por exemplo, Rio de Santo Antônio, Rio São Miguel, Rio Grande da Serra. Dick (2004:127)

Observando o quadro acima, pode-se dizer que os topônimos que nomeiam os rios do Guaporé citados, em sua maioria, não têm relação direta com o elemento “água”. Há somente 03 nomes de rio que se relacionam com o elemento água, são: Jauru, Coxipó e Galera.

A motivação semântica relaciona-se ao elemento étnico, religioso ou da observação dos fatos da natureza. São nomeações que podem ser entendidas como resultado do relacionamento do homem com a natureza e do embates sociais.

3.5.4 Alguns municípios do Guaporé

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	HISTÓRICO
Cuiabá	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Capital do E. de Mato Grosso do Norte; segundo alguns autores, a denominação deriva do nome antiga tribo que habitou a região. (TIBIRIÇÁ, 1985:45)
Pouso Alegre / Porto da Pescaria / Vila Bela da S. Trindade (MT)	Animotopônimo de natureza antro-po-cultural Hidrotopônimo de natureza física Hagiotopônimo de natureza antro-po-cultural	“E eles desceram, pegaram esses afluentes, foram até o amazonas, subiram e chegaram até Vila Bela, que não era Vila Bela ainda, era um ponto, e esse ponto eles chegando aqui eles deram o nome Pouso Alegre ou Porto da Pescaria” (INFORMANTE 3d)
Guajará-Mirim (RO)	Fitotopônimo de natureza antro-po-cultural	Cidade à margem do rio Mamoré, RO; de <i>guajará</i> , nome de uma planta da floresta amazônica; <i>guajrá-miri</i> é o nome de uma planta, o m.q. <i>guajaraí</i> . (TIBIRIÇÁ, 1985:50-51)
Costa Marques (RO)	Axiotopônimo de natureza antro-po-cultural	A denominação de Costa Marques à localidade foi dada pelo governador do Estado de Mato Grosso em homenagem a Joaquim Augusto da Costa Marques, sexto presidente desse Estado no período de 1911 a 1915. Ao ser elevado o distrito de Costa Marques a município manteve esta denominação. (FATIMA CLEIDE - <i>site</i>)
Pimenteiras (RO)	Fitotopônimo de natureza física	O processo de ocupação do espaço natural onde hoje se localiza o Município de Pimenteiras do Oeste, originou-se da fuga dos escravos procedentes de Vila Bela da Santíssima Trindade do Estado de Mato Grosso. Os escravos, fugindo de Vila Bela, dirigiam-se para o Norte, seguindo o curso do Rio Guaporé. A área da fazenda Santa Cruz constituiu uma expressão dessa realidade e tornou-se o germe do povoado e, hoje, município. Na localidade de Laranjeiras, até hoje existente como um povoado e que abriga cerca de 70

		<p>moradores, tivemos outro núcleo de ocupação que, segundo informações foi fundado pelo seringueiro veneziano Américo Casara.</p> <p>Francisco Matias, pesquisador da História Política de Rondônia, afirma: "O lote Pimenteiras, contíguo ao lote Barranco Vermelho, situado no pontal do Rio Cabixi com o Rio Guaporé, foi doado à firma exploradora de borracha silvestre Stofen, Sechemak, Muller & Cia, no dia 25 de janeiro de 1913. A 03 de abril de 1929, foi doado a João Nepomuceno Ceballo pelo governo do Estado de Mato Grosso".</p> <p>(www.pmpimenteirasdoeste.com.br/index.php?exibir=secoes&ID=43)</p>
Poconé (MT)	Hidrotópônimo de natureza física	Cidade de Mato Grosso do Norte; não é nome Tupi; pode ser alt. do borôro pócorêu, que seg. Barbosa de Faria, significa água profunda. (TIBIRIÇÁ, 1985:99)

A observação do quadro acima permite a inferência de que a nomeação dos topônimos dados aos municípios percorreu o mesmo caminho no qual prevaleceu a natureza cultural. A motivação foi dada pelo nome de tribo indígena, pelo ânimo, pelo lazer, pela presença de uma planta, pela homenagem a alguém importante e pela água.

O topônimo que se destaca neste quadro é o de Vila Bela da Santíssima Trindade, nome que marcadamente faz referência à religiosidade (hagiotópônimo), tendo tido anteriormente dois outros nomes: Pousos Alegres e Porto da Pescaria, animotópônimo e hidrotópônimo respectivamente. O que se percebe é que os primeiros nomes são mais espontâneos que o último, cuja característica é marcada pela presença e pelo poder das instituições religiosas.

3.5.5 Topônimos diversos do Guaporé

TOPÔNIMOS	CLASSIFICAÇÃO	HISTÓRICO
Vale do Guaporé	Etnotópônimo de natureza antroponímico-cultural	O Vale é uma planície entre duas montanhas. Rio de Mato Grosso, divisa com a Bolívia; de Guaporé, uma espécie de cipó. (TIBIRIÇÁ, 1985:51)
Área Ribeirinha	Hidrotópônimo de natureza física	Área próxima ao rio.
Região de Cabixis	Etnotópônimo de natureza antroponímico-cultural	Região de Cabixi – rio afluente do Guaporé, na bacia do madeira; <i>cabixi</i> é o nome pelo qual os Cozarini são

		chamados pelos Uaiamaré e Caxiniti. (TIBIRIÇÁ, 1985:127)
Chapada dos Parecis	Etnotopônimo de natureza antro-po-cultural	Chapada – Parte alta montanha que é achatada. Pareci - Rio afluente da margem esquerda do Sumidouro, da bacia do Tapajós,MT; topônimo aruaco (dial. pareci). (TIBIRIÇÁ, 1985:142)

Por último, topônimos diversos nos quais também se conservam as características da identificação cultural e da riqueza étnica; os nomes, apesar de nem sempre terem sido batizados pelas populações negras e indígenas, marcam a presença dessas etnias na região.

3.6 Quadros / resumo dos vocábulos e topônimos analisados

A) Quadro resumo de alguns vocábulos básicos dos falares dos quilombolas do Guaporé			
ITEM	VOCÁBULO BÁSICO	PROVÁVEL ORIGEM	REFERÊNCIA
1	Negro	Latim	Léxico geral do Português
2	Índio	Latim	Léxico geral do Português
3	Boliviano	NC	Léxico geral do Português
4	Descendente	Latim	Léxico geral do Português
5	Remanescente	Latim	Léxico geral do Português
6	Feijão	Latim	Léxico geral do Português
7	Arroz	Árabe	Léxico geral do Português
8	Porco	Latim	Léxico geral do Português
9	Milho	Latim	Léxico geral do Português
10	Festa	Latim	Léxico geral do Português
11	Santo	Latim	Léxico geral do Português
12	Feitiçaria	Latim	Léxico geral do Português
13	Fogueira	Latim	Léxico geral do Português
14	Reco-Reco	Onomatopéico	Léxico geral do Português
15	Tambor	Árabe	Léxico geral do Português
16	Viola	Provençal	Léxico geral do Português
17	Mandioca	Tupi	Léxico geral do Português
18	Erva Doce	Latim	Léxico geral do Português
19	Cravo	Latim	Léxico geral do Português
20	Gengibre	Árabe	Léxico geral do Português
21	Bacupari	Tupi	Léxico específico dos falares do Guaporé
22	Traíra	Tupi	Léxico geral do Português
23	Massaco	Espanhol	Léxico específico dos falares do Guaporé
24	Quadrilha	Espanhol	Léxico geral do Português
25	Xaixêru	Espanhol	Léxico específico dos falares do Guaporé
26	Uquê!	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
27	Aquá!	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
28	Ingome	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
29	Ingomerê	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
30	Moquá/Muquá	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
31	Matingombê	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
32	Matingangolê	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
33	Gana	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
34	Mumbungues	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
35	Canjinjin	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
36	Enganaíá	NC	Léxico específico dos falares do Guaporé
37	Mutê (muntuê)	Banto	Léxico específico dos falares do Guaporé
38	Candomblé	Banto	Léxico geral do Português
39	Macumbaria	Banto	Léxico geral do Português
40	Ganzá	Banto	Léxico geral do Português

A observação do quadro acima permite identificar a informação de que, das 40 palavras / expressões analisadas, 35 vocábulos fazem parte do léxico geral do Português e 15, dos falares específicos do Guaporé.

Considerando a origem: 18 são de origem latina e outras, integrados ao Português; 03 são de origem Indígena (Tupi); 03 são de origem espanhola; e 16 são de origem Banto: sendo que 03 vocábulos integrados ao Português e 13 são lexemas remanescentes dos antepassados quilombolas de Vila Bela da Santíssima Trindade encontrados nos cantos e nas falas das personagens da Festa do Congo e na fala dos mais velhos, algumas vezes ressemantizadas na fala dos mais jovens.

Em relação aos lexemas remanescentes, em sua maioria encontrados na ritualística da Dança do Congo (Cantos e textos das personagens), pode-se dizer que o resultado confirma as pesquisas africanistas que dizem haver um grande número de palavras da família lingüista banto no Português do Brasil.

B) Quadro resumo de alguns topônimos identificados no Vale do Guaporé			
Natureza Antropo-cultural		Natureza Física	
Topônimo	Classificação	Topônimo	Classificação
Quilombo	Etnotopônimo	Jauru	Hidrotopônimo
Senzala	Etnotopônimo	Coxipó	Hidrotopônimo
Quariterê	Etnotopônimo	Galera	Hidrotopônimo
Tarumã	Etnotopônimo	Poconé	Hidrotopônimo
Guaporé	Etnotopônimo	Área Ribeirinha	Hidrotopônimo
Pedras Negras	Etnotopônimo	Porto da Pescaria	Hidrotopônimo
Mequém	Etnotopônimo	Guajará-Mirim	Fitotopônimo
Mamoré	Etnotopônimo	Limoeiro	Fitotopônimo
Cuiabá	Etnotopônimo	Pimenteiras	Fitotopônimo
Vale do Guaporé	Etnotopônimo	Pedras Negras	Cromotopônimo
Região de Cabixis	Etnotopônimo	Na organização deste quadro, aparecem repetidos ou desmembrados os topônimos considerados com dupla motivação que, de acordo com o levantamento e averiguação, possuem duas possibilidades de classificação, como é o caso de Quariterê / Piolho, de Pedras Negras e de Pouso Alegre / Porto da Pescaria / Vila Bela da Santíssima Trindade.	
Chapada dos Parecis	Etnotopônimo		
Santa Fé	Hagiotopônimo		
Santo Antônio	Hagiotopônimo		
Rio São Miguel	Hagiotopônimo		
Município São Miguel	Hagiotopônimo		
V. B. S. Trindade	Hagiotopônimo		
Forte Príncipe Beira	Axiotopônimo		
Costa Marques	Axiotopônimo		
Surpresa	Animatopônimo		
Pouso Alegre	Animatopônimo		
Rolim de Moura	Antropotopônimo		
Piolho	Antropotopônimo		
Senhor Jesus	Antropotopônimo		
Rio Madeira	Ergotopônimo		
Terreiro	Poliotopônimo		

Algumas considerações importantes:

A título de comparação, vale acrescentar aqui os nomes de algumas localidades encontradas pela pesquisadora do PIBIC, Joane Santiago, já referenciada acima, que são: Corte do Índio, Conceição, Porto França, Curralinho, Costa Marques, Santa Fé, Santa Rosa, Rio São Miguel, Santo Antonio, Limeira, Pau D'óleo, Foz do Rio Branco, Pedras Negras, Ilha das Flores, Rolim de Moura, Laranjeiras, Cafetal, Remanso e Santa Cruz. Estas duas últimas são localidades da Bolívia.

Maioria desses nomes já desapareceu, diz Joane Santiago, e é verdade. Fazendo-se uma comparação com os topônimos encontrados nesta pesquisa, essa informação pode ser

confirmada. No entanto, seria interessante uma investigação para ver se não seria uma evolução para outro nome, tendo em vista um acontecimento, uma mudança na realidade física ou na cultural.

Dos 36 topônimos identificados nas entrevistas do Vale do Guaporé, 10 são de natureza física e o restante, 26, são de natureza antroponímico-cultural, dados que apontam para uma prevalência de nomeação toponímica do aspecto cultural;

O número que se destaca nessa identificação é o de etnotopônimos de origem indígena (12) e africana (03), dado que confirma as pesquisas que afirmam haver um grande número de topônimos de origem indígena no Brasil.

Ressalte-se que a nomeação cultural não significa que foi realizada pelos moradores das comunidades, pois em muitos casos os nomes de origem indígena ou africana foram batizados pelos Portugueses.

De um modo geral se percebe que nesse campo há muito que se fazer em termos de aprofundamento dos estudos, uma vez que há pouco estudo sobre a toponímia do Vale do Guaporé.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação teve como objetivo identificar e analisar alguns vocábulos básicos dos falares dos Quilombolas do Vale do Guaporé, por meio de Pesquisa de Campo em Vila Bela da Santíssima Trindade (município do Estado do Mato Grosso) e nas Comunidades de Santo Antônio do Guaporé (município de São Francisco do Guaporé), Pedras Negras (município de São Francisco do Guaporé), Santa Fé (município de Costa Marques) e do Senhor Jesus (município de São Miguel do Guaporé), no Estado de Rondônia.

A coleta do *corpus* foi realizada através de entrevista livre, com 13 informantes adultos, sendo 03 de Vila Bela / MT e 10 das Comunidades quilombolas de Rondônia. Transcritas as entrevistas, foram identificadas 37 palavras distribuídas em três aspectos, quais sejam: identidade social e familiar; sobrevivência e alimentação; manifestações culturais e religiosas e expressões da sabedoria popular. Foram analisados 34 topônimos com base na classificação de Dick (1990).

No item Identidade social e familiar, foram analisadas palavras relacionadas à construção da identidade do remanescente de quilombos, o que revelou a constituição de um grupo social formado com a participação de indígenas, quilombolas e bolivianos. A busca por uma identidade quilombola passa pela aceitação dessa miscigenação.

As palavras relacionadas à família remetem a uma memória de um antepassado distante de cuja descendência o quilombola reclama. No Vale do Guaporé, essa memória ainda está muito viva na mente de muitos adultos que ouviram de seus parentes distantes as histórias do tempo da escravidão e da resistência nos quilombos.

Analisando palavras relacionadas à sobrevivência e à alimentação, percebe-se uma semelhança no modo como as comunidades quilombolas de Rondônia lidam com a farinha, produzem e vendem a mandioca. É assim há muito tempo. Os derivados da mandioca são feitos para consumo próprio, assim também é a com a pesca, e há iniciativas esporádicas de extrativismo vegetal.

Com relação às manifestações culturais e religiosas, encontram-se semelhanças e diferenças quando se comparam Vila Bela e Comunidades de Rondônia. Em Vila Bela, a Festa é a atividade cultural mais importante em torno da qual giram todas as manifestações em homenagem a São Benedito, o santo preto, que vão do religioso ao popular sem que se possa distinguir quando e onde começam ou terminam. Dentro das festividades de São Benedito, acontece a Dança do Congo que possibilita a rememoração da luta travada entre dois reinados africanos, símbolo de resistência ontem e hoje, celebração ritualística que ajuda a manter vivos alguns lexemas remanescentes na fala dos adultos. Nas Comunidades Remanescentes de Quilombos de Rondônia, a Festa do Divino é a expressão maior da fé no Vale do Guaporé.

Ao longo do trabalho, o conceito de empréstimo foi questionado e refutado, tendo em vista que, segundo Bonvini, são resultado do contato e estão totalmente integrados à Língua Portuguesa. Como se empresta algo que é da sua família, que é seu, que lhe constitui, que faz parte do seu cerne? Com relação aos empréstimos de palavras de origem indígena (Tupi, Caribe e Aruaco), como considerá-los empréstimos, olhando-se do ponto de vista do falar das comunidades quilombolas (resultado do contato e da vivência de negros, índios e bolivianos) de acordo com os dados.

A análise dos topônimos possibilitou a distinção de um número superior, cujo histórico aponta para a classificação de antropológicos e culturais, motivados pela riqueza étnica do contato, apesar de se saber que os nomes de origem indígena (de comprovada maioria) não foram dados pelos nativos e, sim, pelos portugueses.

Para tentar responder a essas perguntas, foi necessário que se aprofundasse olhar e que se mudasse o ponto de vista, ouvindo as vozes do Guaporé:

Olha, a gente mora em Vila Bela desde nossos antepassados, bisavô, talvez até tataravô, quando fez parte da fundação da cidade de Vila Bela. Através desse passado, nós estamos aí. (NFORMANTE 1d)

Porque nós temos que nos preocupar em preservar a memória do nosso passado. Não podemos continuar ignorando isso e deixando tudo pra lá, fazendo de conta que os nossos antepassados não existiram, né, isso é negar a nossa história. (NFORMANTE 2d)

Todos consideram assim que porque é negro é quilombola. (INFORMANTE 3d)

Então as pessoas que não tem nada a ver é que vem e vão pegado lá, só porque é moreno, tem uma corzinha, mas não vivero isso aqui, não é na

realidade não tem nada a ver com a descendência que tem lá que tinha a minha família e a minha família vive por aqui (INFORMANTE 1fc)

[...] o alimento espiritual do Vale do Guaporé vem a ser a Festa do Divino (INFORMANTE 9d)

Eu sou nascido aqui mermo, no Rio São Miguel. Aliás não conheço muito assim, nem de Rondônia não conheço, Porto Velho conheço assim de passagem. Conheço bem mais ou menos Guajará-Mirim, que era o que mais a gente ia, mas o resto... (INFORMANTE 10d)

As comunidades do Vale do Guaporé apresentam características peculiares significativas, porque são formadas pelos descendentes daqueles que contribuíram para o povoamento do Vale do Guaporé durante o período colonial, em conflito ou convivência com os índios.

Os lexemas encontrados comprovam essa miscigenação. Há, realmente, no falar das comunidades remanescentes, vocábulos de origem indígena, africana e espanhola, algumas já estão integradas ao Português, mas há também palavras que provavelmente são lexemas remanescentes de línguas africanas, que podem ser considerados como testemunhos vivos de uma herança de traços culturais africanos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACHE TUDO E REGIAO. **História de Rondônia RO**. Disponível em <http://www.achetudoeregiao.com.br/RO/Historia_de_Rondonia.htm> Acessado em 25/12/2008.
- ACHE TUDO E REGIAO. **História do Mato Grosso MT**. Disponível em <http://www.achetudoeregiao.com.br/MT/Historia_do_mato_grosso.htm> Acessado em 25/12/2008.
- ALMANAQUE ABRIL. **Edição Brasil - 2000**. São Paulo: Abril, 2000.
- ALVES, Ieda Maria. **Neologismo**. São Paulo: Ática, 1990. - (Série Princípios)
- ALVES, João Medeiros de. Brasil Colônia – **O Quilombo do Quariterê**. Historianet – a nossa história. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?codigo=18j>> acessado em 11/01/09.
- AMAZÔNIA de A a Z. **Escravidão no Vale do Guaporé, Rondônia**. Disponível em: <http://www.portalamazonia.globo.com/artigo_az.php?idAZ=366> acessado em 02/12/2008.
- ANGENOT, Jean-Pierre; JACQUEMIN, Jean-Pierre. **Identificação de critérios lingüísticos que permitem precisar a origem dos empréstimos bantos no português do Brasil**. In: X REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. UFBa. Salvador/Bahia, 22 a 25 de fevereiro, 1976.
- ANGENOT, Jean-Pierre; ANGENOT, Geralda de Lima Vitor. **Glossário dos Bantuísmos Brasileiros**. Guajará-Mirim, Caderno de Ciências da Linguagem. Publicação on-line em 21-08-2007.
- ARRUTI, José Maurício Andion. **A emergência dos “remanescentes”: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas**. Mana Vol 3 nº 2 Rio de Janeiro – Oct. 1997. Disponível em <<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s0104-93131997000200001&s...>> acessado em 05/12/2008.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: Elaboração de Referências. Rio de Janeiro: ABNT, 2000.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: Apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6024**: Informação e documentação – Numeração progressiva das seções de um documento escrito - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, maio de 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6027**: Informação e documentação - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, maio de 2003.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6034**: Informação e documentação – Índice - Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, dez. de 2004.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 14724**: Informação e Documentação – Trabalhos acadêmicos – Apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, dez. de 2005.

BANDEIRA, Maria de Lourdes Bandeira. **Território negro em espaço branco – estudo antropológico de Vila Bela da Santíssima Trindade**, São Paulo: Brasiliense, 1988.

BASÍLIO, Margarida. **Teoria Lexical**. São Paulo: Ática, 1989. - (Série Princípios)

BONVINI, Emílio. **Palavras de origem africana no Português do Brasil: do empréstimo à integração**. In: PETER, M. (orgs.) História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro. São Paulo/Campinas: Humanitas/Pontes, 2002.

BRUM, Eliane (Texto); CLARETO, Maurilo (Fotos). **Um Quilombo no século XXI** – Como uma comunidade sobreviveu por 300 anos no Estado mais moderno do país. Revista Época nº 410, 27 de março de 2006. (p. 66 a 70)

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **Introdução às línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, MEC, 1977.

CARDOSO, Suzana Alice e FERREIRA, Carlota. **A dialetologia no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1994. – (Repensando a Língua Portuguesa)

CARVALHO, Nelly. **O que é Neologismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CARVALHO, Nelly de. **Empréstimos lingüísticos**. São Paulo: Ática, 1989.

CARVALHO, Vanilde Alves de. **A dinâmica entre as fronteiras: Brasil Bolívia. A relação entre as regiões Pantaneiras e Chiquitanas**. Disponível em: <www.seplan.mt.gov.br/.../A_6ab8150a5c3af8ea2208da05b43ec24eADINMICA...> acessado em 14/01/2008.

CASTRO, Yeda P. de. **Influências de línguas africanas no português do Brasil e níveis sócio-culturais de linguagem**. *Educação*, Brasília, v.6, n.25, p.49-64, out./dez. 1977.

CASTRO, Yeda P. de. **Línguas africanas e realidade brasileira**. Revista da FAEEBA, Salvador, nº 15, p. 83-91, jan/jun, 2001.

COM CIÊNCIA. **Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**. Disponível em <<http://www.comciencia.br/resenhas/floods.htm>> Acessado em 25/12/2008.

Constituição da República Federativa do Brasil – texto promulgado em 5 de outubro de 1988.

COSTA, Sérgio Corrêa da. **Palavras sem fronteiras**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática histórica**. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2005.

CUNHA, Antonio Geraldo da. **Dicionário etimológico nova fronteira da Língua Portuguesa**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

- D' AMORIM, Eduardo. **África: essa mãe quase desconhecida**. São Paulo: FTD, 1997.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Atlas Toponímico do Brasil: teoria e prática II**. Revista Trama – Volume 3 – Número 5 – 1º Semestre de 2007 – p.141-155. Disponível em: <<http://e.revista.unioeste.br/index.php?e=9&=44966-3452-1BP.pdf>> acessado em 10/01/09.
- DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. **Atlas Toponímico: um estudo dialetológico**. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4\(10\)61-69.html](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/4(10)61-69.html)> acessado em 10/01/2009.
- DUBOIS, Jean et alii. **Dicionário de Lingüística**. São Paulo: Cultrix, 1973.
- EMBRAPA. **Programa Polonoroeste – sustentabilidade agrícola na Amazônia**. Disponível em: < <http://www.machadinho.cnpm.embrapa.br/conteudo/polono.html>> Acessado em 06/02/2009.
- FARACO, Carlos Alberto. **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. São Paulo: Parábola, 2004.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.11**. 3ª ed. São Paulo: Positivo, 2004.
- FONSECA, Dante Ribeiro da. **Estudos de História da Amazônia**. Porto Velho: Gráfica e Editora Maia, 2007.
- FRANÇA, Nilcéia Albuquerque. **Origens do Português no Brasil – da crioulização ao português brasileiro**. Nota de Pesquisa. Disponível em: <<http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&nop=viewPDF...>> cessado em 04/08/2008.
- GOMES, Mércio Pereira. **O Caminho brasileiro para a cidadania indígena**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOMES, Flávio dos Santos. **Sonhando com a terra, construindo a cidadania**. In: PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi (Orgs.). *História da Cidadania*. São Paulo: Contexto, 2008.
- HORIZONTE GEOGRÁFICO. **Se a floresta ficasse sempre assim...** Disponível em <<http://www.horizontegeografico.com.br/index.php?acao=exibirMateria&materia%5Bidmateria%5D=202>> acessado em 14/12/2008.
- HOUAISS, Antônio *et al.* **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- ILARI, Rodolfo. **Introdução ao estudo do léxico**. São Paulo: Contexto, 2004.
- ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. **O Português da gente: a língua que estudamos, a língua que falamos**. São Paulo: Contexto, 2006.

ISQUERDO, Aparecida Negri e KRIEGER, Maria da Graça (Orgs). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande/MS: UFMS, 2001.

ISQUERDO, Aparecida Negri e OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de (Orgs). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia – Volume II**. Campo Grande/MS: UFMS, 2004.

LAMBDA, Maxwell. **Polissemia e produtividade nas construções lexicais**. PUC-Rio. Disponível em < www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/cgi-bin/PRG_0599.EXE/8995_4.PDF?NrOcoSis=27208&CdLinPrg=pt -> acessado em 06/09/08.

LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade – MT: sua fala, seus cantos**. 2000. 220f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – IEL. UNICAMP, Campinas.

LUCCHESI, Dante (2001). **A importância de se estudar a fala das comunidades rurais afro-brasileiras**. Revista da UFBA., Bahia, 2004. Disponível em <www.gelne.ufc.br/revista_ano4_no2_09.pdf> acessado em: 08/01/2009.

Mapa do Estado de Rondônia – Rodoviário, Político, Estatístico. Trieste.

Mapa Político do Estado do Mato Grosso - Disponível em: <<http://www.coladaweb.com/mapasestcont/10.jpg>> acessado em: 04/08/2008.

Mapa Político do Estado de Rondônia. Disponível em: <<http://www.colegiosaofrancisco.com.br/alfa/brasil-mapas/imagens/mapa-de-rondonia...>> acessado em: 04/08/2008.

MENDONÇA, Renato. **A influência africana no português do Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira/INL, 1972. (Retrato do Brasil, 83).

MUNANGA, Kabengele. **Origem e histórico do quilombo na África**. Revista USP. São Paulo (28): 56-63. Dezembro/Fevereiro 95/96. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/28/04-Kab-pdf>> acessado em 08/01/2009.

Museu da Língua Portuguesa Estação da Luz. Disponível em <http://200.150.149.165:9081/wps/portal!/ut/p/kcxml/04_Sj9SPykss...> Acessado em 12 de fevereiro de 2009

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa** Volumes 1. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1936.

NEGREIROS, Gil Roberto Costa. **Pesquisas sobre o léxico nas modalidades oral e escrita**. PUC-SP, UNIVERSISTAS. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/revista/34/resenha3.htm>> acessado em 10/08/08.

OLIVEIRA et al. **Empréstimo lingüístico – uma atualização lexicográfica**. UNESA. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixcnlf/16/70.htm>> acessado em 27/01/07.

OQ - OBSERVATÓRIO QUILOMBOLA. **Relatório sobre a demarcação das terras quilombolas do Vale do Guaporé em Rondônia**. Disponível em:

<http://www.koinonia.org.br/OQ/analise_conjuntura_detalhes.asp?c > acessado em 01/07/2008.

ORLANDI, Eni Pulcinelli (org.). **Política lingüística na América Latina**. Campinas: Pontes, 1988.

PETTER, M. (orgs.) **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo/Campinas: Humanitas/Pontes, 2002.

PIMENTA, Reinaldo. **A casa da Mãe Joana – curiosidades nas origens das palavras, frases e marcas**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

Prêmio Culturas Indígenas – São Paulo: SESC, 2007.

PUZZINATO, Ana Paula; AGUILERA, Vanderci de Andrade. **A presença de africanismos na Língua Portuguesa do Brasil**. UEL. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/afroatitudeanas/volume-1.2006/Ana%20Paula%20Puzzinato.pdf>> acessado em 25/07/2008.

Regimento do Mestrado em Ciências da Linguagem. UNIR – Campus de Guajará Mirim.

RODRIGUES, Ayron Dall'igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Ed. Loyola, 2002.

SANTANA, Gisely Bárbara Barreto. **Terras de uso comum e identidades coletivas: ressignificando o conceito e a função da propriedade**. UNB. Disponível em: <<http://www.ibdu.org.br/terrasdeusocomumeidentidadescoletivas.pdf>> acessado em 12/12/2008.

SANTANA, Valdemir; BRAGA, Julio. **Fuzura, aluá, efó, ebubu fulo bobó, ginguba...** Revista Claudia Nov. 93. (p. 80 a 83)

SANTIAGO, Joane de Lima. **O falar dos descendentes de quilombolas do Vale do Guaporé através dos dizeres dos rezadores e benzedeiras e da Festa do Congo**. Relatório Final CNPq / PIBIC / UNIR. Agosto de 2007 a agosto de 2008.

SANTOS, Carlos. **A fronteira do Guaporé**. Porto Velho: Edufro, s/d.

SILVA, Valdélis Santos. **Rio das Rãs à luz da noção de quilombo**. Afro-Ásia. Número 023. UFBA. Disponível em: <<http://www.mulheresnegras.org/doc/valdelio.doc>> acessado em 25/12/2008.

SOUZA, Alexandre Melo de. **Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira: um projeto em andamento**. UFAC, 2007. Disponível em: <http://www.entrelinhas.unisinos.br/_include/imprimir_artigo.inc.pdf> acessado em 09/01/2009.

SOUZA, Alexandre Melo de. **Estratos lingüísticos de origem Tupi na Macro-Toponímia Acreana: contribuição para o Atlas Toponímico da Amazônia Ocidental Brasileira**. UFAC. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ivcluerj->

sg/anais/iv/completos/comunicacoes/Alexandre%20Melo%20Souza.pdf > acessado em 24/08/2008.

SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA – MT. **Cultura**. Disponível em <<http://www.cultura.mt.gov.br/TNX/index.php?sid=116>> Acessado em 25/12/2008.

TEIXEIRA, Marco Antônio Domingues. **Quilombolas de Santo Antônio do Guaporé: conflitos nas relações socioambientais em área de reserva ecológica**. Porto Velho, Workpaper/UNIR. 2006.

_____, Marco Antônio Domingues. **Quilombo de Jesus. Vale do rio São Miguel / Rondônia. Aspectos da ocupação territorial**. Saber Científico 1 (1): 1-26. Disponível em: <<http://www.saolucas.edu.br.8080/rcientifico/setup/artigos/ANEXO/02032008165911.pdf>> acessado em 02/12/2008.

_____, Marco Antônio Domingues. **Santo Antônio do Guaporé, identidade e territorialidade adversas**. Disponível em: <http://www.seduc.ro.gov.br/2008/editor/jscripsts/tiny_mce/plugins/filemanager/files/arquivos/ensinomedio/santo.pdf> acessado em 09/12/2008.

TIBIRIÇÁ, L. C. **Dicionário de topônimos brasileiros de origem tupi**. São Paulo: Traço Editora, 1997.

TRIVINOS, Augusto N. S.,. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais, a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Atlas S.A.,1992.

WIKIPÉDIA – A enciclopédia livre. **Real Forte Príncipe da Beira**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Real_Forte_Pr%C3%ADncipe_da_Beira> Acessado em 25/12/2008.

WOUK, Miguel. **Manual de investigação lingüística**. In: Estudo etnográfico-lingüístico da Comunidade Ucaíka de Dorizon. (p. 97 a 155)

YIDA, Vanessa. **Alimentação e cozinha no Brasil: preliminares de um estudo dialetológico**. UEL – PG. Disponível em: <http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006_g/textos/005.htm> acessado em 10/08/2008.

ANEXOS

Anexo 1

QUADRO GERAL DE IDENTIFICAÇÃO LEXICAL A PARTIR DOS FALARES DOS QUILOMBOLAS DO VALE DO GUAPORÉ	
IDENTIDADE	Negro (preto, escravo, guiné, braço); Índio; Boliviano; Descendente; (antepassado, bisavô, tataravô, fiarada); Remanescente.
MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA / INSTRUMENTOS	Pequeno produtor rural (Plantação e beneficiamento de Mandioca; Assai); Extrativismo; Pesca; Artesanato (de Cipó: paneiro, vassoura, cesta, cacaió); Foice; Enxada; Motor; Caititu.
ALIMENTAÇÃO/ UTENSÍLIOS	Mandioca (macaxeira); Derivados (farinha, farinha de tapioca polvilho, goma) Alimentos produzidos(tapioca, beiju; biscoito de polvilho, biscoito de goma, bolinho de polvilho, bolo besta, bolo de dia); Feijão (feijoada); Porco (barrão, cachaço; pé-de-porco, toucinho); Milho Cozido; Couve; Massaco; Traíra (lobo); Arroz (bolo de arroz); Xaixêru; Bacupari; Assai; Licor Canjinjin; Erva Doce; Cravo; Gengibre;
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS /RELIGIOSAS	Fest/ança; Macumb/aria; Feitiç/aria; Candomblé; Dança do Congo; Festa de São Benedito (Santo Preto); São João; Quadrilha; Fogueira; Chorado; Dança do Cururu; Dança Siriri; Rasqueado; Festa do Divino; Festa de Santo Antônio; Festa de Nossa Senhora das Graças; Festa da Imaculada Conceição; Ganzá; Tambor; Viola; Reco-Reco. Lexemas Remanescentes: Ingome; Ingomerê; Matingombê; Matingangolê; Moquá (muquá); Mubungues; Muntê (muntuê) Gana; Enganaia. Expressões remanescentes: Aquá!; Uquê!.
TOPÔNIMOS	Quilombo, Senzala, Garimpo, Terreiro. Rios: Pouso Alegre; Guaporé; Mamoré; Mequém; Madeira; Jauru; Coxipó; Galera; São Miguel. Municípios: Guajará-Mirim; Costa Marques; Pimenteiras; Cuiabá; São Miguel; Vila Bela da Santíssima da Trindade. Quilombos: Quariterê; Piolho; Porto Murtinho; Pedras Negras; Forte Príncipe; Santo Antônio; Santa Fé; Rolim de Moura; Senhor Jesus; Limoeiro; Tarumã; Surpresa. Diversos: Vale do Guaporé; Área Ribeirinha; Região de Cabixis; Arraiá de São Vicente; Arraiá do Pilar; Córrego do Prainha; Cordilheira da Serra dos Parecis; Porto da Pescaria; Chapada dos Parecis; Comunidade São Francisco Xavier; Nossa Senhora do Pilar; São Vicente.
ERVAS MEDICINAIS/ CURAS	Tamarino; Arnica; Pílula de Avião: (Pimenta Malagueta Pólvora e Limão); Leite de Janaguba;
EXPRESSÕES	Lombo de burro; Construção feita em meia lua; Cachoeira que rodava em carretão; Negros com o roçado e brancos com a oficina; Ciclo da borracha; Ciclo da Castanha; Ciclo da Toada = Ipeca; Beira de rio; Vida sacrificada; Escrava marcada; Quilombo embranquecido; Pedra Canga; Poço de Pedra; Braço Escravo da Produção; Fazer a devoção, Selar a Macaxeira; Tribo Domesticada; Casa de Palha, de pau a pique, de taipa; Tirar leite de castanha; Taboa de Jacaré; Tirar Cavaco; Tirar poaia.
APELIDOS	Roberto (Amanso); Francisco (Chôgo); Aparecida (Maxixe).
SIMPATIAS	Para chover; Para o sol aparecer; Para esfriar água (Água de Sereno).

Anexo 3
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

PESQUISADORA: Francisca Valda Gonçalves

TÍTULO DA PESQUISA: Identificação e análise de alguns vocábulos básicos dos falares dos quilombolas do Vale do Guaporé

NOME DO(A) PARTICIPANTE _____

Caro(a) Participante.

Gostaríamos de convidá-lo a participar como voluntário da pesquisa intitulada *Identificação e análise de alguns vocábulos básicos dos falares dos quilombolas do Vale do Guaporé*, sendo entrevistado(a) e contribuindo para o desenvolvimento do Projeto de Mestrado da pesquisadora Francisca Valda Gonçalves, do Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem, da Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Campus de Guajará-Mirim/RO.

Seu nome não será utilizado em qualquer fase da pesquisa, o que garantirá o seu anonimato.

Não será cobrado nada. Não haverá despesas nem riscos na sua participação neste estudo. Não estão previstos ressarcimentos ou indenizações. Não haverá benefícios imediatos na sua participação.

Os resultados desta pesquisa contribuirão para:

- as discussões e estudos em linguagem da UNIR;
- a identificação de alterações advindas do contato com bolivianos e indígenas;
- o resgate da memória da linguagem falada pelos antepassados dos quilombolas; e
- ajudar a comunidade quilombola a defender e a valorizar suas origens, tradições e bens sociais e culturais.

Gostaríamos de deixar claro que sua participação é voluntária e que poderá recusar-se a participar ou retirar seu consentimento se assim o desejar.

Desde já agradecemos sua participação e colocamo-nos à disposição para maiores esclarecimentos.

Eu confirmo que a pesquisadora explicou os termos e objetivos dessa pesquisa, bem como devia ser a minha de participação.

Eu li e compreendi este *Termo de Consentimento*, portanto, eu concordo em participar dessa pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____.

Participante

Anexo 4
CANTOS DA DANÇA DO CONGO EM VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE

I – Cantos que são cantados quando um integrante da dança ou festeiro é convidado, a fim de compor o cortejo para a realização do desfile:

I

Sai, sai o **ingome** sai

Saia do caminho

Sai **ingomerê**.

II

Chegou, chegou enganaiá

Chegou, chegou enganaiá

Pra fazer a nossa festa de São Benedito

Pra fazer a nossa festa de São Benedito.

II – Cantos sempre cantados no início da embaixada:

I

Bateram o sino respondeu lá vidraça

Bateram o sino respondeu lá vidraça

Viva Benedito Santo

que ganhou a sua graça

Viva Benedito Santo

que ganhou a sua graça.

II

Mais é ô Maria

Mais é ô Mariá

Viva Benedito Santo

que ganhou a sua graça.

III

Sinhô Rei, sinhô rei enganaiá
 Sinhô Rei, sinhô rei enganaiá
 Digno nosso Rei
 Digno nosso lar.

III – Cantos que caracterizam o ritual da matança dos soldados:

I
 Em paz, em paz, em paz
 Em paz, em paz, em paz enganaiá.

II
 Já, lá, lá mutê
 Já, lá, lá mutê
 Já, lá, lá calunga
 Já, lá, lá mutê.

III
 Olha lá **matigombê**, ê, ê, ê
 Olha lá matigombê, enganaiá.

IV – Cantos que marcam o fim da Festa de São Benedito

I
 Sinhô Rei vamos embora
 Sua festa já acabou.
 Sinhô Rei vamos embora
 Sua festa já acabou.

Senhora Rainha vamos embora
 Sua festa já acabou
 Senhora Rainha vamos embora
 Sua festa já acabou.

Sinhô Juiz vamos embora
Sua festa já acabou.
Sinhô Juiz vamos embora
Sua festa já acabou.

Senhora Juíza vamos embora
Sua festa já acabou
Senhora Juíza vamos embora
Sua festa já acabou.

Ramalhetes vamos embora
Sua festa já acabou
Ramalhetes vamos embora
Sua festa já acabou.

II
Acabou-se a festa
Com muita alegria
Acabou-se a festa
Com muita alegria
Viva Benedito Santo hoje neste dia
Viva Benedito Santo hoje neste dia.

Anexo 5
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS REALIZADAS NO VALE DO GUAPORÉ

VILA BELA DA SANTÍSSIMA TRINDADE / MT - fevereiro de 2008.

INFORMANTE 1d – 34min24seg – mídia digital

Tito Profeta da Cruz. Descendente de Quilombola – morador antigo da Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Entrevistadora -

Esta é a primeira entrevista com o Senhor *Tito Profeta da Cruz*. O Seu Tito mora em Vila Bela há quantos anos, seu Tito?

Seu Tito –

Olha, a gente mora em Vila Bela desde nossos antepassados, bisavô, travez até tataravô, quando fez parte da fundação da cidade de Vila Bela. Através desse passado, nós estamos aí.

Entrevistadora -

Senhor. Eu vou deixar o Senhor falar de suas memórias que o Senhor tem e uma vez ou outra eu vou perguntar o significado de uma palavra, porque a minha pesquisa eu vou pesquisar sobre o léxico, quer dizer a palavra, então assim a palavra que me chamar atenção eu vou dizer assim: Seu Tito? Eu não conheço o significado dessa palavra, aí eu vou pedir para o Senhor explicar, claro, se o Senhor souber, né. Então, o Senhor pode falar livremente das suas memórias.

Seu Tito –

Você vai fazer uma pergunta pra mim ou...

Entrevistadora -

Pode falar, por exemplo, como foi que começou Vila Bela?

Seu Tito-

Tá certo, aí é uma pergunta. Vila Bela, de acordo com o conhecimento que a gente tem com até então o tratado de Tordesilhas, depois o Tratado de Madri que dava aquele direito do uso de “possidetis” nós começamos invadir o território espanhol e entrar dentro da terra deles porque nós depois desse tratado nós começamos a ficar bem aquém, né, e os Portugueses foram invadindo a procura do ouro e tomando posse, né, e chegando por volta de 1734 mais ou menos onde, né, onde o fisco do ouro era muito elevado em Cuiabá.... já tinha fundado a cidade de Cuiabá em 1719, né, então, aqueles patrão começaram a descobrir novas frentes de mineração e chegaram aqui na Mineração de São Francisco, na Mineração de São Carlos, é ali no São Vicente, né, e outras mineração, Lavrinha, né, vários outras mineração, então eles começaram mandar mensage pra Portugal da nova riqueza que tinha ouro a oeste do país e que tinha de tomar uma série de medidas pra que nós pudéssemos, de fato e de direito ser dono dessas terras que não pertecia a nós, até que convenceu-se as autoridade, o rei de portugal, a mandar, né, Antonio Rolim de Moura, em 1748 mais ou menos, pra já vim localizar local pra se fundar a cidade pra se tomar posse da terra como outras região e essa comissão que vieram prá andar, descero o Guaporé, subiram, viram que era um pouco pantanosa que tinha ponto estratégico, até que acharo que aqui onde eles pousaram, às margens do rio que tem o nome de Pouso Alegre, né, e aí se identificou que o único local mais

apropriado seria aqui, né, e no dia 19 de março a equipe do Antonio Rolim de Moura, né, teve prazer de fundar a cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade, né, com esse nome e que garantiria esses direitos nosso sendo o Rio Guaporé ... das terras portuguesas com as terras da Espanha. Houve várias lutas, porque os Espanhóis também lutaram, embora eram mais fracos, mas lutavam pela posse, né, mas até que conseguiram, né, ficou Vila Bela aqui fundada nesta data de 19 de março de 1752, com todas as autoridades, governadores, juiz de direito, padre, né, criou-se... e começou a construção também, né, palácios, quartéis..... câmara, e várias igrejas iniciais foram construídas até que chegou a construir a Matriz que ela chegou a não terminar de uma vez, mas...

Entrevistadora – é aquela ruína, né?

Seu Tito –

...deu acesso à parte religiosa que naquela época a religião católica é que predominava na época, né?

Entrevistadora –

Das coisas que os seus parentes antigos contavam.. Como é que os quilombolas viviam aqui?

Seu Tito –

É o seguinte: pra se chegar a essa posição da fundação se sabe que o negro foi o único braço que tinha condição, né, do trabalho, do garimpo, né, ele é como cão farejador, sabia..., porque lá na África eles trabalhava já, na verdade, na extração do ouro e que o índio nunca, né, deu aquela prova de trabalho eficiente, o índio vivia mais de caça, de pesca, porque era originário já deles, né, que já vivia aqui acomodado só nesse sentido e o negro embora eles não tinham... uma visão muito ampla, mas eles também tinham esse conhecimento pro lado do garimpo, pro lado das construção, comércio, né, as bases de alicerce das construção era quem fazia direito e quem também garimpava não era o branco, era o negro, era ele que pegava todo serviço pesado pra vim de Cuiabá aqui como é que vinha? Vinha a pé, ou então, por exemplo, no lombo de um burro, de um boi, um carneiro, trazendo as coisas, a parte de alimentação, fazia uma rocinha aqui e ali, né, pra se manter, embora que a maioria da alimentação já vinha através do Pará, né, porque outros governadores que foram sucedendo, né, já tinha de acordo com o mapa que seria viável a entrada até Vila Bela vindo do Pará, via Rio Madeira, Mamoré, Guaporé por aqui e eles começaram a seguir essa rota pra trazer também alimentação... então o negro é que era o burro de carga, como se diz, ele que enfrentava tudo, ele se envolveu ... eles viviam também numa situação precária, ele é, como se diz, a casa onde eles moravam era senzala, é aí no São Francisco mesmo a gente teve o prazer de conhecer várias lendas, a Igreja de Pedra, várias construções, a cerca onde poderia colocar os animais tudo construída de pedra, cada construção feita em meia lua, tendo uma altura com mais ou menos uns dois metros de altura voltada para o sul aonde vinham o vento sul, até hoje é frio lá em cima, né, e cobriam com palha por cima e eles viviam ali como porcos, né, não tinham um dormitório adequado, né, era uma vida bem baixa para um homem sobreviver, como posso dizer...

Entrevistadora –

Vieram mulheres negras também ou só mais homens?

Seu Tito-

A princípio vieram homem, né, e aí na proporção que foram dado condição as mulheres também acompanhavam, foram acompanhando e foram dando geração embora, por exemplo, nesse período o negro não tinha opção, quem fugia primeiro para fazer os quilombos era os

homens, depois que os quilombos estavam mais ou menos já agarrado, então eles vinham e roubavam as mulheres, né, pra levar pra lá, tirava do sofrimento, levava as mulheres pra o Quilombo... é o caso do quilombo Quariterê, né, que a rainha Tereza de Benguela, né, teve essa oportunidade pra acomodar o Quilombo e acho que era lá depois de muitos anos, muitos anos não, questão de vinte anos mais ou menos, foram descobertos, né, através até então... de uma navegação que ia até o meio do Rio Guaporé, Mamoré aí perto de Guajará-Mirim tem aquelas cachoeiras eles rodava em carretão, né, e chegava lá em Porto Velho, né, descia o Mamoré e pegava e saía lá no Pará, né, de lá que eles trazia também era uma coisa que é como a questão do sal, o sal vinha do Pará, outra alimentação ... e pra isso pra manter também o garimpo aqui com essa viagem até o Pará o que que eles montava o esquema? na primeira destruição do quilombo, no Governo de Cristian Albuquerque, em 1870 mais ou menos, ele destruiu o quilombo aí trouxeram pra cá Tereza de Benguela, ela foi até então sacrificada em praça pública pra que o pessoal não tivesse donde fugir, mas ficou alguns fugitivos lá no Piolho, né, que depois formou nova leva do quilombo lá daqueles fugitivos e aí no governo do irmão do Luís Albuquerque, que é o João Albuquerque, ele conseguiu estourar outra parte do quilombo e trouxe para cá, né, os remanescentes de lá do quilombo ... trouxe para cá, já tinha criança à toa tudo sem batizar, aí o que que eles fizeram? Luís Albuquerque batizou crianças, velho, os Costa Marques também batizou e assim foi fazendo. Aí O que eles fizeram? Procuraram fazer um Quilombo embranquecido, quer dizer, o branco é que mandava nele, aí arrumaram ferramenta, enxada, foice e jogaram pra formar esse Quilombo na margem do Rio Guaporé, que é onde foi fundado Pedras Negras, Costa Marques, Rolim de Moura, né, então esse pessoal foi pra lá já ...e esse quilombo, esse pessoal foi pra lá já com esses nomes: Costa Marques, Albuquerque, né, então eles fazia a lavoura e a navegação que descia e eles abastecia, por exemplo, Pedras Negras, Costa Marques, Rolim de Moura, aqueles pontos alí, até chegar Guajará-Mirim, né, e quando eles vinha do Pará também eles já tinha esses pontos de apoio que chegando lá nos tem lá uma farinha, uma mandioca, um arroz, um feijão pra ele até chegar até Vila Bela, essa viagem demorava às vezes até um ano esse percurso e aí só pra completar essa questão do sobrenome, quando foi agora em 1920 mais ou menos é que a situação na área ribeirinha aí ficou bem precária, não tinha meio de comunicação, não tinha Território de Rondônia, então o que eles fizeram? ficaram numa situação difícil, né, a alimentação seria a pesca e passava logo por uma situação de índio, mais ou menos, então a família começava a voltar pra Vila Bela como de lá pra cá como daqui dos garimpo, os índio começaram a pressionar de lá, aí eles vieram pra cidade e de lá com a falta de recurso vieram pra cá. Então, pra cá vieram a turma dos Albuquerques que até é nossos vizinho e eles não sabem porque eles são Albuquerque, a gente que estuda, que lê bastante sabe que eles foram da família Albuquerque, porque foram batizados por Luís Albuquerque, né, o quinto governador, português...

Entrevistadora –
Tudo é Português, né?

Seu Tito-
É, Português, aí os Costa Marques, né, também vieram subindo, né, e então o que aconteceu? Começaram a chegar os filhos, tem o Protázio que fez noventa anos aí depois chegou o irmão dele também que está com 98 anos vai fazer agora também, e trouxe a mãe pra cá, né. Ah! E outras tias vieram, formou-se um grupo de Albuquerques aqui, como tem o grupo de Costa Marques. Então, é bastante interessante essas coisas que às vezes fala: Albuquerque? Da onde surgiu Albuquerque? Albuquerque surgiu por essas formas que as autoridades daquela época estourou um segundo Quilombo, né, batizaro....

Entrevistadora –
Estourar o que é?

Seu Tito-

Estourar é acabar, dizimar com aquele círculo das pessoas querer fugir, né, do trabalho, porque eles trabalhava e se dispersava, né, dia e noite, então eles procurava fugir, tinha também os branco que fugia por causa da justiça que eles devia a justiça, fugia também pra esse Quilombo, e os índios também alguns índios que eram mansos também eles deixavam ...o trabalho dos índio era caçar, né, pescar...

Entrevistadora –
Outra forma de ver a vida, né...

Seu Tito –

A vida, né,...e os negros com o roçado branco fazia serviço de oficina, na época o terreiro, então é bastante importante dizer como que se deu esse círculo de ida e depois de retorno, mas de qualquer maneira ficou lugares como Pedras Negras, Costa Marques já criado aí. Quando foi, por exemplo, no fim da década de 30 mais ou menos, aí que veio negócio da navegação do Guaporé, inclusive a primeira lancha, ela veio de caminhão, uma coisa assim, e no mastro tinha o nome de Ema, tinha uma navegação por nome de Ema, aí que ela foi no baixo, no baixo tinha muito ema, né ... aí começou dando essa assistência à beira do rio e veio o ciclo da borracha que foi na guerra que foi de 39 a 45, né, que o governo investiu bastante, até então ... aquela política do soldado da borracha se ele era cearense, Rio Grande do Norte, vinha gente tudo pra cá pro Amazonas e subindo o Rio Guaporé e aí a navegação começou, né, o ciclo da borracha, da castanha, da toada, que é a ipeca, aí criou-se o Território do Guaporé no Território de Rondônia que até então pertencia a Vila Bela até lá no Santo Antônio, na cachoeira, né,

Entrevistadora – Foi lá que morreu muita gente na cachoeira, né?

Pois é, aí criaram esse Território de Rondônia, aí a beira do rio ficou navegável... lancha pra cima e pra baixo, todo mês saia, por exemplo de Guajará-Mirim pra Vila Bela, no dia 05, com a subvenção do governo federal que era no Rio de Janeiro, né, tinha aquele recurso para a navegação no rio pra fazer a trajetória até Vila Bela, então a beira do rio ficou aquela mil e outra maravilha, né, porque se podia comprar uma sal, um querosene, sabão, né, todas as coisa que eles trazia de cada coisa um pouco, né.. pode fazer mais perguntas, eu só estou falando...

Entrevistadora – Ah! Eu estou gostando muito. Eu queria que o Senhor me falasse como que era a manifestação religiosa? Porque nós sabemos que os negros têm uma manifestação religiosa muito distinta dos brancos. E como é que eles conseguiam, porque quem mandava, estava no poder, era a igreja católica, né, então...

Seu Tito-

Aí, por exemplo, os português eram muito religiosos, católicos, todas coisas deles era com santo, Santo Antônio, a Igreja de Santo Antônio, e o negro ele tinha mais aquela afeição, vamos dizer, a macumbaria, a feitiçaria, coisa assim, o outro é candomblé, essas coisas toda, porque ainda existe alguns santos no próprio candomblé, aí o que acontecia: se os branco ele era católico fazia as festa, as festas religiosas, aí então os negros queria..., não, tinha as festa religiosas, eles tinha de, nessas festas, um ou dois, uns três dias de férias durante o ano, né, pra até então poder praticar as festa dele, então ele tinha a dança do congo, né, que era da

religião da África, né, que festejava o São Benedito, que era o santo preto, negro, então nessa... depois da Festa do Divino que seria no domingo, né, logo em seguida, aí tinha as festa dos negros que era já o resto das comidas, do pé de porco, do milho cozido, feijão, fazia aquela feijoada e eles num sabia que aquilo lá que era os alimento ... que ele também não usava mais durante a vida dele, né, comendo milho, feijoada, porco, orelha de porco, que ele comia mais as coisa mais nova, tanto é que as doença malária, febre amarela, pegava mais brancos, porque o organismo deles não tinha resistência, que o negro resistia mais o estômago, porque tinham mais força pro pesado, eram mais, aí então como o branco também ele não tinha resistência a esse tipo de dureza eles tentaram desenvolver dois capitães gerais aqui em Vila Bela e foi aí que começou uma campanha pra se mudar a capital pra Cuiabá só por comodidade... aí que chegou por volta de 1820 começou a mudança da capital pra Cuiabá e em 1835 mudou definitivamente a capital pra Cuiabá. Então, a questão voltando a religião, né, nós usava mais nossa religião lá da África e eles usava mais a questão da religião de Portugal, né, e que pro negro era candomblé, aquela coisa o terreiro...

Entrevistadora -

Lá na Bahia, quando a Iemanjá sai, né, a Iemanjá é Nossa Senhora das Graças purinha, né, tem essa semelhança. Assim, por exemplo, como o Senhor vê hoje essas histórias que o Senhor está contando com certeza o Senhor tem contado para outras pessoa, né,

Seu Tito-

Bom, a gente tem contado, sempre a gente tá fazendo entrevista como essa como a gente tem comentado com algumas pessoas daqui mesmo, né, como é que foi, né, a gente tem feito muito entrevista que ...

Entrevistadora –

Eu não sou historiadora, eu sou professora. Eu vou analisar sua fala pelas palavras, mas assim olhando sob esse prisma da história, essa história não pode se perder, ela precisa ser registrada, porque nós morremos, eu morrerei e o Senhor também e aí essa história vai se perder se isso não for registrado, se não for escrito...

Seu Tito-

É isso que a minha mulher sempre fala que eu devia escrever um livro, disse aí a vida de gente no passado como a gente vivia, né, de uma maneira bem rústica, sacrificada, né, para se chegar até o momento que nós tamos custou muito suor, muita luta, muita vida, da mãe, da família da gente que sofreu, também várias malária que a gente já pegou nessa região até Cabixis nós trabalhava muito a renda, tem que escrever, né, que é pra registrar até mesmo para a família da gente, né, pros netos, que eu já tenho netos, né, que é curioso faz perguntar pra gente, às vezes nem acredita naquilo que a gente fez, que a gente vê na nossa vida parte daquilo que nossos antepassados viveram, que ainda não tava totalmente livre, desimpedido das coisa, tava tranquilo porque não era, por exemplo, não tinha mais aquela questão de ser escravo, né, não tava livre porque dependia de muita coisa ainda, muitos direitos que a gente não tinha, não tava com aquela coisa que hoje já está se clariando mais, mesmo na questão dos quilombos, né, o Governo Federal... o artigo 68, da Constituição garante a terra... tem que aproveitar enquanto há esse apoio, porque outro presidente eu não sei... eu não votei no Lula na primeira vez, mas na segunda eu votei só por causa dessa campanha, agora, se vem outra campanha contrária ... do quilombo, ele já tem que está estruturado, pronto pra caminhar com as próprias pernas, com financiamento, né, com bacia leiteira, tem que trabalhar pra dar renda, pra esses negócios. Então, eu acho que é por aí, nosso quilombo, a curatela, pelo menos o

pessoal aqui perto tem luz, tem estrada, né, o governo acha que deve fazer umas casas pra eles lá, porque ainda tem aquelas casas de palha, de pau a pique que..., então dá mais condição pra eles sobreviver.. tem que aproveitar a brecha da lei, a luta da Fundação Palmares. Essa Fundação quando anunciara a vinda, não, da Ministra teve aqui em Vila Bela dando apoio, então pra nós era bastante importante que nós passou a conhecer a nossa necessidade, o nosso sofrimento aqui em Vila Bela, né, então pra nós a perda dela foi uma coisa lamentável...

Entrevistadora -

Seu Tito, aqui no Brasil, em nenhuma região do Brasil há pessoas que falem mais as línguas que os negros trouxeram da África. Uma ou outra pessoa assim de mais idade sabe uma ou outra palavra e isso é uma tristeza porque para os estudiosos da linguagem, quando uma língua se perde, é todo um patrimônio que vai embora, que não há registro...o Senhor sabe, por acaso, alguma palavra falada pelos seus antepassados que vieram pra cá? O Senhor tem na sua memória uma palavra, ah! Essa palavra é como eles diziam?

Seu Tito –

Olha, tem muitas palavras aí até que era falado, então, de acordo com as danças, as músicas, mas assim muitas palavras foram perdendo, né, a gente sabe que falavras palavras africanas, mas vamos dizer... isso é uma coisa até negativa... aquá, por exemplo, você já viu de aquá?

Entrevistadora-

Não.

Seu Tito-

No meu tempo se perguntava pra moça: _ Quer namorar comigo? - Aquá! Queria dizer não. E outras palavras aí, vamos dizer, tem aqui uma dança matigobê... Cantando: “Olha lá matigombé, lá, lá, iá...” quer dizer são os rebeldes, né, Matigombê era o cara que era rebelde, aí, por exemplo, moquá, já ouviu falar de moquá?

Entrevistadora –

Não, mas pela estrutura parece língua banto...

Seu Tito –

Não, porque dentro da festa do congo, vamos dizer, ele quando tá transmitindo uma ordem para o soldado, né, então, ele grita: _ Moquá! Ele fala....., quer dizer, ele está chamando atenção das tropas portuguesas, do exército. Ele diz: - Ordinário, marcha! Então, eles falam assim: - Moquá! E ele fala: _guarda! Quer dizer que ele está prestando atenção essa advertência que chamou, né, que vai mudar de ritmo, né, e o soldado percebe que eles estão prestando atenção. Aí ele diz: - gana! Para troca de ritmo, né..

Entrevistadora-

Para encerrar, eu queria que o Senhor me explicasse: Por que que o Senhor é Profeta?

Seu Tito –

Isso é uma coisa que tem feito várias perguntas. São poucos Profeta no Brasil. Esses dias encontrei com um Profeta e ele queria saber a origem nossa. O que eu sei que o meu avô, o pai do meu avô, eles entraram no Brasil através ali da Bahia mais ou menos, aí ele desceu ali pro lado do Rio de Janeiro, né, aí que entrou em São Paulo e pegou aquela rota que da migração e ela passava ali por Minas Gerais, em Goiás, chegaro até aqui ... e aí chegando aqui ainda no começo em mil setecentos e pouco, ainda não tinham família, não eram casados, e

naquela época, o nome da família se prendia ao nome do marido, que o nome da mulher sempre perdia, né. Então, vamos dizer, o meu avô casou com uma senhora que era Leite Ribeiro e perdeu o Leite Ribeiro, ficando só Profeta da Cruz. Em Cárceres tinha também um tal de Profeta.... Esse rapaz que veio no ano passado aqui eu tenho até o endereço dele que é Profeta também, ele disse o mesmo roteiro, só não tem o Cruz, tem o Profeta, e aí eu já pesquisei várias pessoas que é Cruz também que entrou pelo mesmo roteiro lá .. Agora, já no casamento com a ... já o Profeta nós num tava nem observando, aí entrou Batista da Cruz, aí não tinha como botar o nome dos filhos Batista, tinha que ser Profeta dos Santos, mas não tinha como dar continuidade ao Profeta. De qualquer maneira, na minha família já os meus filhos já perderam o sobrenome Profeta....os meus netos também já perderam o Profeta...

INFORMANTE 2d – 22min53seg – mídia digital

Lélis Carneiro. Descendente de Quilombola – morador antigo da Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Seu Lélis-

O poço de Vila Bela era o abastecimento de água, né, da região aqui, porque nós tínhamos assim quartel general próximo, o palácio do governo do general também próximo aqui da minha residência. Esse poço aqui era considerado assim pra abastecimento do bairro, na época, né, na década de 1780, mais ou menos, então era aqui que o povo vinha e tirava a água para facilitar buscar água do rio guaporé e aí ele foi jogado meio de escanteio porque teve muita família que morava aqui e não tinha carinho com o poço e eu tive carinho, tive conversando com muitos secretários de estado e de cultura, mostrando a necessidade de reativar ela para que mostrasse pra o estudante, não só o estudante de Mato Grosso, mas estudantes de Rondônia, de Porto Velho, do Colégio Dom Bosco de Porto Velho já estiveram aqui, nós tivemos muito prazer, porque nós temos nosso patrício de Vila Bela que mora aqui em Rondônia com muito orgulho. A gente mostra isso aí pra que eles mostre para os patrícios, né, porque Rondônia é um Estado melhor que tem pelo menos 30% de Vila Belense que saíram daqui para ter uma solução de estudo, de emprego, de convivência melhor, porque Vila Bela foi descapeado pelo poder público, o Estado do Mato Grosso na época, né, com a mudança assim da capital do Estado do Mato Grosso pra Cuiabá, então aqui ficou um local muito abandonado, e o povo daqui procurava um destino para que tenha uma convivência melhor, levar conhecimento para seus filhos, graças a Deus que Rondônia acolheu os filho de Vila Bela e que nós temos hoje advogados, engenheiros, nós temos professores, filhos que vivem a sessenta anos no Estado de Rondônia. Isso pra nós é prazer e também prazer de chegar uma pessoa igual a Senhora em busca de uma solução, em busca de um conhecimento ... nós estamos aqui pra falar pra Senhora, com muito prazer.

Entrevistadora-

Esse poço foi construído sendo colocado pedra sobre pedra, elas eram tiradas, cortadas na rocha, será?

Seu Lélis –

Essa Pedra Aqui, segundo a história, ela foi feita pelos escravos, esses escravos... Aqui teve muita lágrima, muito choro e a gente vê que essa pedra tem onze metros e pedra sobre pedra como a Senhora está dizendo até chegar aqui onze metros e dois metros de diâmetro, então aqui teve muito choro e pra cortar essa pedra aqui nem engenheiro hoje, então é uma relíquia que eu fico que o secretário que me acolheu...

Entrevistadora –

Chama-se pedra canga, não é?

Seu Lélis-

Então isso é muito bom pra gente, porque eu consegui que o Governo do Estado, porque foi tirado duas toneladas de lixo. Na época em que meu estava vivo era limpo, mas depois... criança é assim, vê o burado e vai jogando pedra para ver borbulhar, né, é alegria, né... risos...então é, hoje ela está aqui, é... a área aqui foi tombada, área turística, né, tem outro poço que eu vou tentar falar com outro secretário, pois o poço ali nunca foi limpo, estou

com 58 anos de idade e ele nunca foi limpadado e vou ver o que eu consigo limpar ela até chegar no ponto que ela está.

Entrevistadora-

O outro poço é de pedra, assim também?

Seu Lélis –

É a mesma coisa. É muito larga e falando em quilombola, quando muitos negros de Vila Bela foru daqui fugido do Arraiá de São Vicente, Arraiá do Pilar, foru pra Rondônia em busca de ilusão, fugido que nem escravo que sairo daqui de Vila Bela e plantaro na beira do Guaporé, foi muito bonito, né, e que a gente tem nossos irmão não só em Vila Bela, mas em Cárcere, em Cuiabá, outros irmão daqui de Vila Bela que foru em busca de solução de sobrevivência. E.. o pobrema do Congo, é.., desde 66 eu faço parte do Congo, eu fui Príncipe Canjinjin, filho do rei. Em 1966 eu tive a oportunidade de chegar lá e fui figura do Congo com muito orgulho. Eu entendo todas as línguas, sei interpretar um pouco das línguas. Hoje, sou secretário de guerra do congo, filho do rei que nós tivemos assim a oportunidade de localizar dois guerreiros, né, um do embaixador outro do ... que eu faço parte do rei, mas há 24 soldadosa história do congo é longa...

Entrevistadora –

É uma festa religiosa?

Seu Lélis –

É uma festa religiosa, ela é uma festa assim pra São Benedito, sabe?

Entrvistadora-

É uma espécie de encenação?

Seu Lélis-

É assim uma festa assim, ela é uma tradição de África, criada, veio junto com os escravos da Guiné, da África, entendeu? Ela veio junto ... então por muito longo tempo eles passaram pros filhos e foi passando passando, hoje, graças a Deus, nós somos do Congo do Estado do Mato Grosso ... a festa mais viva do Estado do Mato Grosso. Nós temos também o chorado também, hoje faz parte, não era muito divulgado, mas hoje onde ela chega ...mas o Congo se ela chegar em Rondônia o povo vai gostar...

Entrevistadora-

Tem música...

Seu Lélis-

Tem música, ganzá, dança, tem uma vestimenta especial, é tudo, como fala assim, é tudo uniformizada, entendeu? Que com ganzá, congo, é.. tambores, viola, reco-reco. Temos também Cururu, mas Cururu fica muito longe...

Entrevistadora –

O que é Cururu?

Seu Lélis –

Cururu é uma dança típica de África, é uma dança caipira, é um pouco rimada, a senhora faz o verso e aí ela responde...

Entrevistadora –
O verso é improvisado? Sobre que assunto?

Seu Lélis –
É improvisado na hora. O Assunto é inventado na hora. Cantando aqui a gente faz o verso. Se eu quiser poder pisar na Senhora eu piso, chingo a Senhora, a Senhora pode fazer o desaforo. Já o Siriri é uma dança assim também bonita...

Entrevistadora –
Seu Lélis, o Senhor lembra um trechinho da música do Congo pra cantar pra gente?

Seu Lélis –
É... música do Congo, nós temos... a professora aqui... ela faz parte... nós levantamos 4 horas da madrugada, a gente vai se preparar e ouve o sinal do sino e vai se acordando conforme, né, aí a gente vai buscar ela. Primeiro nós vamos buscar ... então a música que a gente canta para convidar ela pra sair pra ir pra Igreja é assim “sai, sai ô Mgome, sai, sai, saia do caminho, Mgoome..” Aí o soldado responde: “sai, sai ô Mgome, sai, sai, saia do caminho, Mgoomerê..” e aí vai na casa do juiz, vai na casa do rei, vai na casa da rainha, até chegar na Igreja.

Entrevistadora –
Canta sempre esse refrão dessa música?

Seu Lélis –
É, aí depois que está na Igreja já é outras músicas, aí já tem várias músicas...

Entrevistadora –
Lá no nordeste tem Folia de Rei

Seu Lélis –
Lá no nordeste tem o congado, lá no Espírito Santo. Nós tivemos a oportunidade o Congo de Mato Grosso, de Vila Bela, o Congo de Nossa Senhora do Livramento e Congo do Nordeste, doé uma dança muito bonita

Entrevistadora –
E esse trechinho que o Senhor cantou, o Senhor sabe que língua e de que região da África é?

Seu Lélis –
É do Guiné. É... alguma palavra do vocabulário do Congo, né, Uquê. Uquê é palavra que ela vem assim – O quê você é... Gana! É atenção. Entendeu? Nós temos assim. Guiné é preto na língua Africana. É...

Entrevistadora –
Quando o Senhor está cantando, o Senhor sente alguma coisa assim de transcendente, assim, não sei uma identificação com seu povo, uma realização pessoal, uma alegria?

Seu Lélis –
Olha, é... a gente talvez se transforma porque é guerra contra guerra na hora da apresentação, entendeu? Que a pessoa se transforma, parece uma coisa assim religiosa, então é guerra contra guerra. Ali ninguém quer perder e o povo fica tão ansioso de saber o que que vai acontecer, então é uma coisa inexplicável e é muito bonito, só a Senhora vendo, é muito emocionante.

Entrevistadora-

Do jeito que é realizado aqui é bem próximo do que era realizado na África , eu acredito...

Seu Lélis-

É... é uma representação.

Entrevistadora –

É como se fosse um ritual pra lembrar tudo aquilo que foi feito. Agora me sinto menos ignorante em relação ao Congo. O Senhor tem alguma foto. Vocês tiram alguma foto após as apresentações?

Seu Lélis –

Hoje eu sou conhecido no Estado do Mato Grosso, São Paulo, Rondônia também

Entrevistadora –

Agora, o Senhor vai ser conhecido também lá em Porto Velho, pois eu vou falar: _ Estive lá no Seu Lélis e....

Seu Lélis –

Eu tenho parente lá em Porto Velho. A turma do Frazão, a turma do Morais e na... é... eu tenho uns primos que moram lá em Porto Velho. Infelizmente não conheço Porto Velho e queria conhecer. É lá na Olaria, bairro Olaria, tem ali na COHAB, não sei o nome da COHAB..

Entrevistadora -

Tem Cohab Floresta e tem Cohab só Cohab.

Seu Lélis

É tem o Antonio Frazão, não sei se a Senhora conhece. Tem uma prima..

Entrevistadora –

Qual é o seu sobrenome, Seu Lélis?

Seu Lélis –

É Carneiro.

Entrevistadora –

Tem muitos Carneiro aqui, dessa família aqui?

Seu Lélis –

É grande a família. Temos em Cárcere, em Cuiabá...

Entrevistadora –

Nos Quilombos de Rondônia... em Costa Marques... Será que tem?

Seu Lélis –

É... eu sou Carneiro e Frazão ao mesmo tempo, a minha mãe era Frazão e o meu pai era Carneiro. Em Porto Velho e Guajará Mirim, a família que está lá é Frazão. Frazão de Almeida.

Entrevistadora –

Os que moram lá em Porto Velho também são descendentes...

Seu Lélis –

... de Vila Bela. E são daqui. Os de Porto Velho e Guajará Mirim.

Entrevistadora –

Os Frazão e os Carneiro...

Seu Lélis –

Não, Carneiro não tem muito não. Carneiro é de meu pai. Tem mais Frazão, Frazão de Almeida.

Entrevistadora –

E moram na Olaria?

Seu Lélis –

Um deles mora na Olaria e outro mora num bairro lá, sabe? Eu tenho primo, tia lá. Agora eu falei com uma professora do Colégio Dom Bosco pra que fizesse uma... levasse a gente lá ao vivo lá. Muito povo de Rondônia gostaria de conhecer, mas nós não temos fundo assim específico que é pra gente sair daqui no momento, não é. Aí falarei que ia falar lá com o Secretário de Cultura do Estado e até agora não falarei nada pra gente.

Entrevistadora –

Vocês assim não estão pensando em escrever essas histórias daqui, registrar por escrito porque com o tempo as informações vão se perdendo, né?

Seu Lélis –

É... exclusivamente tá perdendo, aqui no nosso rei do congo encontra-se muito doente e precisando de um tratamento muito sério e é como diz o ditado, hoje o novo não estão querendo mais abraçar como a gente abraçou desde 66, né, de 66 até hoje a gente tá na história, professores, historiadores, nós, né, vem aqui colher informações.. eu estou com muito prazer porque eu não ganho nada e muitas vezes estou trabalhando, muitas vezes estou descansando... mas eu gosto de ajudar, porque também a gente já foi aluno, sabe? Eu fui o primeiro formando da escola Verina, no Estado do Mato Grosso, escola estadual, e eu tenho um lema com o nome daquela professora que ficou muito amiga da gente, foi uma ótima professora, então eu acho que quando fala Verina eu tenho que ajudar. Quando chega uma criança aqui eu tenho o maior prazer de dar alguma informação. Aqui vem muito visitante, a gente tem que tá preparado para receber. A gente vai conversando e vai aprendendo as coisas ... isso é muito bom pra gente.

Entrevistadora –

Seu Lélis, parabéns pela iniciativa de preservar... esse poço é patrimônio histórico. Não é só Vila Bela que ganha com isso, essa ação não, é o Brasil inteiro. Porque nós temos que nos preocupar em preservar a memória do nosso passado. Não podemos continuar ignorando isso e deixando tudo pra lá, fazendo de conta que os nossos antepassados não existiram, né, isso é negar a nossa história.

Seu Lélis –

Com toda certeza, professora, porque a história vem de geração em geração, né, como alguém me ensinou, como alguém me explicou, como alguém conversou, não era entrevista, mas, sim, conversa, conversando, conversando e aprendendo, então é o que eu estou dizendo, com

certeza o Brasil precisa daquele pessoal antes passado, da geração em geração e é pra mim o maior prazer, porque eu não sei o dia de amanhã, se estou aqui ou estou no outro mundo. As pessoas vão dizer que o Presidente do Congo atendeu elas e as pessoas vão lembrar da gente até no outro século, né? Então, graças a Deus, eu tive esse prazer de a Senhora estar aqui na minha residência, né, acompanhada da professora que também é daqui, a gente fica satisfeito porque conte com Vila Bela qualquer informação... que nós estamos aqui em Mato Grosso, Vila Bela, de braços abertos...

Entrevistadora –
Obrigada. Obrigada. 22 minutos de gravação.

INFORMANTE 3d – 1h06min04seg – mídia digital

Enísio Ferreira de Souza. Descendente de Quilombola – morador antigo da Cidade de Vila Bela da Santíssima Trindade.

Seu Enísio –

O surgimento, ou seja, a idéia de como surgiu Vila Bela, ela surgiu com decadência da produção do ouro em Cuiabá. Cuiabá é mais antiga do que Vila Bela. Ela teve o seu registro em 1719, no entanto, Vila Bela, ela foi oficializada em 1752, só que antes disso houve uma temporada, um período de 17 anos, que ela teve o seu início, quando chegaram os primeiros bandeirantes em 1734, tá?, um período de 17 anos, ela teve sob o domínio dos mineradores, os bandeirantes mineradores. Então, com a decadência da produção do ouro lá os mesmos fundadores de Cuiabá que foi os irmãos Pascoal Moreira Cabral e os irmãos Lemes de Paz de Barros, eles foram os fundadores de Cuiabá, eles eram os dirigentes da bandeira que chegou lá em Cuiabá e descobriram ouro, às margens, ou seja, lá na barra do Rio Coxipó e daí que eles penetraram mais adentro e chegaram até no Córrego do Prainha. Foi nesse trecho aí que surgiu o grande fluxo do ouro em Cuiabá. Mas a questão da mineração todos nós sabemos que ela tem seus altos e baixos e aconteceu que no período da decadência da produção do ouro lá, o governo determinou, nesse período era o governo de São Paulo, o aumento do imposto sobre a produção do ouro que foi lá um valor me parece que de um quinto da produção que tinha de pagar imposto. Se a produção sofreu uma decadência de repente e o imposto subiu, revoltou a todos aqueles dirigentes que estavam ali, daí eles deixaram Cuiabá rumo ao norte beirando esses rios que são afluentes do Amazonas, lá tem diversos rios que correm pro norte e existe essa cordilheira da Serra dos Parecis que passa aqui próximo, descendo ela vai entrando mais adentro e aí vai formando todos esses rios que deságua. E eles desceram, pegaram esses afluentes, foram até o Amazonas, subiram e chegaram até Vila Bela, que não era Vila Bela ainda, era um ponto, e esse ponto eles chegando aqui eles deram o nome Pouso Alegre ou Porto da Pescaria. Então, dá pra se imaginar que foi um ponto estratégico para esses bandeirantes, né, certamente com a vista da serra, eles devem ter saboreado uma peixada pra dar o nome de Porto da Pescaria e ficaram por aqui e daqui eles retornaram, pegaram o Rio Galera, que nasce nessa cordilheira da Chapada dos Parecis e chegaram no ponto aonde hoje funciona a Mineração São Francisco Xavier, que foi a primeira localidade. Mas com base nessa história, que nós já comentamos aí, de como chegaram aqui, me chamou a atenção em alguns pontos: um deles, Por que que eles de Cuiabá não tomaram rumo prá cá e desceram o Rio Amazonas? Bem, até ali se ver que os afluentes dos rios é que era o caminho mais viável, mas eles foram primeiro ao norte pra depois subir pra cá, então, como é o meu caso, que fui professor de Vila Bela, fui Secretário de Educação por algumas vezes, querendo ou não a gente tem que ir buscar as informações e me chamou atenção, por que retornaram, pegaram outro rio que não é nem o Guaporé mais, é afluente do Guaporé, um rio tão difícil de navegação, tá e chegaram ao ponto de Minas. No meu entender que eles tinham um roteiro e alguém passou por esse roteiro e deixou essa notícia e eu descobri esse roteiro, lendo a biografia de Raposo Tavares, e descobri que em 1648 ele desceu até o Amazonas conduzindo uma Bandeira muito grande, pra mais de mil homens na época, então em 1648, Essa outra foi em 1734, quer dizer que foi a mais de um século de temporada e que essa segunda Bandeira que foi conduzida por Lemos e Paes de Barros, ele já tinha no roteiro que era do Raposo Tavares. Porque não tinha como ultrapassar todo esse mundo, ir até o Amazonas. Dentro da biografia de Raposo Tavares, li mais um pouco e fui em frente, né, então chegando à conclusão que Raposo Tavares zarpar de Cuiabá pelo Rio Paraguai, chegou ... de São Paulo, porque você sabe que o objetivo deles era aprisionar índios pra escravizar e a descoberta do próprio ouro, pois foi um comércio muito forte lá em São Paulo e que o índio já não existia

mais também, porque eles atacava lá, como é que se diz, os Padres Jesuítas e tal que aprisionava índio e ia comercializar, esse comércio já estava difícil e era uma fonte muito forte, financeiramente, e que ele arriscou saindo de lá com essa bandeira pelo Rio Paraguai, navio da região, né? e chegou à região de Cárceres, aliás, de Cuiabá e aí desapareceu esse.. o rumo dele. Já encontrei escrito a volta deles lá do Amazonas já, praticamente, desistindo de todo aquele pensamento que ele tinha, com a bandeira totalmente destruída. As consequências do Rio Amazonas já é muito conhecido, não é? Aquele clima, questão das doenças, índio, malária, febre amarela. Calculamos que isso aí foi que mais abateu essa Bandeira de Raposo Tavares. A intenção deles era chegar com vida em São Paulo, como chegou, após 3 anos todo esse percurso aí ele conseguiu chegar de volta. Eu acredito que ele deve ter deixado alguma coisa escrito ou alguém da própria bandeira dele também que deve ter preservado esse roteiro dele e que a gente descobriu isso aí..

Entrevistadora –
E foi repetido depois.

Seu Enísio –
Justamente. Então, chegaram lá São Francisco Xavier, a Mineração lá a própria história do Raposo Tavares diz que o ouro era abundante e era na superfície da terra, estava aflorado na superfície. Na época, também a chegada da segunda bandeira que foi do Pascoal Moreira Cabral também diz isso: que o ouro estava na superfície da terra, tinha garimpeiro que chegava a produzir, diariamente, de 3 a 4 quilos de ouro. Muito ouro... então essa notícia se alastrou pra Cuiabá, por toda região, Portugal, que aí eles suspenderam até a cobrança da própria mineração, porque os garimpeiros e os patrões tavam sim revoltados, né?, com o que aconteceu em Cuiabá. Então, pra eles terem esse sucesso a permanência deles aqui que era muito difícil, se deslocar da região pra chegar aqui. Naquele tempo era ... o único meio era o trânsito fluvial e continuaram tentando vários pontos pra tentar chegar a encantar a viagem, eles tentaram pela cabeceira do Rio Jauru, tentaram pela cabeceira do rio é... diversos rios, porque essa cordilheira de serra ela é divisória de água. As águas que cai no sul vai pra Bacia Platina e o que cai pro norte vai pro Amazonas. Então, pra eles conseguirem chegar aqui, eles tentaram vários rios aí, mas era muito difícil. Aí eles tiveram que permanecer fazendo o transporte descendo o Amazonas e subindo, mas tinha aquele grande empecilho de Guajará-Mirim, que tem aquela cachoeira que não é navegável até hoje. E ali eu descobri também que depois dessa aventura que ali existia tribos de índio já, assim, um pouco domesticado, como também os negros escravos lá já tinha um pouco de liberdade, porque lá ficaram praticamente livres porque não tinha porque os portugueses permanecerem lá. Qual foi a razão deles permanecerem ali? O rei de Portugal determinou que viesse a mercadoria do Pará até ali, por embarcação, ali teria que fazer baldeação por terra e pegar outra embarcação que era daqui até lá. Teria que fugir da Cachoeira, vinha e fazia a ponte, vinha até aqui e descarregava e aí esse pessoal que estou dizendo lá, tinha índio já meio livre como também alguns escravos negros responsáveis por transportar essa mercadoria pro lado de cá, pra pegar a embarcação e chegar em Vila Bela. Era um percurso só na vinda de lá aqui era de 10 a doze meses de viagem.

Entrevistadora –
Nossa...

Seu Enísio –
As embarcações ela calava ali, mais ou menos, um média de 45 toneladas, 45 mil quilos a ser conduzida a remo, no braço mesmo, então; até os nossos dias chegaram ao conhecimento que era a remo e varejões, se varejões eram umas varas de 5 ou 6 metros de comprimento que

ajudava a conduzir, a navegar. No lugar mais raso era tocado por esse varejões, no lugar mais fundo era tocado.

Entrevistadora –

Era aquela vara assim, ela fica no leito e solta...

Seu Enísio –

... no rio pra poder... era uma vara na verdade. Então, dependendo do tipo de barco, ele pegava lá da frente e vinha empurrando até na traseira do barco, aí ia fazendo aquele pra poder a embarcação ter uma velocidade mais condizente de viagem. Então não era fácil, mas era o meio que tinha pra chegar até Vila Bela.

Entrevistadora –

Nossa...

Seu Enísio –

E com base nisso, é daí surgiu a questão quilombo de nós não termos uma data prevista assim de como surgiu o quilombo, temos mais ou menos é... uma previsão dos ataques sobre os quilombos, tá? Eu acredito que aí uns trinta anos antes a quarenta anos por aí assim deve ter sido já essa a fundação desse quilombo, enquanto as duas pessoas mais importantes do quilombo foi a Tereza de Benguela e não sei se é Manoel Piolho ou Zé Piolho, que era esposo dela, agora existe diversas versões, né, uma das últimas que eu conheci, que eu lí é que essas duas pessoas, esses dois escravos, eles foram fugitivos lá do Rio de Janeiro e que vieram chegar a Vila Bela. Veja, a temporada que eles como fugitivos pra chegar, mas eles foram sempre pessoas revoltada contra a escravidão que nas histórias você deve saber que eles vieram da África pra cá enganados, não é? A história não era bem isso: ser escravo, e diz que era inviável que desse numa mesma embarcação um mesmo grupo pra evitar o contato, conhecimento, as mesma linguagem...

Entrevistadora –

..... essa questão da língua.

Seu Enísio -

pra evitar que eles se engranassem para formar grupo e fugir. Então, tinha todos esses pontos de vista e que dificultava a situação. Pros índios era fácil fugir, porque ele já era da selva, eram da região, então qualquer discuido eles fugiam, né?, e também não produziam igual aos escravos negros, porque eles não tinham pra onde fugir e se fugisse....

Entrevistadora –

Os índios não eram braços para a lavoura, né?

Seu Enísio –

... contanto que tivesse ali um grupo e aí foi enfraquecendo quer dizer o braço escravo da produção e chegou a um ponto da produção do ouro uma certa decadência e o retorno do que pessoal mandava pra cá não dava mais pra cobrir a despesa, com base na produção, porque os interesse deles era mais, mais, mais, mais... e neles não, se investia dentro das necessidades, então por que que eles vieram instalar a..... capital da província do Mato Grosso em Vila Bela, um lugar tão difícil, tão dificultoso, igual nós já comentamos e não ficou em Cuiabá e veio ficar aqui e nem na mineração também num ficou, que aqui se formou, logo depois do nome de Porto da Pescaria ou de Pouso Alegre, essa rua aqui é Pouso Alegre, ela teve uma

temporada que teve o nome de Sítio Pouso Alegre, devido o ponto assim com boa visão, aquela coisa toda, tal..tal.. E, na vinda do primeiro governador de lá pra cá, do Antonio Rolim de Moura, ele já trouxe escrito uma recomendação do rei de Portugal, demonstrando mais ou menos onde poderia ser a sede, porque aqui no entendimento, caberia uma área pertencente à Espanha, porque você sabe que a Espanha foro os primeiros que entrou na região e se aditou, aí viero lá, sei lá, Paraguai, Uruguai, Argentina, a Bolívia, Peru, todos dessa faixa pegaro do sul aqui o norte, esses países era colônia é...

Entrevistadora –
Por coincidência, todos eles falam o Castelhana.

Seu Enísio –
Justamente. É a base da língua deles, né? Então, só o Brasil ficou falando a Língua Portuguesa. Então, a conquista partiu por eles, então eles achava que era dono de toda essa meca aqui do sul. E os Portugueses entraram dando o golpe daqui, dali, tal, tal... Mas aqui era considerado ainda área pertencente à Espanha, então, com certeza, haveria um conflito e esse conflito houve, por uma boa razão que ele trouxe já quando veio uma recomendação do rei de Portugal. O ponto da sede deveria ser um ponto estratégico, onde teria, no caso, um rio que fosse navegável, porque se tivesse um ataque por uma parte contrária por água eles teria como fugir por terra e se fosse por terra eles teria como fugir por água. Defesa, porque a parte da Espanha já estava habitada e já tinha poder muito mais forte, porque os portugueses viero mais recente. Então, ele trouxe a recomendação, que o ponto da sede deveria ter campo natural para criação de animais e deveria haver também mata pra fornecer madeira pra construção de casa e a produção de lenha. Ele já tinha essa incumbência de ver, enquanto lá na mineração, na região de mineração, lá era uma chapadão, um campo natural em cima da serra e que as árvores lá são todos arbustos, não tem uma árvore assim bem desenvolvida, que pudesse atender o pedido, o clima desfavorável, que de repente muda o clima, com chuva, frio, cerração, então não seria um ponto tão estratégico, apesar que lá o pessoal se encontrava preparado pra receber lá o primeiro governador e tal, ele olhou todos os pontos e resolveu vim aqui em Pouso Alegre, apesar de ser bastante amplo e já um pouco insalubre, né? Mas obedecia mais a determinação do rei de Portugal, aí ele resolveu vim instalar aqui, mesmo contra a vontade das comunidades que eram lá, lá tinha cinco comunidades, tinha lá São Francisco Xavier, Santana, Nossa Senhora do Pilar e São Vicente, tudo aqui na Cordilheira da Serra dos Parecis, ela pega um pouco aqui na faixa do Vale do Guaporé, da chapada pro vale. Então, ele resolveu vim pra cá e tiveram que construir grandes obras de destaque pra impressionar os inimigos que por ventura viesse pra qui e viesse tivesse a impressão de cidade desenvolvido que veiram pra ficar. Então, eu tive conhecimento, através de outras pesquisas que eu fiz, que vinha muitos espíões enviados de lá pra cá e voltava impressionado com determinado ataque. Na margem do rio aqui houve diversos ataques e sempre os portugueses foro os vencedores. Teve um deles que eles receberam uma mensagem declarando guerra. Então, ficou naquilo, como é que nós vamos sair? Pedir força de Goiás? Até vim essa força de lá... Vamos analisar o meio de transporte, num tinha. Nós já comentamos a dificuldade desse lado da amazonas de passar pelo local onde eles tava acampado na beira do rio, aí ele teve que usar da inteligência, ele preparou o pessoal dele, mandou fazer uma vistoria antes para os acampamentos lá eles contra-atacaram. Quer dizer que tinha uma média aí de 250 elementos e lá tinha pra mais de 500 preparados pra vim atacar, ele seguiu vitorioso, apesar de acontecer que eles viram que eles foram, atacaram e venceram.

Entrevistadora –
Estrategista até, não é?

Seu Enísio-

Então isso não foi uma vez nem duas, foro diversas vezes, até que daí surgiu aí o Tratado de Madri, que já foi em 1750, parece que foi por aí. Esse tratado de Madri deu a demarcação das terra, pegando o Rio Guaporé como base e deu o limite entre as duas nações, a margem esquerda ficou pra Espanha e margem direita ficou pra Portugal. Agora, o enorme interesse era a mineração, na verdade. Eles tivero dois sucessos ao mesmo tempo. Como uma área que cabia considerada à Espanha eles conquistaram e a parte principal ficou pro lado de Portugal. Então isso aí foi uma temporada. Vila Bela era a capital da província do Mato Grosso que desmembrou de São Paulo. Eu não sei se você sabe, deve saber, que a área que cabia à Província de São Paulo, grande parte de Rondônia atingia até lá, tá? E com essas diminuições tudo bem e tal.. lá pertencia ali foi Território de Rondônia. Por que Território? Território era uma área que ela é comandado pelo Governo Federal, não é isso? e até que ela foi se estruturando e se desmembrou-se, tornou um Estado. Mas Por quê? Ela foi desmembrada daqui de Mato Grosso, se desmembrou até que ela pegou se incorporou, pra se ter condições de ser um estado, pegou e se tornou o Estado de Rondônia.

Entrevistadora –

E o Mato Grosso depois se dividiu de novo. Ele era grande mesmo.

Seu Enísio –

Então aí ficou depois de tudo consagrado e veio essa decadência da produção do ouro. O rei de Portugal achou a coisa concluída. Aí já veio um conflito entre Cuiabá e Vilabelense. Eles com interesse de mudar a capital pra lá, como foi mudado. Aproveitaram o momento em que a produção do ouro sofreu uma decadência. Ela não estava havendo mais retorno nem manter a elite do governo aqui em Vila Bela, teria que vir recurso de Portugal e não era interesse do rei, né? Eles pagaram dívidas deles com outros países com produção nossa: toneladas de ouro que ia. A princípio se havia muito com o trabalho da própria produção. Por essa razão se instalaram aqui a produção do ouro aqui. O ouro era feito aqui em Vila Bela, pra já sair em barra, pra evitar esse estravio que tinha no decorrer dessa viagem daqui pra lá pra Portugal, chegava lá quase a metade da produção. Então, em barra já era mais difícil. Essas barras de ouro era de 15 quilos, se falava assim arroba, né? Uma arroba é correspondente a 15 quilos. Então, depois de toda essa temporada aí, veio essa decadência que teve início em 1822 que planejaram já a transferência da Capital de Vila Bela pra Cuiabá que ela já foi concretizada em 1835. Foi definitivo pra lá. Esse período de transição aí foi um jogo de cintura pra não sofrer um choque, né? Prá não haver uma revolução interna, mas eles conseguiram ir pra lá. E aí Vila Bela entrou num estado de abandono, o que vigorava aqui eraos padres que estavam sempre aí, tinha aquelas tradição, certas festividades que eram muito usados pelos portugueses quer era a saída deles, porque não encontrei nenhuma aventura ainda que viesse falar assim a respeito das mulheres, se eles tinham mulheres ou não tinha, era casado ou não. Eu já via assim um reflexo disso, se não me engano, foi no último governador que tinha mulher e essa mulher era tão autoritária que tinha um certo domínio sobre ele, tá? O Destacamento Casavasco. Ela foi criada já no território de Abadia da Espanha. Eles criaram lá um destacamento na Fazenda Nacional Destacamento do Exército. Foi assim, o exército se implantou lá e criaram uma fazenda de criação de gado, de animais pra manutenção, tá? E essa mulher ela tinha um certo domínio e o governo chegou a vender essa fazenda lá, por alguma razão, né?, lá que a gente não tem uma explicação a respeito, e ela fez ele comprar a fazenda de volta.

Entrevistadora –

Então ela mandava mesmo nele.

Seu Enínio –

Sim, autoritarismo mesmo. Ela tinha autoridade sobre ele, aquele domínio e ele comprou novamente, porque ela gostava muito de sair pelo campo com alguém fazia parte lá da fazenda que era considerado escravo, mas o pessoal interpretou que ela tinha caído com esse elemento, então ela saía com ele pro campo, saía pelo rio, pescava, aquela coisa toda, e ele se sentiu um pouco enciumado e vendeu a fazenda de lá pra que ela ficasse mais próxima dele. E ela fez ele comprar a fazenda de volta e voltar pra lá. Então foi o único relato que a gente viu assim escrito que fala alguma coisa sobre mulher, mas não fala assim de esposa de destaque, mulher do governador, isso aí, não tem essa expressão ... e mais não se sabe quase sobre mulher.

Entrevistadora –

O Prof. Marco Teixeira falou que a maioria dos quilombos de Rondônia foram formados por quilombolas saídos daqui de Vila Bela. O Senhor confirma isso?

Seu Enínio –

Sim. Tem um fundo de verdade. Aqui nós temos, por exemplo, pessoal quase não conhece. Eu tenho conversado com algumas pessoas aí, ainda ontem eu tive conversando com alguém que faz parte de uma aglomeração que ainda estão na terra, os outros tudo foram expulsos e eu tive comentando com ela e ela não conhecia os fatos como surgiu os quilombos, como é que foi. Todos consideram assim que porque é negro é quilombola. Não é não. Aí eu tive levantando com ela como é que surgiu. Então nós temos dois grupos: o primeiro grupo que se habitava na margem de Rondônia, as fujanças está muito contínuo, o governo aqui estava sentindo falta da mão de obra e aí ele formou, vamos dizer assim, transformando sobre esse grupo de elementos, tinha no grupo o líder negro porque senão os escravos em si não iam aceitar o comando sobre eles e tinha a pessoa de confiança do governo, fazendo parte nesse grupo, já. Se destacou à margem do rio que eles eram responsáveis pra trabalhar na agricultura pra poder alimentar pra abastecer essa navegação. Nós já comentamos sobre a navegação. E ali haver uma conciliação entre eles pra evitar que continuasse essa fujança, porque o próprio governo estava sendo pressionado pela França, pela Inglaterra e outros países onde não mais existia a escravidão. Porque você conhece na história que Dom João VI veio pro Brasil com medo de um ataque da França, que eles iam atacar e atacaram mesmo Portugal. Antes que chegasse essa derrota pra ele em Portugal, Dom João veio pro Brasil e aí mudou todo um aspecto que chegou ao ponto que chegou, de se tornar um país independente. Então, essas comunidades: Pedras Negras, Rolim de Moura, tem mais outro ponto ali, esse pessoal que são os natos mesmos, são os natos remanescentes de Quilombo e aqui em Vila Bela várias pessoas voltaram pra cá e criaram algumas comunidades na margem do rio. Isso é sei que de fato são os natos de remanescentes, enquanto outros ficaram na região do garimpo. Nós já comentamos também sobre essas cinco comunidades, tá?, que os constantes ataques de índios sobre eles foram obrigados a deixar lá e vir pra cá, eles vieram pra cá porque já não suportavam, eles estavam perdendo já muita vida com ataque de índios. Os índios estavam de fato na mata, eles conhecia suas estratégias, enquanto os outros não tinham como se defender, então eles vieram pra cá, mesmo assim, os índios continuaram vindo aqui em determinado período do ano, mês de outubro até o mês de dezembro, eram constantes ataques aqui na comunidade, depois já tinham transferido a capital de Vila Bela. Então, essa comunidade que ficou aqui, desde 1835 que transferiram a capital ficou lá depois vieram pra cá. Já início, final de 1800 que o pessoal mudou de lá para cá. Vila Bela aqui ficou num estado quase na estaca zero, desabitado, então foi aí que surgiu, você não viu o casarão..... aquela casa ali da esquina da praça e lá o Palácio dos Capitães Gerais porque nós restauramos, senão tinha acabado também.

Entrevistadora –

Bom, eu vi duas construções ali que ainda têm a estrutura da época, que tem beira e tri-beira.

Seu Enísio –

Mostrava o poder financeiro, sobre o poder mais a questão financeira. Muitas casas tinha, mas, por ser feitas de barro, ficou num estado de abandono, praticamente um século ou mais de um século, não resiste a uma região úmida, basta uma telha quebrada e já começa a desabação, e isso aconteceu em Vila Bela. Casas, casarões antigos Cuiabá tem, eu tive um dia desse em Goiás Velho, que coisa!, que lembrança!, a quantidade de igrejas que tem lá, em quase cada rua existe uma igreja muit bem preservada.

Entrevistadora –

Em Maranhão, em São Luís, eu estive lá há um ano meio e eles estão preservando o patrimônio, não é? Tem lugares bem preservados.

Seu Enísio –

Então, voltando atrás, o segundo grupo, vamos dizer, considerado quilombolas já foi uma questão de abandono do governo, ficou exclusivamente só os negro, nós já comentamos, jogados de lá pra cá pelos índios e ela passou a ser governada por líderes, não um líder destacado, vamos votar e escolher um líder, não é bem isso. Era um líder natural, familiar, cada família tinha um líder que era uma pessoa de respeito, mais idosa que dizia: vamos mudar daqui pra tal lugar e os outros obedecia. Se casasse alguém, uma filha de alguém lá, geralmente o novo esposo iria pra casa lá aonde residia a família, a esposa, e fazia parte, cumpunha dentro daquela família e ia se formando aquela comunidade, ele pegava a margem do rio do outro lado ali e, porque os espanha não fizeram conta, sempre na margem do rio com aquele pensamento, usar a terra de lá que é bem melhor pra se produzir alimentos e o rio que seria de navegação, pra evitar os ataques dos índios que vinha aqui, que eles levava animais, levava ferramenta e quando era de dia eles matavam mesmo, então foi uma vida muito difícil, muito dificultada e nada de apoio do governo. O governo já passou a olhar com outros olhos pra Vila Bela já em 1949, quando teve o primeiro prefeito.

Entrevistadora –

Nossa! Já tinha passado a guerra, já tinha passado os ciclos da borracha...

Seu Enísio –

Perfeito. Antes tinha um sistema de algumas pessoa que alguém reconhece a fulana de tal que foi prefeito, mas não era prefeito oficializado. Os homi não queria pegá esses poder que não era remunerado, não tinha nenhum vínculo com o governo, como é que ia fazer? As mulheres... roubavam um impostozinho, que não tinha vereadores também, que poder que tinha? Não tinha, não é? Pra simplesmente administrar esses pequenos impostos que entrava, uma roçada de rua, esgotar uma água aqui ou ali, era isso sim. Agora, já foi eleito com todos os poderes em 1949. Daí pra cá ele já teve um vínculo com os órgãos públicos, com o governo estadual, federal e assim por diante, também esse segunda etapa de quilombolas que nem eles conhece a história, aconteceu por essa razão de abandono do governo. Tinha pra mais de 90% eram negros, os branco da primeira leva foro embora, não e? E aí começou habitar novamente na região da faixa de fronteira com a criação de gado. Mas esses criadores de gado, praticamente até hoje, não tem vínculo com a cidade. São latifundiários de grandes poderes, lá eles têm pista de avião, tão nem aí, eles passa porque pode passa, mas eles pode sair por Pontes e Lacerda, sair pela região de Cárceres. Vila Bela continua do jeito que você está vendo. Esses grandes latifundiários, eles têm outros vínculos lá por fora com São Paulo, Minas.

Entrevistadora –

Senhor sabe daquilo que o Senhor já leu... de algumas palavras que foram faladas aqui que alguém já mencionou aqui que realmente são de origem africana? Ainda tem assim na memória?

Seu Enísio –

Não tem pela seguinte forma: os escravos, nós já comentamos, que eles eram proibidos de viver em grupos e eles foram forçados a falar a Língua Portuguesa, não é?, e até abandonar a sua religião. Eles tinham que falar o Português e passaram a falar o Português. Em Vila Bela, nós não conhecemos nenhum idioma hoje particular, da própria origem especialmente não existiu, agora a Igreja Católica foi muito forte, era os princípios básicos dos portugueses aqui na região, vamos dizer, o domínio sobre essas rezas, sobre essas coisas toda. Aqui não tinha Candomblé, aqui não teve nenhuma dessas facções religiosas que vieram da África. O único que até uns certos tempos permaneceu e dá de a gente observar um pouco assim de ignorância a questão da feitiçaria. Esse teve muitas influências, hoje não tem mais, porque hoje em dia a pessoa já começou a estudar fora, a conhecer o que é isso, o que é aquilo, o que deixa de ser e tal e tal.. que já foram... Muitos, grande parte, não existia médico da região, então se tratava com plantas que seja ervas naturais, então qualquer doença que acontecia já subjugava que era uma questão de feitiçaria. Ah!, fulano de tal ficou doente, brigou não sei com quem, teve um desentendimento não sei com quem, quer dizer, era um julgamento que não era a verdade, quer dizer, o câncer de uns anos pra cá através da elevação da parte medicinal passou a ter conhecimento do que é um câncer, mas isso pra mim não surgiu hoje, são doenças de muito tempo e que não era revelado, tinha muito um nome próprio, tá?, então, a pessoa acabava se desgastando...

Entrevistadora –

... e era interpretado mitologicamente. Quer dizer, eu não sei o que que é, eu arranjo uma explicação aí qualquer, de forma mítica, não é?

Seu Enísio –

Voltando a sua pergunta, a Dança do Congo se revela algum linguajar africanos, mas mesmo a pessoa que revela não sabe traduzir. Ele fala assim aquele linguajar, não é?, vai na decoração, mas não sabe as expressões..

Entrevistadora –

... os significados...

Seu Enísio –

É... no mais...

Entrevistadora –

É, infelizmente, essa questão da linguagem é muito séria. Quando você acaba com a língua de um povo, dizima, né?, é quer dizer, e tudo mais ficou suplantado, como o Senhor vê, a Festa do Divino, ela é uma festa, essencialmente, católica, e ela tem uma marca aí ...

Seu Enísio –

E eu conheço o princípio da história, eu sei. Aqui, por exemplo, pouquíssima gente não tem conhecimento, ninguém sabe. Eu conheci essa questão da Festa do Divino através de uma pesquisadora que também estava defendendo uma tese igual no seu caso, mostrou muita liberdade de conversar pra lá e pra cá, e me perguntou sobre a nossa festa, que tem algumas

diferença de determinada comunidade. Como essa aqui da margem do rio, ela foi conduzida daqui pra lá. Esse povo tá dizendo dos quilombolas que foi pra lá e diz a história que eu não sabia, fui conhecer lá, o ano passado eu fui nessa festa lá em Rolim de Moura, aí nós trocamos idéias, aí eles me informaro lá que foi a rainha de Portugal que enviou pra cá 3 coroas: uma ficou aqui na sede, outra foi pra lá e outra ficou pra Casalvasco, Casalvasco tem só que não festeja, então a história do Divino surgiu como? Ela surgiu entre garimpeiros e mineradores, então naquele tempo, vamos dizer, falar em santo, santo em algumas comunidades era acima de Deus, sabemos que o Espírito Santo é uma parte do próprio Deus. Então ele pegava a história, por exemplo, da morte de Cristo, que foi sepultado e os apóstolos ficaram desesperados, sem consolo, sem saber o que fazer daí pra frente, ainda mais que eles quando foram no sepulcro e não encontraro mais o corpo, né?. E quem veio pra consolar a comunidade que estava no desespero, Deus mandou o Espírito Santo pra consolar o povo e passar a ter a tradição através da fé, do contato, né? Tá. E lá um determinado garimpo estava no auge, naquela boa, então ali existe dois grupos: um grupo econômico e grupo, vamos dizer, que se tornou miserável, os garimpeiros em si, ele não sabe fazer economia. Isso é uma tradição até hoje. Quer dizer, toda uma produção, eles pega e gasta e pensa que aquela produção não vai acabar mais e aconteceu o fracasso da produção e eles entraro em desespero, cachaça e isso, e aquilo, e aquilo outro e no garimpo geralmente sempre existiu aqueles cara, vamos dizer assim, insistente: - eu tenho pouco, mas eu vou em frente, escavando aqui, escavando ali e tal e até descobrir uma veiazinha e essa veiazinha até um outro centro e isso já é um outro estudo mais esclarecido. Mas pra eles, como eles estavam trabalhando e aqueles teimosos continuaram, e eles analisaram a história que eu já contei aí, da morte de Cristo, né?, aconteceu que o Divino Espírito Santo através da fé, de repente florou o ouro de novo, e eles lembraram a história, pegou firme com o Divino Espírito Santo, entende? Eles que tavam lá na barranca lá e de repente a coisa florou, ouro e mais ouro, acabou a miséria, todo mundo alegre, agora vamos comemorar e vamos homenagear o Divino Espírito Santo. Trabalharo com o próprio e próprias prata, aprontaro todos os ornamentos com ouro e prata. Não dá de se ver bem? A coroa, as setas, e outros, o próprio pombo tem do rico e tem do pobre; então, o rico os patrões, mineradores, que tem a bandeira rica, isso você já viu, aqui tem...

Entrevistadora –

Eu estive num Museu lá em Maranhão do Divino, aí tinha várias..., a ornamentação de várias festas, né?, mas eu não cheguei a ver a própria festa.

Seu Enísio –

Tem a coroa bem ornamentada de prata e que tem os pombos, assim, e tem a mesma coroa de ouro. Tem a bandeira pobre que tem o pombo de madeira. Tem a bandeira rica que tem o pombo de prata maciça, tá? E tem a bandeira que ela não tem aquele ornamento do ponto na ponta.... e tem uma outra que é mais simples. Essa simples ela é do pobre e a outra é do rico e representa os mineradores, os patrões, só que se uniro e saíro pedindo de cada família essa ajuda pra comemorar a Festa do Divino Espírito Santo pelo milagre que eles conseguio na recondução da mineração, na refloração dos novos minérios, então daí surgiu de mundo afora a Festa do Divino Espírito Santo. Então, pra quem conhece a história da mineração, como ela funciona até hoje, não é muito difícil entender, até hoje tem sentido.

Entrevistadora –

Em setembro de 2006, eu tive lá em Santo Antonio.

Seu Enísio –

Aqui nas margens do Guaporé?

Entrevistadora –

É prá lá de Costa Marques, fiquei dias lá na comunidade. Eu tive a oportunidade de ver que assim, lá já tá iniciada a regularização da terra dele, lá. Agora tem um problema lá que a... lá, no caso, aquele pedaço de terra do Santo Antonio, ele já está demarcado como reserva ambiental, da REBIO, aí tá uma briga na justiça, porque se já está regularizada aquele trecho lá como Reserva Ambiental, como é que o governo vai dá posso pro Quilombo? Eu não sei se o Senhor já ouviu falar, o Zeca Lula tá, por conta daquela..., ele é descendente assumido dos quilombolas, porque também tem o aspecto assim que de vez em quando a gente fala com uma ou outra pessoa que diz, não, eu sou lá de Pedras Negras, mas que não assume essa..., fica parecendo que é pejorativo, que não é uma coisa que seja importante, então, assim, eu tenho uma preocupação, porque não sou historiadora, evidentemente, mas eu acho que, por exemplo, essas histórias que os senhores estão contando, precisava, urgentemente, serem registradas na voz dos habitantes de Vila Bela. Não na voz de historiadores, mas um contar uma parte e escrever...

Seu Enísio –

Nós temos, por exemplo, o livro..., o nome do livro é, se não me engano, é O Negro no Espaço Branco que escreveu sobre essa história de Vila Bela que eu estou lhe falando. Então, ele diz, igual nós estamos comentando, que a princípio era os Portugueses que comandava, que dominava, depois da transferência da capital, passou o negro a comandar toda uma região, né? Então, era toda uma história que eu vou encontrar nos melhores livros de história sobre Vila Bela.

Entrevistadora –

Eu já ouvi falar disso daí. Até já procurei na Internet pra comprar, mas é uma tese de doutorado, se não me engano, aí o problema das teses é que elas ficam circunscritas às Universidades onde foram defendidas e nem sempre elas ficam on-line pra gente baixar pela internet, né, e como é um documento de um aqui tá... parece que é assim: Território Negro em Espaço Branco, é uma coisa assim o nome do livro, eu já ouvi falar.

Seu Enísio –

A interpretação sobre Isso aí foi o que eu coloquei, primeiro foi o domínio dos Portugueses, eles eram brancos, depois da ida da capital, os negros passaram a dominar, tinha aí pra mais 90% de negros na região, agora com o tempo a coisa foi se alterando, vamos dizer, a questão da implantação do órgão público, as ambições vai se abrindo e indo que aquele poder de penetrar, né? O Brasil hoje ficou sem limite, terra de todo mundo, vai chegando assim com certas experiências e vai penetrando, foi o que aconteceu conosco. Há mais de vinte anos aí que tá no domínio de imigrantes, não vamos dizer que seja imigrantes cultos, conhecedor... São aventureiros que chegam com um pouco de dinheiro, faz alguém entrar em choque, um contra o outro, e aí..

Entrevistadora –

O Senhor faz parte da associação que estão criando que tem aqui?

Seu Enísio –

Aqui tem diversas. Eu fui o fundador da Associação dos Servidores Públicos. Hoje eu já sou aposentado. E aí tem essas outras associações que são mais dos remanescentes de quilombos, eu já não entrei mais nessas, não entrei porque eu já conheço a história de quilombo, não só de Vila Bela como a nível nacional, né? Que Meu interesse número um é adquirir terra e um segundo plano os conflitos com fazendeiros, né? Questão da vizinhança, todas as manobras

que acontece, aquilo, aquilo outro...todo esse movimento, pois eu não tenho mais pique pra... então esse conhecimento que estou colocando, pra mim eu já vou usar como uma espécie de defesa, agora minhas informações, meu conhecimento, eu quero transmitir, ajudar ele de uma outra forma, sem precisar eu tá dentro, porque número 1: adquirir terra – eu já tenho um sítio aqui próximo, que eu posso tá lá, tá aqui, tudo bem, está perto, e a gente tem como dominar, mas pra mim encarar uma terra, esperar pelo governo venha regularizar essa terra...

Entrevistadora –

Aqui em Vila Bela tem uma comida que seja específica. Esse Licor de Canjinjin?

Seu Enísio –

Esse é uma delas. Ela tem uma composição de diversos produtos. Como é que surgiu esses Canjinjin? Ele era uma bebida que era usado só no período da festança uma vez no ano. Essa festança foi uma junção da festa que foi unificada numa mesma data, por quê? Com a transferência da capital, você deve conhecer a história dos Portugueses são religiosos muito forte, ainda são.

Entrevistadora –

E por onde eles passavam, eles foram deixando...

Seu Enísio –

... Foram distribuindo. Então fazia parte das festividades deles essas datas desses santos principais e era uma data que eles aproveitavam pra comemorar uma coisa mais outras, né, uma razão pra surgir uma festa. Depois da transferência da capital, essa festa ela foi unificada numa mesma data, vamos dizer que seja no mesmo dia, que era oito dias de festa, porque até o padre foi embora nessa companhia....tudo foi embora, então ele vinha uma vez no ano, saia a cavalo e contornava toda essa fronteira por aí, aquelas obrigação, e chegava em Vila Bela, o ponto central pra ele fazer o descanso dele, dos animais que eles carregava com eles e celebrar essa festança e ele pegou os santos mais de suas irmandades e comemorou naquele período e passou a ter o nome de Festança, uma vez no ano e hoje ela é celebrada no mês de julho, então aí vem de festa de comunidade. Hoje ela já está assim um pouco até ultrapassada... O tradicional era o quê? O arroz, o feijão, a farinha, o toucinho de porco e a única verdura que sempre aparecia era a couve que já era uma coisa de muito tempo. Tudo isso são coisas que já vieram de outras região que hoje estão no Brasil, que já foram incorporados, então aí essa bebida em si, ela era usada pelas figuras da dança do congo e ninguém sabia a razão, por que que eles usava essa bebida, nem eles mesmo, quer dizer, que observavam o efeito que eles recebia através da bebida. Que a coisa e tal foi se expandindo e passou a ter esse interesse do turismo, muita gente passou a beber dessa bebida e passaro a sentir a reação dessa bebida.

Entrevistadora –

Claro! Qualquer bebida tem uma reação.

Seu Enísio –

Agora umas mais rápidas que as outras, dependendo do teor de álcool. Então aí foi estudando, estudando, a princípio eles era a granel, eles botava ali um mês, dois mês antes na garrafa e deixava curtir tudo junto, ela tem erva doce, ela tem cravo, tem gengibre, cada um ingrediente tem a sua caloria, tem os seus efeitos...

Entrevistadora –

Gengibre esquento muito, não é? O cravo também... quando se está cantando...

Seu Enísio –

Então, eles usavam para limpar a voz, que no caso era um período aí três dias de dança, começava às quatro horas da manhã até à noite e não sentir cansaço, porque são vários festeiro, oito festeiro, quatro deixando e quatro recebendo, então quando fosse pra celebração de quem está deixando, aí tem a entrega de quem está recebendo e tudo com movimento na rua, um grupão, o povão acompanhando na rua, entra na casa do festeiro, toma isso, come aquilo, e eles não se demonstravam, vamos dizer, cansaço, então a língua desse povo que anda dizendo por aí que começaram a pular, que começaram a sentir a reação, pra formação do Canjinjin era levar esse produto pra analisar os efeitos, então ela tem dois pontos muito fortes, um é a questão a gente, ela reproduz a energia da pessoa, todo aquele ânimo, aquele... se tomar duas doses, começa a falar mais que todo mundo, fica desatrado mesmo, fica animado mesmo, e ela produzia...

Entrevistadora –

E isso é verdade mesmo?

Seu Enísio –

É verdade. Comprovado. Agora tudo, você sabe, tem seu limite, principalmente pra falar de bebida, se ele exceder, ele vai se arrear...(risos)... tudo é o limite necessário, mas é a lei... Vamos dizer, é uma festa de carnaval...

Entrevistadora –

O Senhor gosta de Canjinjin?

Seu Enísio –

Eu gosto.

Entrevistadora –

Porque lá na casa da Keila, a mãe dela quis me dá pre' u experimentar um pouquinho. Eu disse, olha eu vou fazer entrevista o que o povo vai pensar de mim.... (risos) se eu chegar muito alegre, se parecer assim uma pessoa muito doida. Mas, eu queria saber: de onde vem esse nome?

Seu Enísio-

Canjinjin. O nome Canjinjin era o do Príncipe da Festa da Dança do Congo. Então é uma guerra entre dois reinados. O que aconteceu? Vamos dizer, o Rei do Congo é o Rei e o Secretário, o secretário é o assessor do rei, e o Príncipe. O outro rei, que tinha o nome de Rei de Bamba, então ele tem um exército no poder dele e o Embaixador, tá? E o Rei do Congo, ele tinha: ele, o secretário e o príncipe, três figuras. Quatro que seria a princesa, que é uma figura simbólica, não aparece assim. E essa guerra, na minha interpretação, aconteceu que um, o rei do congo ele usou a arma dele pela inteligência e o rei de bamba ele usou arma pela força, só que ele perdeu. Aí eles tentaram determinado conflito. Quando o rei do congo ele sentiu que o outro tinha um exército, ele não ia poder vencer, ele mandou um mensageiro convidar, oferecendo a filha dele em casamento pro outro rei. Foi um golpe que ele...

Entrevistadora –

Foi meio um presente de grego, não é? Risos.

Seu Enísio –

E nesse presente ele conseguiu levar o rei de bamba com todo seu exército lá pro palácio dele. Ele mandou aquela carta, presente, e coisa e tal. Era uma fantasia, não existia. Aí ele deu a voz de prisão. Prendeu os soldados junto com o rei de bombo, com o seu embaixador e antes mesmo com secretário do rei do congo ele usou uma forma assim de gratificação que o rei passou pra ele, uma medalha de ouro que tinha pra ele usar como passe de guerra, que aquilo ali dava um poder, de força, de domínio e que ele conseguiu dominar o exército, com toda aquela façanha que você gostaria de ver a expressão. E aí ele conseguiu prender o exército. O rei, o embaixador com o exército ficou preso, foi humilhado, foi ajoelhado no pé do rei, foi desarmado, prá depois deu a paz, aquela coisa toda, cada um tomou seu rumo.

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO VALE DO GUAPORÉ – RO – Setembro de 2006

INFORMANTE 1fc – mídia analógica

Professora Piedade – descendente de quilombola, trabalha na Escola em escola estadual no município de Costa Marques.

Entrevistadora – A Senhora pode falar um pouquinho ... pro Projeto? Espontaneamente? Como era o trabalho que a Senhora fazia lá?

Senhora Piedade – Que tipo de coisa vocês querem saber? A respeito de quê? De Quilombola? Porque os meus familiares, a minha mãe, né, meu pai não, meu pai é nordestino, agora a minha mãe é descendente mesmo de escravo, né? Os avós dela, depois ainda os meus avós já inda eram sim, não eram marcados, mas os meus bisavós eram marcados ainda como no tempo dos escravos e aí eu também tive o privilégio de estudar em colégio de freiras, de padres, na época, né, porque a gente era de família humilde do interior, mas eu tive, por minha inteligência, fiz o concurso e passei, e fui levada por... do seio da minha família, pra estudar em internato, aí quando eu saí, já fui trabalhar na localidade ali de Santa Fé, aonde a minha escola que tem o nome Balbino Maciel, que era, como vou dizer vamos supor igual ao Barão de Araruna. Então, esse Balbino Maciel era o dono de tudo, das terras, ouro né, tinha muito ouro, ele era negro, aliás, ele era branco, ele escraviza os negros e muitas pessoas e até mesmo descendentes da minha família sofreram aí esse preconceito racial. Aí a gente trabalhava com o pessoal. Agora, agora é que o povo acordou, agora mudou, sei lá uma iniciativa de levar pra frente esses tipos de raças, essas etnias, levar o racismo, porque o preconceito agora... mas muitas vezes aqui e agora no atual a gente tá vendo, visando mais, não é nem que eles querem saber o tradicionalismo não, mas porque agora envolve dinheiro, rola dinheiro, então já deu pra perceber que a verdadeira descendência que sabe, que entende, que foro lá dos quilombolas, que estão sobrevivendo aonde tem os distritos, né, as vilas, as pessoas que não tem nada a ver, estão lá ganhando sua terra, ganhando sua cesta básica, ganhando em cima daquilo verdadeiro que não tão indo pra lá, porque hoje em dia a gente já tem emprego, tipo eu, meus irmãos, alguns da minha família, a gente já tem emprego, já está estabilizado aqui, já não pretende pra lá, pegar terra nem nada, então as pessoas que não tem nada a ver é que vem e vão pegado lá, só porque é moreno, tem uma corzinha, mas não vivero isso aqui, não é na realidade não tem nada a ver com a descendência que tem lá que tinha a minha família e a minha família vive por aqui.

Entrevistadora – Agora são aproveitadores?

Senhora Piedade – Agora são aproveitadores e estão se aproveitando.

Entrevistadora – Senhora Piedade, quando a Senhora estava lecionando lá, a Senhora percebeu na fala dos descendentes originais, africanos, a Senhora percebeu alguma coisa na fala deles, por exemplo, palavras de dialetos africanos que eles misturavam com o Português? A Senhora lembra?

Senhora Piedade – Não são muitos os alunos, mas a pessoa do pai, porque já os alunos já eram um cruzamento dos negros com os bolivianos, já, né, então já misturava, mas os pais mesmos tinha, eles naquele português deles tradicional deles, que você não adianta você querer corrigir, que você vir conversar e eles falar: nós foi, nós tem, nós botou lá e mais

aquilo, aquilo ali ... esse tipo de linguajar, a gente não vai também ignorar porque é deles. Então, a coisa que a gente...eu acho até bonito esse tipo de... ainda tem. A minha família em si ainda usa assim... Quem mora lá pra cima vê que a Língua deles é mais simples que a nossa. Então, é deles ali muito bonito. E agora que eles tão resgatando isso, eles já estão levando, que estava aqui já estão voltando lá pro lugarzinho deles, estão voltando pra lá, mas é porque eles já estão visando ali nem é tanta cultura, eles não estão visando muita cultura, eles visam mais o interesse próprio de lucrar, pegar uma terrinha lá e passar mais além pra quem tem mais dinheiro, né, e lá mesmo foi ficando abandonado.

Entrevistadora – Existe alguém que queira mudar, resgatar essa coisa cultural?

Senhora Piedade – Aqui?

Entrevistadora – é.

Senhora Piedade – Tem alguém que ta querendo resgatar, alguém sabe que tentar levar pelo trabalho, no fundo, no fundo, ele pode ter um pouco de interesse, mas ele foi o único que deu um sentido, que deu vida, que se não nós tava acabado que foi o José Soares Neto, que conhecido como Zeca Lula, ele é a pessoa interessada lá, ficou de segurar, eu não nasci, mas me criei, em Santo Antonio, ali tem muito quilombola, Pedras Negras, que só me lembro da minha infância, de lá saí pra estudar só.

INFORMANTES 2fc e 3fc– mídia analógica

Jurani Lopes – morador da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Epifânio Lopoés - morador da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Entrevistadora – O Senhor é descendente de quilombola?
Senhor Jurani – Sou.

Entrevistadora – O Senhor lembra de algumas palavras que seus pais, seus avós falavam antigamente?

Senhor Jurani – Não. Meu pai conversava muito pouco. Eu não tô lembrando de nada, a gente vai esquecendo tudo, vai passando o tempo.

Entrevistadora – O Senhor faz farinha pra vender?

Senhor Jurani – Pro consumo e pra vender alguma coisinha.

Entrevistadora – O Senhor recebe alguma ajuda?

Senhor Jurani – Não recebo não. Ajuda só que eu sou aposentado já.

Entrevistadora – Sua família tinha alguma influência boliviana?

Senhor Jurani – Sei não se tinha influência de outra nacionalidade.

Entrevista – Vocês fazem um tipo de artesanato que só é feito aqui?

Senhor Jurani – Eu não faço nada não. Esse aí fazia quando enxergava bem.

Entrevistadora – Qual é o seu nome?

Senhor Irmão do Jurani - Epifânio.

Entrevistadora – O Senhor faz algum artesanato?

Senhor Jurani – Artesanato, tranças, essas tranças.

Senhor Epifânio – Paneiro, Vassoura, Cesta.

Entrevistadora – O que é paneiro?

Senhor Jurani – É um... o que vocês chamam de cacaió?

Entrevistadora – Cacaio?

Senhor Jurani – É de carregar as coisa.

Entrevistadora – Ah! Cesta.!

Senhor Jurani – Não! Cesta é um e Paneiro é outro.

Entrevistadora – Como é esse Paneiro?

Senhor Jurani – Agora, sim, vai enrolar. Ele é um de carregar as coisa dentro.

Entrevistadora – É de colocar nas costas?

Senhor Jurani – É sim.

Entrevistadora – Mochila.

Senhor Jurani – É sim, tipo uma mochila, agora acertou.

Entrevistadora – Vocês fazem com que, com palha?

Senhor Jurani – Não, com cipó.

Entrevistadora – Vocês vendem pra fora?

Senhor Jurani – Não. É só pro trabalho mesmo, só pra isso mesmo.

Entrevistadora – Obrigada.

Senhores Jurani e Epifânio – De nada.

INFORMANTE 4fc – mídia analógica

Geórgia Freitas - moradora da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Entrevistadora – A Senhora lembra de alguma palavra falada pelos seus antepassados, os antigos quilombolas?

Senhora Geórgia – Não.

Entrevistadora – Quais as tarefas das mulheres na comunidade quilombola?

Elas fazem artesanato para ajudar nas despesas de casa?

Senhora Geórgia – Tem mulheres que fazem, mas eu não faço não. Aqui tem gente que faz.

Entrevistadora – Quais as peças que são feitas?

Senhora Geórgia – Nós faz cestinha de cipó, vassoura.

Entrevistadora – Vende pra onde?

Senhora Geórgia – Vende lá em Costa Marques. Tem muitas pessoas que fazem e levam pra vender lá em Costa Marques.

Entrevistadora – Quantas pessoas moram aqui?

Senhora Geórgia – Vinte famílias, alguma coisa assim.

Entrevistadora – Você é casada? Tem filhos?

Senhora Geórgia – Tenho 6 filhos, mas não sou casada.

Entrevistadora – Os seus filhos estudam?

Senhora Geórgia – Não.

Entrevistadora – A Senhora estudou até que série?

Senhora Geórgia – Estudei até a 4ª série.

Entrevistadora – Além da ECOVALE, existe outra entidade que ajuda vocês?

Senhora Geórgia – Não, só a ECOVALE.

Entrevistadora – Eles dão emprego?

Senhora Geórgia – Dão.

Entrevistadora – Existe alguma cooperativa?

Senhora Geórgia – Não, cada qual faz o seu e vende.

Entrevistadora – A Senhora foi seringueira quando ainda era mais nova?

Senhora Geórgia – Fui.

INFORMANTE 5fc – mídia analógica

Benedito da Silva - morador da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Entrevistadora – O Senhor é descendente de Quilombola?

Senhor Benedito – Sim.

Entrevistadora – O Senhor nasceu aqui?

Senhor Benedito – Não. No Mato Grosso, Cáceres.

Entrevistadora – Há quanto tempo o Senhor mora aqui?

Senhor Benedito – Aqui eu tô bem... com 20 anos.

Entrevistadora – O Senhor lembra de alguma palavra que os seus avós lhe ensinaram?

Senhor Benedito – Eu acho que não, porque eu não conheci meus avós.

Entrevistadora – Nem seus pais?

Senhor Benedito – Meu pai morreu logo que eu era pequeno. Minha mãe....comigo e ela foi falecendo, aí né deu pra outra senhora aí que essa me criou né?

Entrevistadora – Ela é daqui do Quilombo?

Senhor Benedito – Não. Ela nasceu por lá por Cáceres, desde lá que eu vim pra cá, vim pra Porto Mortinho, Vila Bela da Santíssima Trindade, aí fui vindo até que cheguei aqui, fui pra Guajará, Porto Velho.

Entrevistadora – O Senhor veio no tempo da borracha?

Senhor Benedito – Foi. Trabalhei no Seringal. Nunca tinha trabalhado. Aqui trabalhei tirando o leite da castanha, seringa, Poalha, tem uma tábua Jacaré trabalhei, muito conhecida.

Entrevistadora – O que é Poalha?

Senhor Benedito – É uma arvorezinha assim pequena, uma erva, ... assim com ferrinho, agora em janeiro, ele mete aqui daí suspende e sai assim, aí é colocado no saquinho inteiro a um quilo, 2 quilos, conforme se tem muito tira 8 quilos.

Entrevistadora – Erva pra fazer remédio?

Senhor Benedito – Não era medicina, né?

Entrevistadora – O Senhor ainda faz isso hoje?

Senhor Benedito – Agora não, porque a Poalha, nunca mais a Poalha. O povo a castanha trabalho aqui, o que não se trabalha é a seringa né?

Entrevistadora – Quanto tempo o Senhor trabalhou como seringueiro?

Senhor Benedito – Eu trabalhei uns quatro anos só, que logo eu saí gostei não, é ruim... esse tempo era defumado ia até o, dá duas vorta na estrada uma pro corte outa pra recolher chegava uma ou duas horas da tarde, né! Tira cavaco para fazer a fumaça e acender fogo, né! Assim aí foi na hora eu falei essa vida eu não levo não, muito difícil. Daí fui pra Paolha aí achei melhor, mais leve.

Entrevistadora – Tinha mais lucro?

Senhor Benedito – Ah! Claro que tinha e se tinha! Aí passou isso então eu falei: vô pra castanha pra experimentar, nunca fui castanheiro, vô experimentar, daí fui pra castanha, e não gostei também, ah! Não, é muito ruim, segurar aquela água suja aqui suja, uma roupa dessa (referindo-se à da pesquisadora) não agüenta não, uma semana quando ela corta toda.

Entrevistadora – E agora o Senhor faz o quê?

Senhor Benedito – E agora é minha lavoura aqui, plantando açaí, eu tenho minhas mudas, né? Vamos dar uma chegadinha aqui ... (Mostra as mudas).

Entrevistadora – O Senhor tem alguma influência boliviana?

Senhor Benedito – Minha mãe.

Entrevistadora – O Senhor também mexe com a farinha?

Senhor Benedito – Mexo com a farinha sim, eu só tenho meioencher tudo aqui; nos salvamos de lá vindo aqui; e isso se não fosse a farinha, o mais forte é só a farinha, pra pimenteira, aí as minhas mudinhas (refere-se às suas mudas de içaí); olha aqui é pra colocar raiz de macaxeira, milho o que for, agora, trabalhador é com esse aqui todos nós né? Esse nosso trabalho agora planta, a manilha a macaxeira e no meio já coloca, aqui tem mil pés de açaí.

Entrevistadora – O açaí vocês vendem a semente?

Senhor Benedito – Não, eles traz pra nós plantar, uma ajuda, né? Sim, que nós só planta. Agora, tem que molhar cada três dias, dois dias, tem que molhar, molhar ... Porque tem que fazer a plantação de milho, do arroz, aí coloco a sua sombra em milho, em manilha, ela já fica, tomo conta, na não planta mais nada, só trabalhar com ela é limpar.

Entrevistadora – O Senhor tem família?

Senhor Benedito – Eu tinha minha mulher me abandonou, foi embora.

Entrevistadora – Então, o Senhor é sozinho? Só o Senhor mexe com a farinha? Ninguém mais aqui mexe?

Senhor Benedito – Sou eu sozinho que mexe com a farinha. Não, toda a comunidade interna ... lá, o pessoal do que não tão aqui, e aqui tudinho tão plantando, mexe com açaí.

Entrevistadora – Vocês vendem o açaí?

Senhor Benedito – Não é pra ser beneficiado aqui.

Entrevistadora – Então, a única renda é farinha?

Senhor Benedito – É a farinha, certamente, esse é nosso trabalho agora, tô lutando, vamo indo.

Entrevistadora – Melhorou quando o Senhor começou a plantar açaí?

Senhor Benedito – A melhorou, né? Graça a Deus ta melhorando.

Entrevistadora – Agora tem menos esforço? O Senhor trabalha com quer?

Senhor Benedito – Eu trabalho como quero. Eu não tô trabalhando assim nas matas, assim é ruim, né?

Entrevistadora – Não trabalha para os outros?

Senhor Benedito – Mesmo assim para as pessoas mesmo, né?, porque quando a gente tá novo, que quando quer cuidar já foi, né?! Aí é tarde, já não dá, porque não aproveite quando era mais novo, agora é tarde, daí a pouco já não adianta, né, eu trabalho muito, vixe, agora Graças a Deus, né, aposentei também, e ganhando devagar pelo menos dá pro meu alimento.

Entrevistadora – O Senhor recebe aposentadoria?

Senhor Benedito – Recebo, em Costa Marques, Ariquemes, Porto Velho.

Entrevistadora – O Senhor tem mais influência boliviana?

Benedito – Se eu falo e escrevo?

Entrevistadora – O Senhor foi pra escola? No Mato Grosso?

Senhor Benedito – Fui. Minha mãe que me criou lá por Santa Cruz, vixe eu conheço tudo isso, aí minha mãe, minha mãe porque me criou, eu falo né?, então ela me colocou pra estudar e aprendi.

Entrevistadora – Até que série o Senhor estudou?

Senhor Benedito – Até a terceira, até a quarta série, esse tempo era pago, se pagava, se você não pagava, seus filhos não estudava, não estudava não. Tinha que ter o professor pago só pra isso, depois que já virou tudo, aí ficou melhor, né? Assim foi.

Entrevistadora – Depois que o Senhor veio pra cá, sua vida melhorou?

Senhor Benedito – Ah! Melhorou! Sofri um pouco, mas foi indo, foi indo, né? Nunca tinha saído, primeira vez, né? Aí foi, foi, até que melhorou graças a Deus, agora agradecer ao Divino Espírito Santo, e tá bem, né?

Entrevistadora – Aqui tem alguma festa que o Senhor vai?

Senhor Benedito – Sim, tem a Festa de São João, Santo Antônio, dia 7 de setembro. Toda a comunidade se reúne, faz a festa, compra boi, galinha, galinha não porque nós cria galinha. Vem gente de fora, vizinho aqui de Versales.

Entrevistadora – Então, não é só a comunidade?

Senhor Bendito – Não. Nós faz o convite, e aí vem jogar bola aqui.

Entrevistadora – Jogar bola?

Senhor Benedito – Se joga aqui é?!

Entrevistadora - Vocês jogam bola só ou tem outros esportes?

Senhor Benedito – Às vez pratica a professora com os alunos, né, e é assim, agora ficou melhor porque os adultos também tão estudando, né.

Entrevistadora – O Senhor está estudando também?

Senhor Benedito – Não, a vista não me ajuda, né, agora vou pra Itapuã, meu filho mora lá.

Entrevistadora – Os adultos estão estudando na mesma escola que as crianças?

Benedito – Aqui mesmo, na mesma escola. As crianças de manhas e os adultos, à tarde, é que o motor tá ruim, a peça dele quebrou, não sei o que aconteceu e não chegou até agora. A professora trabalha com eles de tarde, é assim.

Entrevistadora – Quantos filhos o Senhor tem? Todos estudam?

Senhor Benedito – 8 filhos, todos estudaram, tenho filho Pedro em Minas Gerais, Itapuã, Porto Velho.

Entrevistadora – Eles forma pra cidade?

Senhor Benedito – Foram e já são homem, né? Tudo espalhados, só ficaram essas duas que foram por aí, Meriane e Maria Carmem, só fiquei com elas por aqui, tranqüilo.

Entrevistadora – Agora tá bom?

Senhor Benedito – Já, num to muito bem porque falta a cozinheira ainda, aí assim, certamente, tranqüilo.

Entrevistadora – Obrigada, Senhor Benedito, o Senhor é muito simpático.

Senhor Benedito – De nada, eu gosto de fazer amigos, porque o dinheiro ele vai embora, passando de mão em mão, mas a amizade verdadeira fica para sempre.

INFORMANTE 6fc – mídia analógica

Jorge - moradora da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Entrevistadora – Quais as festas típicas da região?

Senhor Jorge – Tem São João, dá quadrilha, dá tudo, a gente dança, aí faz fogueira. Já ouviro falar em fogueira? A gente faz fogueira grande aqui.

Entrevistadora – Aqui vocês fazem algo artesanal com a farinha tipo beiju?

Senhor Jorge – Faz a turma aqui. Vou explicar pra você: eu não faço, mas o pessoal faz beiju. Tem nego que faz a farinha de tapioca, né? E outro que faz a tapioca da goma, inclusive agorinha o pessoal ta tirando goma ali em baixo e tem motor, a gente cela⁷ lá e vai tirando goma, usa tudo.

Entrevistadora – A economia de vocês é baseada só na farinha ou vocês também pescam?

Senhor Jorge – É, pesca só pra comer, pra venda até hoje nós proíbe o pescador freqüentarem dali da Ecovale até aqui, a gente não deixa pescador de rede entrar aqui dentro, porque aí tira tudo, o pescador vem pra tirar, a gente só pesca na hora que quer comer e aí vai lá e já pega.

Entrevistadora – O beiju é feito da mesma forma que os pais e os avós de vocês faziam?

Senhor Jorge – É, o beiju da minha ela ralava a massa. Naquele tempo não tinha negócio de motor⁸, ela fazia aquele ralo de lata, fazia uma lata assim como lata de óleo, Aí furava, lavava bem lavado aquela lata, aí furava com um prego, aí butava em cima de uma tábua, aí começava a ralar a macaxeira, aí minha mãe espremia aquela massa em cima do pano, aí fazia o beiju, hoje não, a gente tem motor, pega a macaxeira, aí boto no motor e faz.

Entrevistadora – O Senhor vende aqui pela cidade próxima o beiju?

Senhor Jorge – Não, nós faz só pro consumo próprio.

Entrevistadora – E a farinha?

Senhor Jorge – A farinha a gente vende em Costa Marques, vende aqui mesmo em Pimenteiras, nós só fazia farinha pra Pimenteiras, vem um barco grande aí do governo daqui a pouco vocês vão ver, aí a gente butava a farinha pra Pimenteiras, aí é só o trabalho de vender

⁷ Selar a macaxeira – ralar a macaxeira.

⁸ É usado para ralar a macaxeira. Em alguns lugares é conhecido como caititu. Segundo o Houaiss, □ substantivo masculino
Regionalismo: Brasil.

- 1 nos aparelhos de ralar mandioca ou outros produtos, a peça principal, cilíndrica, à qual se adaptam serrilhas metálicas e que tem uma das extremidades em forma de roldana, para através dela, se imprimir movimento de rotação; rodete, cevador
- 2 Uso: informal.
pessoa que tenta ou está encarregada de promover a difusão e execução de música popular (de sua autoria ou de outrem), através do contato com os responsáveis pela programação de estações de rádio e tv, festas e bailes populares etc. e da distribuição de material promocional, presentes, ou mesmo propinas e suborno
- 3 Rubrica: mastozoologia.
mamífero artiodátilo da fam. dos tiaiçuídeos (*Tayassu tajacu*), diurno e florestal, encontrado dos E.U.A. ao Norte da Argentina, com cerca de 90 cm de comprimento e pelagem cinza-escura com uma faixa branca no pescoço, em forma de colar; catete, cateto, pecari, porco-do-mato, tateto [Vive em bandos de até 20 indivíduos.] Obs.: f. não pref.: *caitatu*, *taititu*

e trazer o dinheiro pra nós aqui. Tinha vez que butava 40 sacos de farinha no barco, que a produção daqui é a farinha, não tem outra se não for a farinha.

Entrevistadora – A Festa do Divino vocês participam?

Senhor Jorge – A Festa participa só que aqui mesmo não tem a festa, só que o Divino passa por aqui direto, pára aqui, dorme aqui, mas A Festa mesmo ainda não teve. Teve ano passado não lembro não teve A Festa do Divino e o pessoal daqui todo ano vai na Festa do Divino, inclusive este (2006) foi bem aí em Versalhes, na Bolívia.

Entrevistadora – Aqui tem algum descendente de boliviano, de nordestino, além dos quilombolas?

Senhor Jorge – Rapaz tem, boliviano aqui tem, inclusive a minha mulher é filha de boliviano, a mãe dela é boliviana, só não o pai, mas a mãe dela é boliviana, aqui ta meio misturado e tem nordestino também, parece aqui só que agorinha ele não ta aqui, mas tem.

Entrevistadora – O Senhor ainda sabe algumas palavras do dialeto dos seus antepassados, seus avós?

Seu Jorge – Não, moça, é... não sei quase, né? Porque eu não dediquei a isso, prestá atenção no que eles falava e sempre eles conversava pouco, esse negócio assim de me passar essas informações, às vez eu vejo falar, né!

Entrevistadora – Tem alguma palavra que o Senhor lembra que só sua vó ou seu avô falava?

Senhor Jorge – O meu avô de conta não sei, é que ele já morreu tá com um bocado de ano que ele já morreu, ele contava desse povo de quilombola, desse nego antepassado do meu avô que na época era até marcado, acho que ele via. Tinha uma mulher diz que tinha uma marca do tempo da escravidão e sempre ele falava, meu filho, eu não prestava muita atenção, porque era menino, né?, mas ele conta, não, diz que nunca sofreu, talvez não era o dele, né? O tempo dele, ele já parou de sofrer. Mas ele conta o sofrimento do pessoal, quando chegaram aqui. Tinha deles que morria, não agüentava, era assim, sofria bastante. Hoje já existe esse tipo de coisa.

Entrevistadora – Vocês recebem algum tipo de ajuda do governo?

Senhor Jorge – Sempre a gente recebe, às vezes tem cestas básicas, que não é todo o tempo não, né? Mas sempre tem, quer dizer, ai ajuda, né?

Entrevistadora – O Senhor tem filhos?

Senhor Jorge – Tenho.

Entrevistadora – Estudam?

Senhor Jorge – Estudam!

Entrevistadora – O Senhor apóia eles para estudar?

Senhor Jorge – Ave Maria! Demais.

Entrevistadora – Eles são muito pequenos?

Senhor Jorge – São pequenos. Outros já estudaram, já acabou o tempo deles, mas meus filhos estudam e gostam de estudar, meus filhinhos.

Entrevistadora – Alguns dos que já estudaram foram para a cidade?

Senhor Jorge – Não. Eles foram, mas não quiseram estudar, né? Mas já estudou. Cabra, anda aqui, falei pra eles seguir a carreira, eles tão parados, mas esse outro ano um vai ter que ir pra

estudar, ele vai pra Costa Marques, né? Que aí acaba o não tem aula pra ele aqui, aí tem que ir pra Costa Marques, aí estudar mais.

Entrevistadora – Muito obrigada, Senhor Jorge.

Senhor Jorge – De nada.

INFORMANTE 7fc – mídia analógica

Roberto Lopes Barros - morador da comunidade remanescente de quilombos Santo Antonio do Guaporé.

Entrevistadora – Seus antepassados, seus pais, avós te ensinaram algum dialeto africano que só vocês sabem falar aqui no Quilombo?

Senhor Roberto – Tinha muitas palavras que hoje já expandiram por a gente sempre ter pessoas assim como vocês procurando, tô dando apoio pra gente e tem nome mesmo de planta, de animal e que hoje já é conhecido daqui pra fora, mas eram nomes que só existiu mais aqui nessa comunidade, é com alguns tipos de peixe, traíra que o nome científico é traíra que pra gente era conhecido como lobó, e só pra cá que sabia que era lobó, aí que através dessa intrevistas, como agora você vai passar o conhecimento pra alguém e assim foi indo e já é mais conhecido na frente já, e tem uma fruta que a gente chama aqui que é xaixêru pra gente aqui era bacupari, só daqui esse nome, só que aí a gente fala pro pessoal por curiosidade, a gente foi falando, falando e hoje já é conhecido como daqui, mas o nome era mais daqui.

Entrevistadora – Existe algum objeto, nome de algum animal, de roupa que só vocês usam ou nome como sua mãe te chamava quando ela te dava um carão, falava algum nome que só tem aqui?

Senhor Roberto – É, o meu avô mesmo, todos os netos dele tinham um apelido que é até difícil de decorar só o dele mesmo. O meu nome é Roberto, ele me chamava de Amanso. Todos os netos dele, ele colocava apelido e era chamado só, por esse nome né, tem um primo meu que o nome dele é Francisco, ele chamava ele de Chôgo. Aqui tem uma prima minha que o nome dela é Aparecida, ele chamava ela de Maxixe.

Entrevistadora – Ele se inspirava no que via na floresta?

Senhor Roberto - É uma coisa que eu mesmo cheguei a perguntar dele e ele nunca falou, né? Mas sei que quando o pessoal nascia que ele já olhava , colocava o nome, já identificava e já colocava o nome ali.

Entrevistadora – O Senhor é descendente de quilombola?

Senhor Roberto – Sim. Quilombola.

Entrevistadora – Seus avós lhe ensinaram algum ritual, costume, remédio que só tinha aqui de vocês, ou seja, que seja antigo, que criaram aqui quando vieram pra cá?

Senhor Roberto – Tem. Eu tô lembrando, lembrar agorinha, eu vou ter que recapitular pra poder lembrar, mas tem alguns tipos de remédios que é feito só por aqui mesmo, pra machucado, e inclusive aqui tem um remédio que tira o leite de uma árvore, hoje a gente até já passou pra algumas pessoas por falta de ter que resolver o problema mesmo, leite de Janaguba é uma árvore, aí se tirava o leite dela é bem pra érnica, problema na coluna é muito bom e isso por onde eu tenho andado o único lugar que eu vi falar foi aqui, agora como eles descobriram que isso era bom, eu já não sei, né? Mas era só daqui, inclusive Zeca Lula⁹ tinha problema de coluna e graças a Deus tá até conseguindo andar sem muleta.

Entrevistadora – O Senhor estudou?

Senhor Roberto – Estudei. Cheguei até a 5ª série, foi aqui na escolinha.

⁹ Zeca Lula – Descendente de quilombola e presidente da ong. ECOVALE.

Entrevistadora – O Senhor pensou em ir para a cidade estudar mais?

Senhor Roberto – Hoje eu penso, mas eu não pensava em sair daqui não. Hoje eu penso em terminar meus estudos, chegar a uma faculdade, mas sem sair do estado, que chance de sair através da Associação¹⁰ nós tivemos chance de ir até pros Estados Unidos, mas eu não quero ir pra lá não, tá bom aqui mesmo.

Entrevistadora – Vocês recebem apoio do governo?

Senhor Roberto – O apoio que a gente recebe é da ECOVALE e de vocês quando sempre aparecem aqui.

Entrevistadora – Mas toda vez que vem alguém aqui sempre deixa uma ajuda?

Senhor Roberto – Quando alguém vem fazer trabalho assim nem vocês tão fazendo, sempre traz alguma ajuda.

Entrevistadora – De quanto em quanto tempo vocês recebem ajuda?

Senhor Roberto – Demora de 3 em 3 meses de uma visita pra outra.

Entrevistadora – Quantas visitas vocês recebem?

Senhor Roberto - 3 a 4 visitas por ano.

Entrevistadora – O Senhor tem filhos? Eles estudam?

Senhor Roberto – Tenho dois filhos e não estudam.

Entrevistadora – Não? São pequenos?

Senhor Roberto – São. Um tem 1 ano e o outro tem 5 anos.

Entrevistador – O Senhor é casado com uma quilombola ou boliviana?

Senhor Roberto – Quilombola.

Entrevistadora – A religião de vocês aqui qual é?

Senhor Roberto – Católica.

Entrevistadora – Todos são católicos?

Senhor Roberto – Sim.

Entrevistadora – Mas vocês têm igreja, freqüentam?

Senhor Roberto – Tem.

Entrevistadora – Mas não tem nenhuma religião que era só de vocês?

Senhor Roberto – Não. Sempre foi a católica, desde quando eu me conheço por gente é só a católica, foi passando dos avós pros pais, netos.

Entrevistadora – Muito obrigada!

Senhor Roberto – A gente é que agradece.

¹⁰ Associação – refere-se à ECOVALE

COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO VALE DO GUAPORÉ
 – RO - julho de 2008.

INFORMANTE 8d – 6min9seg – mídia digital

Eugênio Rodrigues de Alencar. Descendente de Quilombola – morador antigo da Comunidade Santa Fé.

Entrevistadora -

Esta é a sétima entrevista, entrevista com o Sennhor Eugênio da Comunidade Santa Fé. O Senhor Eugênio fez, inclusive, umas anotações aqui numa folha explicando como é que surgiu a comunidade. O Senhor quer lê, Seu Eugênio?

Senhor Eugênio –

Vou ler sim. Olha, Remanescentes de Quilombolas, de Santa Fé, naquele tempo era então Estado do Mato Grosso, depois passou já a Território Federal do Guaporé. Eu era estudante num colégio por nome Instituto Nossa Senhora do Calvário, em Guajará Mirim. Estudei até a quinta série primária, e passando por Santa Fé várias vezes de férias e aí fui tomando uma atitude, tomando conhecimento com o povo e perguntando quantos anos e disse isso foi em 1950, perguntei que a Senhora mora aqui? Ih! Meu filho, essa fiarada aqui de 15 anos, 18, de 25 anos, essa fiarada tudo nasceu aqui, Seu Eugênio, Seu Eugênio não, Eugênio, nasceu aqui, o nome dessa mulher é Dona Faustina, ela é descendente de quilombola, vinda da lá do Mato Grosso, de Vila Bela. E tem uma família que tem uma professora do Colégio de Costa Marques, tem essa família em Porto Velho por nome de Miguel dos Anjos e tem uma professora que é, são duas irmãs, uma delas é professora, que tem um colégio em Costa Marques com esse nome: Angelina dos Anjos, é filha desse Miguel dos Anjos. Todos foram nascidos em Santa Fé. Esse velho também, essa família toda, todos têm da minha cor pra mais escuro, também são daquele tempo, 1950, aqui agora foi, mudou-se, tão tudinho lá, ficaram lá. Santa Fé, naquele tempo, 1950, era maior que Costa Marques, nasceu primeiro Santa Fé, depois Costa Marques. Então, esse povo foi mudando para Costa Marques, foi abandonando, depois voltaram de novo, aí nesse meio tinha muitas famílias também cearenses, peruanos, bolivianos, essa é a razão pela qual a mistura que tem hoje em dia, inclusive a minha mulher é descendente, tem sangue misturado com boliviano, a mãe é descendente de boliviano e o pai é também descendente de boliviano, quer dizer que nasceu em Santa Fé, ela é filha de lá, nasceu em Santa Fé e é por isso que às vezes eu fico pensando nessas coisas, como é que pode, poderá, se, por exemplo, acaso vier, possivelmente vai vir, o exame de DNA pra ver se esse pessoal é, são descendente de quilombola mesmo. Agora possa ser também que poderão ficar porque também tem ribeirinhos que estão vivendo lá naquele lugar, né, também tem possibilidade, e até hoje lá atualmente moram sete famílias, inclusive comigo, eu moro lá desde 19..., eu tenho aqui o comprovante, em 1967 a gente morava lá chegou um Senhor por nome de Pascoal Novaes, inclusive foi Deputado Federal, que aí logo depois dessa época, tocou fogo em nossas casas tudinho, expulsou nós de lá, através do Padre Paulo Verdier e Dom Geraldo Verdier, que era o bispo naquele tempo, questionou, arrumou advogado, e aí nós voltamos pra lá novamente, e aí nós ficamos, e aí então surgiu esse problema, só algumas famílias ficaram lá, o resto tudo foram embora, e ficou essas famílias, comigo esse sete, e ainda está lá.

Entrevistadora –

Esses que moram lá vivem de quê?

Seu Eugênio – Nós vive de Pesca, pecuária, quer dizer, pesca e pequeno, deixa eu ver aqui: nós que vivemos nesta, temos nossas nossas sobrevivências trabalhando como pequeno produtor rural e da pesca, nós trabalhamos na, a gente não trabalha, não extrai nenhum produto da região assim coco babaçu, castanha, enfim..

Entrevistadora –
E Mandioca, planta mandioca para fazer a farinha?

Seu Eugênio –
Aqui não está (mostrando o texto escrito) produtor rural?

Entrevistadora –
Tá. Lá em Santo Antônio eles sobrevivem da venda da farinha.

Seu Eugênio –
Então, lá também, lá é tudo produtor rural, agora extrativista é que tira o látex, grãos, ... mas atualmente a gente mexe com aqui produtor rural, e da pesca, porque inclusive teve lá o pessoal do Projeto Raízes, lá de Porto Velho, que é também que é... ofereceram oportunidade de como trabalhar com artesanato, enfim, várias, várias, é... bordado, enfim, agricultura familiar, horta comunitária, a comunidade se reuniu com isso, só que não saiu da boca delas, porque disse que prefeito atual, Aurélio Machado de Assis, estava presente e falou assim, gente eu vou mandar até lá ... pro que vocês quiserem, pra vocês trabalharem em conjunto, plantar horta vocês plantam a verdura ...

Continuação.....

INFORMANTE 8d – 15m58seg – mídia analógica

Entrevistadora –
Continuação da entrevista com o Senhor Eugênio. A gente estava conversando sobre os meios de sobrevivência lá na comunidade.

Seu Eugênio –
Sim. É... tem esse problema dos quilombolas, ele é muito bem ele é aceitável, de minha parte eu aceito e como aqui ali é uma área biológica de Costa Marques e de Mato Grosso, eu achava muito bom que desse mais áreas pra preservar, aqui que a gente quer cuidar, porque eu trabalho também na Pastoral do Idoso, sou líder comunitário e agente acha muito lindo aquelas parte que ainda não foram desmatadas ainda, por incrível que pareça ainda tem quem lute que é o IBAMA. Agora mesmo nós tivemos uma reunião com o IBAMA a respeito para falar sobre essa coisa de idoso...

Entrevistadora –
Lá na comunidade do Senhor, os moradores comentam sobre essa coisa de ser remanescente de quilombola, de ter tido uma origem aí, uma descendência de povos africanos que vieram para o Brasil, escravizados? A comunidade tem consciência disso, se assume?

Seu Eugênio –
É o seguinte: isso aí foi uma coisa, um ponto muito importante que inclusive eu gosto muito de tocar nisso. Quando foi pra passar essa área pra quilombolas, eu tenho um padre, eu fui criado em colégio de padre, o Pe. Zezinho que é de São Miguel, ele veio lá comigo e disse pra

eu fazer uma reunião com o povo e comunica se eles aceitam pra área de quilombolas, que eu não tenho tempo agora, tenho que ir a uma reunião em Costa Marques, fui chamado direto lá pra minha terra que é pra descobrir essas placas solares que... trouxe e deu pra gente, nós temos placas solar, toda aquela área todinha até a divisa com o Mato Grosso tem placas solares. Aí você avisa pro povo, gente, que essa área todinha passa a ser da União. Vocês têm o direito de morar a vida toda dentro dessa área, pra trabalhar, viver, até quando morrer, quando quiser sair, mas não pode vender a terra. Nenhum aceitou querer ser quilombola. Perdi a freguesia quando falei que não podia vender a terra, perdi a freguesia. Aí quando chegou de novo, entrou um sujeito chamado Zeca Lula, através de um convênio com a Petrobrás, ele trouxe esse Projeto pra Costa Marques. Aí começou a trabalhar de uma maneira meia, meia assim esquisita, entende? Acho que foi um troço que não deu pra entender. Aí quando ele Distribuiu cesta básica pro povo de Santa Fé, todos aceitaram ser quilombolas, mas visando a cesta básica, porque eles antes não queriam quando eu falei. Ele explicou a mesma coisa que eu expliquei. Mas só que ele tinha a vantagem de oferecer a cesta básica e eu não ofereci. Porque não tinha como nem porque mentir. Aí todos aceitaram, então lá ninguém, todos concordaram sim.

Entrevistadora –

A Comunidade já foi reconhecida pela Fundação Palmares?

Seu Eugênio –

Ela é auto-reconhecida. Ainda não vi o documento, mas o presidente de lá que eu saiba não quis assumir... porque ele é negro mesmo, nato dos quilombolas, descendente de escravo, agora a mãe dele e o pai dele é descendente de quilombola do Mato Grosso, eles são mato-grossenses. Então, eu fiquei assim como eu quis assumir porque realmente ainda estou na dúvida, se chegar um DNA aqui e dizer “você é boliviano!” ... (risos)...

Entrevistadora –

Eu vou dizer pro Senhor o seguinte: se for feito mesmo exame de DNA, até eu que tenho uma pele mais clara posso ser...que a minha vó tinha cabelos pixains...então, a negritude que a gente tem no DNA vai aparecer qualquer traço, não vai negar não: o povo brasileiro é negro. Não assume porque acha isso é uma coisa que diminui, mas é. O povo brasileiro, na sua origem, tem a parcela negra.

Seu Eugênio –

Porque a gente tamos escolhendo agora é.. o INCRA tá com dois anos que chegou já pra demarcar aquela terra pra gente poder dizer assim isso aqui pertence, isso aqui me pertence.

Entrevistadora –

... é de usufruto da minha família, né?

Seu Eugênio –

Porque eu posso plantar e quando tiver bem de raiz, alguém pode chegar aqui e dizer: isso aqui não é seu. E isso acontece geralmente. Pega a área, porque o INCRA, ele não corta a terra assim... Eu tenho um amigo com quem trabalhei muito com pesquisa de minério ... pesquisa de madeira, marcando terra pro outros assim com... O INCRA só faz pagar a empresa pra trabalhar. Eu já trabalhei na Paranapanema, trabalhei na ..., com a CANES, com a...só com pesquisas. Porque o INCRA paga pra essas empresas, porque o INCRA não corta terra, quem corta terra é a empresa, então a gente fala com a empresa pra ela cortar terra pra gente, porque tá parado. Não é parado assim... a gente trabalha pra comer.. a gente não sabe

quem é quem, ninguém sabe qual é a sua terra, porque isso aí vai ser um processo que custa, tenho certeza que custa muito...

Entrevistadora -

Não se preocupe com isso, Seu Eugênio. É... Todos lá são católicos ou tem outras...?

Seu Eugênio -

Tem é... uma família, aí tá mais fácil, porque minha mulher não é da Igreja Católica, ela é da Igreja Adventista da Promessa, outro povo...

Entrevistadora -

O Senhor é Católico?

Seu Eugênio -

Sim. Eu sou católico. De criança até agora meus pais, quando saíram do nordeste, também meus avós, família Pereira de Alencar, todos ...nem tem mistura, é só católicos. Agora já os meus filhos é tudo mistura, tem aqueles que puxam a mãe, outros puxam o pai, um dia está... e é aquela coisa, mas ela é batista ...

Entrevistadora -

Tem assim, quando vocês tão conversando lá na comunidade, tem assim, em algum momento, o jeito de vocês falarem, as palavras lembram o jeito de falar dos negros?

Seu Eugênio -

Essa família que eu estou te falando, o nome dela é Dona Mafalda, ela não gosta que chame ela Dona Preta, ela fala assim, o marido dela também, os filhos geralmente são... ela tem sotaque, sim, de mato-grossense.

Entrevistadora -

E o modo de falar, por exemplo, tem alguma palavra que vocês dizem de um jeito e eles dizem de outro?

Seu Eugênio -

É verdade, a gente que vive aqui em Rondônia, eu até estudo sobre isso, faço uma pesquisa, através disso, por que que nós temos este sotaque diferente do mato-grossense, dos outros estados. Será que é...mas eles, por exemplos, eles diz “....” porco, que a gente chama de barrão, eles chamam cachaço, na língua poconeiana de Mato Grosso. Poconeina é a pessoa que nasce em Poconé, eles tem sotaque...

Entrevistadora -

Por exemplo as leguminosas: macaxeira, nós cearenses dizemos macaxeira, mas tem outras regiões que chamam mandioca, tem algum outro nome, lá?

Seu Eugênio -

Não. Chamam mesmo mandioca de macaxeira. Lá pro lado do Paraguai e no Mato Grosso chama aipim, do tupi guarani.

Entrevistadora -

Dá pra perceber bem a mistura.

Seu Eugênio -

Dá pra perceber bem a mistura. Eles são bem próximos.

Entrevistadora –
E música, assim, as músicas.

Seu Eugênio –
As músicas deles é o rasqueado.

Entrevistadora –
O que é o rasqueado?

Seu Eugênio –
Rasqueado é assim, tocado com acordeon, toca rasqueado, então é uma música muito antiga. Agora, o som do Mato Grosso da divisa com o Paraguai é o som da Guaraia. Aquelas chalanas tocam muito essas músicas aí. Por aqui nós estamos mais adaptados com essas músicas da região.

Entrevistadora –
As famílias de vocês lá cultivam ervas medicinais? Costumam se tratar com chás?

Seu Eugênio –
Eu vou até te contar uma história sobre isso, que é uma coisa muito importante, sempre eu faço isso em nossa comunidade. Uma vez eu tomei uma cachaça e aí eu adoeci e meu filho ficou bravo porque eu não fui pra roça nesse dia, ele era professor, trabalhava na escola Miguel dos Anjos, e aí eu não fui. E ele me disse que eu fosse de tarde, que ia me levar de moto. Cheguei lá me deitei, depois de dez minutos me deu uma disenteria, mas daquelas do cara começar e não querer parar, sentia aquele frio por dentro e aí ele soube lá e veio me buscar de noite na moto. Agora eu vou, você não queria que eu viesse pra cá eu vim, pois agora já estou doente e não quero ficar bom, não vou. Esse dia, Seu Ortiz soube lá na casa dele e veio em casa, trouxe umas ervas, trouxe um bocado de mato, eu já tinha tomado tudo quanto era remédio de farmácia e não tinha passado. Ele trouxe tamarino, uma folha assim. Você tira sete brotos daquela galho, faz o chá e toma, com meia hora eu não estava mais sentindo dor de barriga, cólica, nada.

Entrevistadora –
Eu sei que a folha do olho da goiaba.

Seu Eugênio –
Isso aí também é bom. Pois foi como realmente, sarei e assim eles usam muito isso aí. Os índios também usam muito isso aí.

Entrevistadora –
E na comunidade todo mundo usa o chá?

Seu Eugênio –
Olha, usa, mas você sabe que hoje em dia o povo de hoje, ele vai mais na farmácia, porque não precisa acender o fogo pra fazer, pega ali um apracur e toma logo. Isso aqui é interessante também, lá em casa eu tenho um plantio de café. Cafezal. Com essa alagação medonha matou a metade. A única fruteira que não morreu foi a mangueira. A mangueira resiste a água. E aí eles, a gente faz aquelas plantaço e é saí batatas, tudo são plantas de lá e eles também, só que

falta mais um pouco de ação, às vezes chega uma pessoa que vai lá dá um curso pra aprender a mexer com artesanato, todo mudo aceita enquanto a pessoa está lá e aí depois não dá, acaba. Lá em Forte Príncipe também é fez o curso e está vendendo bem, lá é uma comunidade quilombola. Se você algum dia for lá...

Entrevistadora –

É já estive lá. em Forte Príncipe pra visitar as ruínas. A comunidade de lá também foi reconhecida.

Seu Eugênio –

Lá na comunidade tem um problema. Se você fala com o comandante ele te aceita. Você chega lá com uma criatividade, artesanato, fazemos tudo lá. Depois muda de comandante e manda todo mundo sair, e tem várias partes de comandantes, os quilombolas são maltratados, são expulsos de suas casas pelo exército, mas isto estou falando, porque não chegou ainda o exército.... a gente foi informado sobre isso, o Santa Fé vai ... liberaram as terras por causa disso, o exército tá...

Entrevistadora –

A configuração de lá não parece com uma comunidade. Praticamente, não são as famílias do pessoal do exército que moram lá?

Seu Eugênio –

Mas aí é que está o problema. Aquela história que eu falo do reconhecimento. A Fortaleza, por exemplo, não tem um negro na história, e nem peruano, nem boliviano, não tem registro, como é que isso? Quer dizer que..., já me disseram que vários desses quilombolas que desceram do Mato Grosso, que isso foi verídico, que muitos que tem em Forte Príncipe sumiram, se misturaram....

INFORMANTE 9d – 26min13seg – mídia digital

Ana Deolinda. Descendente de Quilombola – moradora antiga da Comunidade Pedras Negras.

Entrevistadora –
Dona Anita, é Anita?

Dona Anita –
É pode chamar Anita.

Entrevistadora –
Dona Anita, eu quero que a Senhora fale assim, espontaneamente, sobre a sua família, sua origem, e aí, à medida que a Senhora falando, eu vou direcionando as perguntas, aquilo que eu não souber eu vou perguntando.

Dona Anita –
Bom, eu., meu avô era., naquele tempo se chamava matogrossense, né, o pessoal que vinha de Mato Grosso, mas a minha avó, mulher do meu avô, era boliviana, e meu pai era paraguaio, sei que eu tenho uma mistura grande, bom, o meu avô e minha avó, até minha mãe já faleceu e aí eu quis sair de lá de Pedras Negras e voltei agora depois de adulta, já faz uns vinte anos que eu cheguei agora e fui lá em Pedras Negras, conhecer porque tinha poucas lembranças, eu vim pra Festa do Divino. Eu estive em 1987, eu vim com dois filhos de menor: um de sete e outro de doze, aí então eu fiquei mais aí por causa da Festa do Divino e meu filho de sete anos teve um problema seríssimo, e quando eu internei ele, é... deu um problema terça feira, quarta feira eu internei ele, quando foi segunda feira os dois pediatras disseram que não tinha mais jeito com o menino, então eu tenho primas que é quilombolas, né, aí ela falou pra mim que eu fizesse uma promessa para o Divino Espírito Santo. Eu fiz e fui atendida, então de lá pra cá eu tô por aí mesmo lá em Costa Marques, moro lá, e faço parte da Irmandade do Divino Espírito Santo, então foi por isso..

Entrevistadora –
A Festa do Divino ela foi instituída pelos portugueses, não é?

Dona Anita –
É... diretamente de Portugal veio, veio de Portugal, só que eu não sei, ainda não descobri como foi que foi introduzida em Cuiabá. Aí de Cuiabá foi pra Santíssima Trindade, Vila Bela, lá é muito forte a Festa. Mas eu acho que mais forte é a nossa festa, do Vale do Guaporé...

Entrevistadora –
É... Prof. Marco Teixeira conta...

Dona Anita –
Eu falei com ele, quando ele tava começando a “murchar” (risos)...aí então houve uma briga antes disso, né, porque a nossa festa, quer dizer os quilombolas dali é, como se diz, mais envolvido com a Festa do Divino.

Entrevistadora –
Tem muitas famílias em Pedras Negras?

Dona Anita –

É em Pedras Negras agora deve ter umas 25 famílias, menos de 100 pessoas, porque só tem mais velhos, a maioria são composto de velhos porque os filhos vieram para Guajará-Mirim estudar, né, e não voltaram mais, aí os velhos com saudade daqueles tempos, eles continuam, vem a Guajará e voltam, sabe? Eu mesmo, eu só tenho casa lá, mas eu moro é em Costa Marques, meu marido é presidente do Conselho, e aí a gente fica mais ali, mas nossa, porque em cada lugar do Vale do Guaporé tem uma diretoria, nossa diretoria é de Pedras Negras, somos de lá, aí ele exerce a função de Presidente do Conselho e de Presidente da Diretoria de lá. Cada lugar assim tem uma diretoria.

Entrevistadora –

Aí quando é a Festa do Divino a Senhora fica lá direto?

Dona Anita –

Não, já aconteceu, né? Agora a festa demora é... somos onze diretorias, então são onze anos que demora pra voltar a ter outro festa, em 2005 foi a nossa festa, quer dizer que todo ano é sorteado, no lugar da festa, é sorteado a próxima. É assim que funciona. Aí, então, nós estamos lá e agora este ano vai ser em Surpresa.

Entrevistadora –

Dona Anita, na Festa do Divino a Senhora identifica, por exemplo, algumas partes do rito da própria festa que são parecidas com festas de terreiro de Umbanda?

Dona Anita –

Não, nenhuma. É bem diferente, bem católico mesmo, tanto é que...

Entrevistadora –

Nem músicas?

Dona Anita –

Agora, o que se identifica ali nas música da Festa do Divino é que os cânticos são de lamento, as músicas do Divino, muitas músicas do tempo dali é de Festa de Padroeiro, de santo, né músicas de santo? São as músicas diferentes.

Entrevistadora –

E o lamento é por quê?

Dona Anita –

O lamento é porque vem de tradição, como se diz, a música vem, porque vem, eu acho que é tradição quilombola porque os negros quando vieram de lá, vinham fugidos e tinham acampado ali, então eles acham que..., eu o que eu mais admito... aí, bom, então o que eu acho mesmo bonita aí é isso, né, porque aquelas músicas assim de lamento, de choro, assim de várias vozes, aquelas vozes boas, que inclusive eu sou, eu estou desde 2005 tentando fazer um coral, que é Coral Vale do Guaporé, é só música do Divino Espírito Santo, elas num tem nada a ver com tambor, orixá, inteiramente católico.

Entrevistadora –

Mas tem o tom de lamento que a Senhora acha...não é que tenha ligação com o Candomblé, mas tem ligação com a origem, com a própria origem.

Dona Anita –

É com a origem e então a origem assim parece-me que quando eles vinham fugidos de lá, eles eram tristes, escurraçados, né, talvez fugiram de lá, porque quando eu tinha cinco anos, antes de sair de Pedras Negras, eu conhecia uma escrava marcada.

Entrevistadora –
Que marca que tinha?

Dona Anita -
Ah! Tinha um “R”, tinha duas letras, só que eu só consigo me lembrar do R.

Entrevistadora –
Então eles eram marcados igualzinho bois?

Dona Anita –
Eram. Eram, ainda eram escravos marcados. Chamavam ela *Inhá Catarina*, ela era escrava que nós chegamos ver isso. Eu tinha cinco anos, né, mas isso não foi só eu que vi, como todos falavam, minha mãe falava, né, e a gente tinha um medo dela, era criança, né, e achava que velho, né, antigamente, aí o que eu quero falar é que eles eram sofridos, então eu acho que eles viviam isolados e então eles lamentavam, faziam aquelas músicas de lamento, de, não sei te explicar, é assim como se fosse lamentar... Ah! Sim, só a música, mas a letra é de Igreja, religiosa do Divino Espírito Santo, porque devido a história, né, que o Divino Espírito Santo socorreu a Rainha Isabel, aquela história que a Senhora já sabe, e aí de lá prá cá, o alimento espiritual do Vale do Guaporé vem a ser a Festa do Divino, tanto é que não existe nada ruim, não se diz assim, não aparece no jornal: a família matou fulano, não existe..

Entrevistadora –
É momento de celebração, né?

Dona Anita –
Sim Senhora, e eu acho que aquele Vale do Guaporé é abençoado por causa disso. É muito bonito, tanto é que vem gente de fora, faz promessa e recebe a graça, né, é isso; agora sobre os quilombolas eu não sei te explicar bem sobre isso, porque como eu tô fora de lá, saí de lá cedo, né, porque se tivesse ficado lá taria mais por dentro.

Entrevistadora –
A senhora sente assim, por exemplo, que agora tá todo mundo falando de quilombola, comunidade quilombola, a Fundação Palmares está reconhecendo as terras das comunidades remanescentes quilombola, mas assim a Senhora sente que os próprios descendentes de quilombolas eles se assumem com descendentes, eles vêem isso com alegria ser reconhecido?

Dona Anita –
É pelo menos os de lá de Pedras Negras se sentem quilombolas, eles se sentem até, parece até que deu mais força pra eles, uma importância, estavam muito esquecidos, você vê como é que agora eles já estão mais importantes, se acham muito importantes, donos da terra e tudo mais...

Entrevistadora –
E assim, com relação às comidas, há algum prato que a Senhora sabe assim de certeza que é do jeito como os negros faziam antigamente?

Dona Anita –

Não, sobre isso eu não acho muito diferente, não. O prato preferido deles, como é no Vale do Guaporé é na beira do rio é o peixe, a farinha, né, o arroz, só, nem quase o feijão não, nem tanto. Que eu vejo lá toda a vida foi assim. Aí eles plantam, o que dá pra plantar eles plantam. Agora com essa história de quilombola eu achei assim meio fraco assim, sendo reconhecido, tudo bem, é sobre essa história de dar cesta básica, eu não acho de acordo, é esquisito porque no lugar de eles aprender a ser como todos, eu acho que aí já está excluindo eles como mendigos, sei lá o quê, eu acharia que era melhor eles tentarem implantar uma boa escola, é mostrar que como quilombolas eles têm direito como qualquer outro, porque quilombola pra mim afastou eles da sociedade, aí então eles vão lá, ah! Eu quero saber dos quilombolas...

Entrevistadora –

É como se fosse uma pessoa que não é igual a todas as outras.. não é?

Dona Anita –

É verdade, mais ou menos, e de primeiro diz que as mulheres quilombolas gostavam de boliviano, agora se misturaram, naquela época, tempos atrás, minha mãe falava que era difícil um homem assumir uma boliviana ou um boliviano assumir uma negra, hoje não, já está tudo misturado. Agora tem comida, influenciou muito foi a comida boliviana, é, por exemplo, o massaco, aquela carne de sol pisada no pilão com banana (risos), principalmente o queijo...

Entrevistadora –

Com queijo eu nunca comi.

Dona Anita –

Não! É uma delícia, a banana meia madura, um pouco madura e pouco verde, frita...

Entrevistadora –

A carne é de sol, de boi?

Dona Anita –

É qualquer carne, também fazem a passoca de peixe seco

Entrevistadora –

Essa paçoca de peixe seco também é de lá da Bolívia?

Dona Anita –

Não, é do Brasil, dos quilombolas mesmo.

Entrevistadora –

A paçoca do peixe fresco é...

Dona Anita –

... é frito, tirado as espigas, dá uma soltadinha e bota a farinha e ...é bom hem?

Entrevistadora –

E vocês têm, pelo menos o pessoal lá, as famílias que moram lá em Pedras Negras têm roça?

Dona Anita –

Tem.

Entrevistadora –
Todos sobrevivem da roça ou..

Dona Anita –
Não. Uns são aposentados, né, pelo SUS, é mas é assim, outros sobreviviam do peixe que hoje está proibido, agora não sei, faz a farinha da mandioca.

Entrevistadora –
Lá em Santo Antonio eles sobrevivem da farinha.

Dona Anita –
É a farinha de lá é gostosa. Eu não sei o que está acontecendo, não estão querendo mais trabalhar, quer dizer, os jovens, né, eles gostam de trabalhar em outras coisas, né, chegar bolivianos precisa desmatar ou fazer roça ou limpar campo, eles vão pra lá, porque é tudo pertinho é só atravessar o rio.

Entrevistadora –
Os filhos da Senhora moram em Costa Marques com a Senhora?

Dona Anita –
Não. Moram em Porto Velho. Foram criados lá. Só tem um lá comigo. O resto é Porto Velho.

Entrevistadora –
E eles foram educados, acostumados com as coisas da tradição da sua família ou não lembram mais nada?

Dona Anita –
Não, não. Eles foram criados tudo em Porto Velho. Eu casei lá e criei meus filhos lá. Aí eu comecei assim andar em cidade, Acre, depois voltei pra Porto Velho, tenho casa lá. Meus filhos casaram e tão tudo lá.

Entrevistadora –
O seu marido é que o quilombola, talvez assim possa dizer mais próximo de ser quilombola, porque a Senhora também é, não é?

Dona Anita –
Só que a família dele completa é, mãe, pai são negros.

Entrevistadora –
A família toda é da Festa do Divino?

Dona Anita –
É, ali em Pedras Negras não tem evangélicos, só católicos. Santo Antônio também não tem. São todos católicos. A, o povo da Bolívia também são católicos, por causa da tradição do Divino Espírito Santo. Que eu acho assim...

Entrevistadora –
Então, Dona Anita, a Senhora tem conhecimento de ervas medicinais lá da sua...?

Dona Anita –

Conheço assim, eu aprendi um pouco, não é, estou aprendendo ainda, não vou dizer que eu aprendi de ervas medicinais. Agora o pessoal lá de Pedras Negras já não estão querendo aderir as coisas antigas e esse é o problema, né, talvez fosse alguém lá incentivar, né, seria uma boa, né, porque é tão bonito, né, arnica, né, muito bom, as ervas, eles usam lá tem muitas ervas, mas nem todas, nem todo mundo tem conhecimento, porque os velhos fizeram a indelicadeza de não ensinar aos filhos, porque era assim: os menino quando se inteirava corria pra Guajará.

Entrevistadora –
Desciam por barco?

Dona Anita?
É por barco. De barco é três dias, sai sexta chega domingo. E mais dois dias pra chegar em Pedras Negras. Cinco dias.

Entrevistadora –
E tem o barco que faz esta rota normal: Guajará – Costa Marques; Costa Marques – Pedras Negras?

Dona Anita –
Tinha o barco que fazia até Pimenteiras. Uns chamam CONAR outros chamam ENARO, tinha esse barco que a pessoa só pagava mesmo a alimentação. Eu não sei... passou um bocado de tempo parado, diz que o governo não quer assumir mais. Bem dizer que naquele tempo o barco do governo, ele dava mais prioridade é... o governo dava esse barco porque os ribeirinhos eram muito pobres, hoje não pode se dizer que são pobres, porque tem a cesta básica pra os quilombolas, eles têm o barco que fica fazendo a rota não sei aí de quantas vezes por ano pra aposentar, como se diz, pra entrar, então não se pode dizer que são miseráveis.

Entrevistadora –
Os quilombolas de Pedras Negras, eles vieram todos, saíram do Forte Príncipe, porque a gente sabe que os quilombolas do Guaporé, eles vieram de Vila Bela, não é, se espalharam por todo Guaporé, em Rondônia. Lá em Vila Bela também é Guaporé, por causa do rio, é e se espalharam. Os quilombolas de Pedras Negras também vieram lá de Vila Bela, mas antes eles passaram pelo Forte Príncipe?

Dona Anita –
Isso aí eu não sei te explicar, porque quem sabe é o Matias Mendes, que ele é....., mas com certeza veio gente de lá. Não subindo, descendo, porque a família do Matias Mendes é negra e moravam no Forte. Quer dizer que os quilombolas chegavam e foram se espalhando pelo Guaporé todo, é verdade, como tem o quilombola em Rolim de Moura, Tarumã, era um quilombola e ainda tem casa lá. Tem uma família é um tio meu que mora lá..

Entrevistadora –
Mas vive isolado?

Dona Anita –
Não. Não. As casas é de taipa, taipa você sabe o que é, não?

Entrevistadora –
Sim. Lá em Santo Antonio também tem.

Dona Anita –

Tem, pois é, coberta de palha e chão batido e barreado, treliçado com barro no meio aqui a gente chama de taipa. Pois é lá tem, eu fui no ano de 2006, 2006 não 2007, o ano passado foi a festa lá e eu vi que ainda tinha casa lá e inclusive tem uma prima minha que é cacique de lá e aí ela tava lutando pelos indígenas e pelos quilombolas, a família dela é índia e meu tio é dos quilombolas, e ela tava trabalhando pra isso pra ver se tomava a terra de Tarumã, porque teve uma pessoa lá de Tarumã que ali era completamente negro igual o Pedras Negras, né, então a coroa teve muito tempo naquelas bandas lá, agora teve uma pessoa dali do Tarumã que vendeu uma parte pro fazendeiro, então ela tava lutando porque sabe que o fazendeiro vai tomar conta.

Entrevistadora –
Tarumã é um nome indígena?

Dona Anita –
É. Tá bem misturado. É uma mistura danada. Mas tem muito índio é ali em Rolim de Moura do Guaporé, porque agora estão dismatando aqueles matos e tão tirando cada botija enorme, disse que ali no mato tem é muita botija.

Entrevistadora –
Mas é o quê? São aqueles vasos de barro que são as urnas funerárias?

Dona Anita –
Sim.

Entrevistadora –
É. Rolim de Moura do Guaporé não confundir com a cidade de Rolim de Moura. Rolim de Moura do Guaporé é uma comunidade, não é? E fica perto desse Tarumã?

Dona Anita –
Tarumã fica dentro do rio onde mora... porque é assim: o rio Guaporé passa assim, mas tem um riozinho que tem uma ilha no meio, vem prá cá e volta e tem uma ilhinha assim bem no meio. Então, nessas voltas pra chegar aqui em Rolim de Moura é no Rio Mequém que chama, Rio Mequém esse Rolim de Moura, não é esse da BR, antes de chegar em Rolim de Moura tem esse lugarzinho por nome Tarumã, onde a gente vai passando e vê aquelas casinhas e a gente vê que tem gente morando lá que eu vi, só não fizemos encostar.

Entrevistadora –
Então, lá perto de Costa Marques tem um monte de comunidade quilombola.

Dona Anita –
Tem Pedras Negras, tem Santo Antônio, tem Santa Fé que fica pertinho de Costa Marques, e tem Tarumã, isso antes de chegar em Pimenteiras. Pois é, lá em Rolim de Moura também tem muitos negros e, chegando em Pimentais, aí é que tem mesmo. Tem muitos negros lá. Pimenteiras é depois de Rolim de Moura. É a última parada do barco.

Entrevistadora –
Tem que ir de barco?

Dona Anita –
Não. Pode ir de carro mesmo. De Porto Velho é até mais perto.

Entrevistadora –

Dona Anita, a Senhora lembra de alguma palavra que ainda é falada hoje que é do tempo dos seus antepassados?

Dona Anita –

Deixe eu lembrar. Tem palavras sim, só que eu não consigo lembrar. Porque eu quase não falava assim porque eu fui criada em Colégio de freiras, passei quase a minha mocidade em colégio de freiras, saí ... aí então a minha fala é outra...meu marido é que sabe... meu marido tem tanta coisa linda pra lhe contarhistórias.... vá em setembro.... nas praias...

INFORMANTE 10d – 35min01seg – mídia digital

Jesus Gomes de Oliveira. Descendente de Quilombola – morador antigo da Comunidade do Senhor Jesus – Município de São Miguel do Guaporé/RO

Entrevistadora –

Entrevista com o Senhor Jesus Gomes de Oliveira. O Senhor Jesus que dá o nome à Comunidade do Senhor Jesus, né. Então, vou começar a entrevista com o Senhor Jesus aqui em baixo de uma palhoça muito agradável. Então, assim, o que eu gostaria que o Senhor falasse, Senhor Jesus, é assim... a memória que o Senhor tem, as informações que o Senhor tem, por exemplo, como foi que começou a comunidade, com quem começou, né, e aí à medida que nós formos conversando, eu vou fazendo outras perguntas pra ir direcionando a nossa conversa.

Senhor Jesus –

Aliás, esta comunidade aqui começou por duas famílias: que foi a família que hoje é da minha nora e a família nossa, né. Nós chegemo aqui em 1959, enton-se morava um senhor aqui por nome Francisco Dionísio dos Santos, mas só quando nós chegemo aqui ele não tinha, tinha mulher, mas não tinha nenhum filho na época. Quando eu cheguei aqui em 59, eu tinha já a Francisca, a mais velha, a Maria, que caso é a mulher do Manel, e o Luiz, que é pais dessas moças aqui. Mas, então foi um começo foi assim, foi indo, foi indo, a pessoa diz assim, não mas eu não sei como é que moraram esse tempo tudinho aí eu digo mas eu provo, justamente ele teve aqui agora, foi domingo, no dia que o padre veio celebrar aqui, ele veio aqui. Muitas pessoas ainda viu ele, contando que chegou aqui em novembro de 1958 e eu cheguei em dezembro de 1959, aí podia trabalhar junto.

Entrevistadora –

O Senhor vinha de onde?

Senhor Jesus –

Eu sou nascido aqui mermo, no Rio São Miguel. Aliás não conheço muito assim, nem de Rondônia não conheço, Porto Velho conheço assim de passagem. Conheço bem mais ou menos Guajará-Mirim, que era o que mais a gente ia, mas o resto.

Entrevistadora –

Aí o Senhor chegou neste lugar que nós estamos aqui. O Senhor sempre morou aqui. Por isso que, na verdade, o Senhor deu o seu nome ao próprio lugar, né?

Senhor Jesus –

Sei que tá Comunidade Quilombola de Jesus, mas só que a gente vê assim coisa muito atrapalhada, não sei se vocês estão sabendo, estão sabendo mais do que nós. Que o homem que era responsável por isto aqui tava desviando, eu nunca peguei uma, como se diz, um auxílio que o governo mandava, né, pra assim, por exemplo, pra quilombola, nós nunca participamos de nada, nada, nada. Tem até um papel aqui... Não sei se vocês estão sabendo dele. Ele é responsável pela Comunidade Pedras Negras, Santa Antonio, Santa Fé, aqui, Comunidade de Jesus, Forte Príncipe e Laranjeiras, também conhecida por Limeira.

Entrevistadora –

Limeira fica onde?

Senhor Jesus –

Fica acima de Santo Antônio. Subindo.

Entrevistadora – Eu conheço Santo Antônio, mas não conheço essa Limeira.

Senhor Jesus –
Essas são as coisas que a gente sabe que...

Entrevistadora –
Quantas famílias têm aqui?

Senhor Jesus –
Entre tudo abarcado onze, mas já saiu, eu tenho duas filha que tá fora, né...

Entrevistadora –
Senhor Jesus, o Senhor conhece a história, por exemplo, da sua família, por exemplo, como foi que seu pai chegou aqui, se o seu pai já morava aqui, o seu pai veio lá de Vila Bela, o Senhor tem informações sobre a história da sua família?

Senhor Jesus –
Olha, a informação que eu tem que esses meus pai, eles são nascidos aqui no Guaporé aqui pra rumo de Vila Bela mesmo, pai, mãe, avô, avô, tudo são nascido em Vila Bela, Mato Grosso, né, Vila Bela é Mato Grosso, entonce essa família descendente daqui do Mato Grosso, do rumo de Vila Bela, né, num tem vindo de outro canto, né, inclusive até tem que brinca comigo porque eu digo que sou brasileiro puro, porque eu só tenho um sangue, né (risos)

Entrevistadora –
A gente que é meio amarelo, tá na mistura, né? Senhor Jesus, das coisas que..., porque os seus pais são descendentes de negros..

Senhor Jesus –
Exatamente.

Entrevistadora –
E os negros no Brasil, eles vieram da África, né, os negros que vieram pra cá eram da África, né? Tem alguma coisa assim, por exemplo, alguma palavra que os seus diziam que seus avós falavam que ainda se fala, que o Senhor lembra, tem alguma coisa assim da lembrança dos antepassados?

Senhor Jesus –
Não sei porque os meus avós eu não conheci e o meu pai morreu eu tava na idade de 10 anos, fui criado pelos irmão, né, mas sempre ela conversava muito, mas nunca chegou a explicar muita coisa pra gente, né. Só que eu sei que nós temos uma descendenzinha porque ela era fia de índio, né, a minha mãe, a minha vó chamava-se Maria Inácia da Fonseca, era índia, enton-se às vezes dizemo que temos sangue de índio.

Entrevistadora –
Mas eu acredito que se formos fazer uma verificação do sangue que corre nas nossas veias a gente vai ter uma surpresa ou não, porque todos nós sabemos, eu, por exemplo, na minha família eu tenho descendência dos índios cariris, lá do nordeste, lá do Ceará, mas a minha vó

era negra dos cabelos pixains, isto quer dizer que na minha família como na sua houve uma mistura.

Senhor Jesus –

E agora teve muitos anos atrás, teve uma senhora, ela era tia da mãe dessa minha mulher, agora não sei se o nome dela era Joana, ela já tava tão velha e ela conversava e ela tinha a marca. Então, ela contava assim de uma chuva de sangue que deu, ninguém sabe disso, mas ela contava duma chuva de sangue, só que ela já tava o olho dela já invisivizinho, a gente encostava o dedo assim e ele num enxergava mais, já tava ceguinha.

Entrevistadora –

Agora, essa chuva de sangue, era sangue de verdade mesmo ou era uma explicação pra uma situação...

Senhor Jesus –

Acho que era verdade mesmo, era verdade. Que aqui a gente veio pra cá, Guajará-Mirim pelo menos é ...composto muito desse povo de Pedras Negras, Vila Bela, o povo tudo são descendente de Vila Bela, que era a capital do Mato Grosso. Meu pai, meus avós, minha mãe, tudo das bandas de lá. Agora, nós viemos pra esse Limoeiro aí, nós viemos não, eles vieram, quando eu ainda não era nascido (risos). Já nasci em 1932, meu pai faleceu em 1934 e aí essa família saiu de Limoeiro pra Guajará-Mirim levado pelo Dom Rey, que era bispo, pra estudar, eu tenho uma irmã por nome Paula, que eu dei o nome desta escola, perguntaro pra mim se eu tinha o nome de uma pessoa pra colocar na escola, o nome que eu lembrei foi o dela, porque ela foi professora desde 1934 até 1959, sem mudar, só que foi assim, ela foi estudar lá com os padres, os padres levaro ela estudar, ela formou, aí por meio do padre, essa família nossa, que era uma família muito unida, enton-se foi pra Guajará-Mirim, por meio do padre, trouxeram esta família de volta pra Limoeiro, que era um patrimôniozinho muito pequeno, mas a nossa família era grande, enton-se ela estudou, se formou a aí veio a outra , a Isabel, pra Guajará-Mirim, também os padres levaro, ficou no lugar da Paula, aí estudou também, ela professora, já é aposentada, por derradeiro foi o mais novo, o Melquíades, esse tá em Guajará-Mirim ainda e foi professor, estudou muito novinho, só que ele aposentou-se e renovou o contrato...Eu tive em Guajará-Mirim em 98, tá fazendo 10 anos... eu não saio daqui... às vezes eu digo assim pro meu filho, o outro genro mora aqui em cima, mas a coisa difícil é eu sair daqui... esses dias viero me buscar pro almoço e dissero o Senhor tem que ir...mas eu não saio.

Entrevistadora –

Aqui tem Festa do Divino na comunidade?

Senhor Jesus –

Tem não. Tem uma festa que nós faz. Esta festa vem do tronco velho que foi meu avô, meu pai, e mãe, enton-se ficou uma devoção com a Imaculada Conceição. Temos esta igrejinha aí, coloquei o nome de Igreja da Imaculada Conceição, o padre sempre vem aqui e teve um dia desses e está marcado pra ele vim de novo agora no dia 17 de agosto.

Entrevistadora –

E essa festa ela acontece sempre no meio do ano ou...

Senhor Jesus –

É só lá no dia 08 de dezembro, então mata boi, é porco, mas isso já vem dos meus tronco velho, não posso nem, só sei bem da minha mãe pra cá. Essa minha irmã Paula ficou tomando conta dessa devoção, aí a Paula morreu, todo mundo ficou de braços cruzados, digo não, eu não vou deixar, peguei hoje tamo fazendo, a gente mata uma vaca, só que nós faz a devoção, aí o padre vai vim sempre...

Entrevistadora –
Aqui, a comunidade sobrevive de quê?

Senhor Jesus –
Aqui a gente vive de roça, né, porque a bolsa família que vinha pra cá, a bolsa família não, a cesta básica foi cortada, nós num recebe mais, agora aqui dessas família que tem, tem umas que tem a bolsa família, tem outras que...o rapaz veio aqui outro dia e disse que tinha que cadastrar a bolsa família, mas acho que eu não tenho problema porque sou aposentado, eu e a velha, a gente recebe o benefício, cada vez se eu tenho que ir fazer o cadastro, mas aí a gente sai um pouco.

Entrevistadora –
Na roça de vocês, vocês plantam o quê?

Senhor Jesus –
O que a gente planta mais é a mandioca, né, a mandioca, o milho, o feijão o arroz... é o que a gente planta mais.

Entrevistadora –
E faz a farinha?

Senhor Jesus –
Faz bastante farinha. Tem até uma menina que vai lá, o pai dela mora lá. Aqui também tem, mas o bicho dá, quando tá bonito, a gente pensa que não o gado vai lá e come. É nosso mesmo, né. Teve uma vez que meu filho plantou bastante feijão, mas só que eles não têm experiência, eu digo: esse gado num tá qui e eles dizem que estão por aí, aí eles foram lá pra roça e só tava a limpa, o gado tinha comido tudo, também era mais de 40 cabeças, né? Então, hoje eu já estou diminuindo, por causa do pasto. Agora a gente tá vendendo mais aqui a farinha, compram muito no mercado. Agora, o milho, o arroz, o feijão é só pro consumo.

Entrevistadora –
A farinha de vocês vai coco ou não, é só a farinha pura?

Senhor Jesus –
Não. É só a farinha pura, só que é uma farinha amarelinha. A amarelinha todo mundo quer, porque é bem torrada, e a qualidade da mandioca também.

Entrevistadora –
Senhor Jesus, eu gostaria de saber, por exemplo, se o Senhor sabe alguma música que era do tempo antigo que era seus pais que cantava. Um trequinho de uma música.

Senhor Jesus –

É como se diz – um pedacinho a gente lembra. Tinha uma que a minha mãe sempre cantava que era do azulão “azulão pássaro preto do bico cor de canela quem tem seu amor distante.” aí o resto eu não sei.

Entrevistadora –
Aí tem uma rima, não é?

Senhor Jesus –
Aí eu não sei. Tem várias músicas antigas, mas eu só sei pedaços. Minha mãe gostava de cantar, ela cantava sempre.

Entrevistadora –
E o Senhor sabe que a comunidade foi reconhecida, né, essa comunidade foi reconhecida como comunidade quilombola e na prática não mudou muito coisa na vida de vocês não, né?

Senhor Jesus –
Aliás tudo hoje ninguém quer fazer nada de graça, mas já que foi feito isso aqui, a mulher que fez , ela lutou muito, mas eu acho assim que devia ter uma certa, digamos assim, que ela viesse aqui combinar com a comunidade, vamos fazer tal coisa, eu gosto assim, seria mais prático, mas ela fez tudo por conta dela, né. Agora hoje tem um problema que ela às vez que vim pra cá.

Entrevistadora –
Ela quem?

Senhor Jesus –
A professora. Ela batalhou muito sobre isso aqui, mas foi com o intuito de sobrar aquele tanto pra ela, mas o problema com a velha. essas coisa aí de professor, ela quer vim, mas noutra parte atrapalha, né? Não sei não. Eu tenho dia que penso tanto assim que às vez eu não durmo à noite, já fui no médico e ele disse assim: o Senhor marque as hora que o Senhor dorme assim, porque às vez assim vai deitar naquela hora que o Senhor, porque as vez eu deito cedo, não tem televisão, quer dizer tem a televisão, mas não funciona, devido a placa.

Entrevistadora –
A placa não está funcionando?

Senhor Jesus –
Tá não. Não está funcionando pra nada. Só quando sol tiver quente aí nós tem televisão, nós temos o motor pela prefeitura aqui, tem o nosso motor também, o padre levou, mas a prefeitura até agora....que o professor que é Secretário da Educação eu acho que está ligando muito pouco...

Entrevistadora –
Mas as crianças estão tendo aula?

Senhor Jesus –
Tendo aula assim, mas eu não tô denunciando não, o professor dá aula aqui, ele vem de dois em dois dias, se fosse o secretário mandava vim de São Miguel. Só que ele não falha aqui. Ele foi ontem, tem a outra escolinha de lá que ele dá aula nela. Ele até já mudou o horário da aula. De lá tá à tarde, era de manhã. À noite não dá. Tem a escola à noite que é contratada pelo

estado. Mas num tem energia, num tem luz, num tem nada. Dois motor aqui, mas não tem nada. Ele mesmo chega aqui e tem que tomar banho no rio, tem banheiro, tem dois banheiro, tem tudo aí, mas num funciona nada.

Entrevistadora –
O Senhor aprendeu a ler e a escrever?

Senhor Jesus –
Eu aprendi. Agora eu aprendi a ler e a escrever assim, fazendo minhas conta no.... , porque no ano que eu mim estudar, aí o meu irmão conversou com a minha mãe que era pra mim ajudar a cortar seringa, 1940 né, eu estudei o primeiro ano que foi em 39, aí eu fiz o primeiro ano né?, mas aí o segundo num estudei mais. Estudava assim quando saía da escola aí pedia, a professora era minha irmão, entonce eu pedia pra ela fazer aqueles livros, aqueles trabalho todo naqueles caderno tudo, naqueles livro, foi como eu aprendi, mas leio e escrevo... só tem uma conta que eu não sei, fiquei várias vezes na escola que a gente, que é multiplicar, eu somo, eu diminuo, eu somo e divido, eu somo e multiplico, mas...

Entrevistadora –
Então, o Senhor vota na época das eleições, assina o nome?

Senhor Jesus –
Voto. Inclusive até ... não, se o Senhor quiser votar, vota. Eu num vou tá com um título de eleitor na mão pra tá justicando, eu vou lá e voto.

Entrevistadora –
Agora, pela sua idade o Senhor já seria liberado. O Senhor tem mais de 65?

Senhor Jesus –
Eu tenho 76 anos (risos) uma mulher lá de São Miguel disse: Seu Jesus, o que é que o Senhor está arrumando? Cada dia parece que o Senhor está novo. Eu digo que sou de outra geração...

Entrevistadora –
Então, a maioria dos seus filhos mora aqui com o Senhor ou mora lá em São Miguel?

Senhor Jesus –
Todos moram aqui, estão casados, eu já tenho netos, tenho até bisnetos já, nascido aqui.

Entrevistadora –
Então, a comunidade a tendência é ela se solidificar, né, como comunidade quilombola, né?

Senhor Jesus –
Eu vou lhe explicar uma coisa, se a Senhora souber responde pra mim. Eles querem esse negócio, eles querem fazer uma associação. Eu não concordo, com essa associação eu não concordo. A Senhora sabe por quê? O rapaz que veio aqui, olhou e disse: vocês já tem um bom começo aqui, dá pra fazer a associação. É acho que isso não funciona. Outra coisa também e isso aí eu quero saber do INCRA, que o INCRA sabe dessa área, tá cortada, tá toda demarcada, só falta mesmo é ter o título. Então, essa propriedade ela falou pra mim que se não sair a associação que eu não recebo o título. Eu quero ver quem é vai me impedir. Se eu tenho direito, eu quero saber quem vai me impedir. Se o direito é meu, não tem nada a ver com associação. Cortei seringa 46 anos, nasci dentro de seringal, cortei seringa até 46 anos.

Agora... acabar o seringa... acabou tudo, né. Você repare que é so ela, né. Que aqui tem presidente, tem tesoureiro, mas só que não tem uma pessoa dessa que tenha aquela capacidade, aí eu fico olhando assim.

Entrevistadora –

Porque assim, essas coisas de hoje, a forma como as coisas legais são feitas, elas estão ligadas ao negócio do papel, do documento, né? A associação, não sei se essa seria a forma, mas a associação seria como se fosse um... seria uma entidade representando a comunidade, uma entidade jurídica, né... hoje em dia tudo... não tem? Pra eu ser cidadão eu não preciso ter o documento? Então, pra comunidade ser uma comunidade autônoma, fazer valer os direitos que ela tem pelo reconhecimento de quilombola, provavelmente ela vai ter que ter. Agora, necessariamente não tem que com gente de fora não. Aliás, a associação deve ser composta por pessoas da comunidade e exclusivamente da comunidade...se não ela não seria legítima. Agora, eu não sei lhe dizer se não tem uma outra forma legal de fazer de fazer o reconhecimento da terra, de sair a documentação.

Senhor Jesus –

Só que essa professora, ela foi professora aqui um ano. Entonce aí ela vem da gente assim, mas já de terceira geração. Essa professora é lá de São Miguel. Ela lutou muito. Eu não vou contra ela não. Eu vou contra esse tipo de coisa fazer assim... entonce se for pra fazer é chegar com a comunidade e dizer, gente, vamos fazer, mas não, ela quer fazer lá do jeito dela. Agora, ela luta porque ela quer ficar morando aqui... porque se ela tá enquadrada como quilombola também, então o que ela quer todas as coisas aqui. Até tive conversando aqui com o Conselho que tem um papel aqui que um cara me deu um documento que o cara me deu que é pra receber o título da terra. Ela chegou aqui e falou assim, olha, fulano de tal mandou pedir aquele documento lá. Eu disse que já que ele tá tirando da minha mão, tão todo mundo desistindo, porque se eu tenho um formulário porque que ele tira esse formulário da minha mão pra botar na mão dela? Vai ver que o direito é dela, não é meu. O que eu conto é isso aí, somente. Eu não sou contra esse negócio de quilombola. Eu não sou contra. É um passo que ela deu muito pra qui, agora talvez se isso vigora ninguém sabe, né, como tem o pessoal da educação ambiental, conversaram, nós tamos até sujeitos dizem a perder essas terras, diz que não é um direito nosso. Outra coisa, o INCRA chegou até a cortar, mas o INCRA fez uma área só. Tem pessoas que chega aqui e diz assim: o mesmo direito que vocês têm nós tem. Então vamos respeitar o direito do outro, por causa...Aqui nós tem o direito de fazer a nossa casa onde nós quiser. Não, não é assim. Então, eu vou tirar minha casa daqui pra você fazer a tua. Tem uma certa desunião sobre esse ponto aí, né.

Entrevistadora –

A Dona Anita lá do Pedras Negras me falou de um bolinho de goma. O Senhor já ouviu falar? Como é que faz?

Senhor Jesus –

Ele faz biscoito. Faz ele com grude, só a massa mesmo que bota na boca ele desmancha. Essa festa que nós faz, cois que foi desde o tempo da minha mãe, que era profissional em fazer o biscoito do polvio. Tem aquele que chama o bolo besta também de mandioca.

Entrevistadora –

Como é que é esse bolo besta?

Senhor Jesus –

Rela a mandioca bem relada e tempera ela do jeito que quiser e aí quando passa assada no forno, é assada no forno, agora faz também o bolo do arroz também, pisa o arroz e faz a massa.

Entrevistadora –
Esse bolinho de goma é como a tapioca?

Senhor Jesus –
É não. Só que é o seguinte: a tapioca é grudenda, já este bolinho se pegar ele assim, ele desmancha tudo, se bota na boca não carece mascar, bota na boca ele vai desmanchar de jeito. Agora, quando quer fazer ele mais durinho faz com a água quente, vai fazendo o grude pra fazer o bolinho, agora se não quiser faze o grude, faz a bolinha e assa no forno. Amassa o polvio e bota bastante ovo de galinha, cravo, erva doce, fica gostoso. Aqui eles fazem muito.

Entrevistadora –
Eu estou querendo saber de onde vem o bolo de mandioca.

Senhor Jesus –
Agora o que a gente chama ele de bolo besta é rala a mandioca, aí amassa ela e espreme ela um pouco e tempera também com todo tempero, cravo, erva doce e amassa faz aquele bolo assim tipo tapioca né? E aí bota pra assamar. Chama bolo besta, chama bolo de dia (risos), porque não tem hora pra fazer. Minha mulher é instruída nessas coisa, só que ela tem pobrema de, ela já teve derramo duas vez, ela não consegue falar, quando vai falar é mais atrapalhado....

CONVERSA COM O FILHO E OS NETOS DO SENHOR JESUS

Falando sobre o reconhecimento da Comunidade...

Filhos e netos do Senhor Jesus – José dos Santos (filho); Valdinei Assunção de Oliveira (neto); Cosme Assunção de Oliveira (neto); Josimar Oliveira dos Santos (neto);

Entrevistadora –
Gente, eu gostaria de saber se vocês têm consciência de que é um ganho pra comunidade o reconhecimento de Comunidade Quilombola. Se vocês têm consciência disso, se vocês sabem o que significa isso..

Entrevistos (filho e netos do Senhor Jesus)
Acho que é, acho que é...

Vocês têm algum documento antigo? Nem, assim, uma fotografia, um vaso, tem alguma coisa assim? Que lembre, por exemplo, os antepassados da família?

Senhor Jesus –
Eu pra dizer que não tenho, eu tenho aqui uma imagem aqui da Imaculada Conceição que foi, só minha mãe tá com quarenta e tantos anos que morreu, minha mãe morreu em 1949, entonce essa imagem ela já vinha nessa devoção na Imaculada Conceição desna de muito tempo, eu não era nem nascido, tenho até hoje essa imagem que era da minha mãe, você acredita?

Sobre gravar as falas com as memórias dos mais velhos...

Senhor Jesus –

Aqui eu tenho vários números de telefone aqui desses professores da Universidade de Porto Velho que vieram aqui. Tenho da Eunice Luiza, tenho da Ana Lúcia Medeiros, do Doutor Fausto, que são do Ministério Público, tenho da Adriana Nunes, ministério, né, tenho do Professor da Universidade Federal. Todos que vem visitar aqui sempre deixa os telefone pra mim... (risos).

Vocês estudam?

Filho e Netos do Senhor Jesus –

Estudamos.

Estudam aqui na escola daqui?

Sim. No telecurso. Tamos esperando resolver o problema da luz. No momento está sem professor para o telecurso. Tamos esperando o professor ser contratado também.

Senhor Jesus –

É coisa difícil...as vez aqui sempre a gente pode dizer que tem banheiro, tem tudo, mas se quiser tomar banho tem que ir no rio, fazê as necessidades tem que ir no mato, porque ou então trazer água pra dá a descarga ali no vaso. Do dia 7 de dezembro até agora não tivemos nenhuma ajuda de nada, nem de prefeitura, a energia era pra chegar aqui, mas isso são, sei lá..

Entrevistadora -

Pergunta aos netos do Senhor Jesus

Essa roça que tem aí, são vocês que ajudam a cultivar?

Netos do Senhor Jesus –

É.

Entrevistadora -

Aí plantam mandioca?

Netos do Senhor Jesus –

É planta mandioca.

Entrevistadora –

Aí vocês trabalham. Que hora vocês vão estudar?

Netos do Senhor Jesus –

A gente estuda mais à noite.

Entrevistadora –

Tem que ter luz mesmo pra estudar à noite, não é?

Senhor Jesus –

A escola à noite não está funcionando.

Vocês ouvem música aqui?

Netos do Senhor Jesus –
Hã.. Hã...Tendo energia é direto, é o dia todo.

Entrevistadora
Vocês gostam de quê?

Netos do Senhor Jesus –
De sertaneja, forró, até funk eu gosto.

Senhor Jesus –
Hoje tá muito diferente, é como a música sertaneja, né, é vários tipo de música sertaneja, só tem um tipo de música sertaneja, né, que é do Tonico e Tinoco, a gente cantava muito. As veze não é música sertaneja legítima. No Limoeiro, antigamente assim, um patrimônio que tinha... Cinco hora da manhã quem tinha um rádio... um Seringalista por nome de Arlindo Freitas que tinha um rádio, um daqueles radião a bateria, então manhecia o dia a calçada dele tava assim... aquele pessoalzão assim assistia música sertaneja. Agora hoje... Faz tempo que não escuto Tonico e Tinoco...

Entrevistadora –
Meninos, eu queria que vocês me dissessem uma coisa assim, é vocês sabem alguma coisa da história dos negros aqui no Brasil? Da escravidão? Já estudaram alguma coisa?

Netos do Senhor Jesus -
Um pouco. Estudamos uma vez só com a professora. Parece que ela passou um negócio de racismo... parece que ela até deixou um livro comigo... sobre essas coisa...

Filho do Senhor Jesus -
O livro só fala mais da coisa da migração, né?

Senhor Jesus –
Pois eu gostava de cantar uma música que dizia assim “hoje preto pode ser doutor, deputado, senador, não haja mais preconceito de cor” (risos)...

Entrevistadora –
Perfeito, o Senhor tem memória boa.

Filho do Senhor Jesus-
A memória dele é melhor do que a nossa. A professora fala e aí eu já esqueço também. Sou ruim mesmo de memória....

Senhor Jesus –
Ontem eu peguei uns peixe, já está fazendo lá....

Entrevistadora –
...falando sobre a importância de preservação da memória...

Senhor Jesus –
Porque aqui nós num teve um ano que possa dizer assim que teve escola foi estudo ao menos três mês!

Neto do Senhor Jesus –

Este ano faz cinco ano que ta esse negócio de aula aqui, se juntar esse cinco ano...

Entrevistadora –

Vocês terminaram o que a gente chama de Ensino Fundamental? Vocês sabem ler alguma coisa? Ler uma carta?

Netos do Senhor Jesus –

A gente já lê sim. Aprendeu foi muito ainda nós.

Senhor Jesus –

A escola este ano ...ela foi aberta aqui no dia 03 de junho.

Entrevistadora –

Eu tive ontem com prefeito e perguntei a ele. E ele disse, não já tem escola lá.

Senhor Jesus e Filho –

Ele falou que tinha escola, mas você não perguntou se estava funcionando, né?

Entrevistadora –

Isso eu não perguntei não (risos).

Filho do Senhor Jesus –

A professora que estava dando aula aqui, a irmã dela é casada com o Emilson lá da farmácia. Você conhece ele? Ela vinha dar aula aqui e ia começar no dia 11 de fevereiro. Falou assim pro nosso tio que trabalha na fazenda com o pai dela que ela não ia vim mais não...

Conversando sobre a necessidade de que a própria comunidade mande um pra cidade pra se tornar professor(a).

Entrevistadora –

Valdinei, porque você não vai pra cidade estudar pra se tornar professor e ensinar os daqui? E você, Cosme, Você não quer ir estudar pra ser professor?

Senhor Jesus –

Aconteceu com essa minha irmã, ela... O Limoeiro era um povoadozinho que era bastante gente, bastante porque só homem tinha 48 e 27 mulher, entonce foi assim, ela foi estudar, mas ela foi antes de. Quando foi nomeada pra professora, ela vei direto pra Limoeiro por meio da família. Saiu ela veio outra, da família também, a Isabel. A Isabel saiu veio o Melquíades, que é o mais novo, também veio pra Limoeiro ali. Agora, essa menina ela já tava contratada já pra lecionar dois ano aqui. O prefeito tirou..

Neto do Senhor Jesus –

Ela aturava aqui, porque o pai dela mora em fazenda aqui por perto, pertinho a fazenda do pai dela aí.

Senhor Jesus –

... Além dela ser o que... ainda mais ela filha de fazendeiro..deu parte pra tirar a outra daí...

Senhor Jesus –

Essa que quer vir aqui, ela quer vir assim...ela tirou a outra porque... a minha velha é contra isso, porque ela quer vim, quer trazer filho, sobrinho, mãe, como chegou de colocar quatro pessoa aqui oi, é peso, é peso (risos)...

Entrevistadora-

Então, tem que aparecer alguém da comunidade...

Senhor Jesus –

E outra, essa minha irmã, quando ela tava num serviço assim, ela autorizava um daqueles aluno mais habilitado a orientar os outro aqui e tinha que respeitar mesmo. Uma vez mesmo eu até apanhei porque tava uma irmã minha aí tinha uma moça tomando conta e eu só com aquela calcinha curta, ela sentava assim e colocava aquela pena que colocava naquela ponta aí ela levando devagarzinho e ta na minha perna e eu, menina você acaba com isso, fui falando e quem tava era a outra professora, aí nas três vez assim doeu, aí eu tirei o pé fora da carteira e é aqui mesmo dentro da escola, aí pá, pá, pá, pá, e aí minha irmã correu de lá, pegou aquela parmatória e eu disse aqui você não me bate não. A outra me bateu, mas você não me bate não! Pegou fez um bilhetezinho e disse: você leva? Eu disse: levo, num tem pobrema não. Fez um bilhetezinho, mandou pra outra professora, levei, cheguei e entreguei. Você buscar a parmatória? Vou e fui lá buscar. Foram vinte e quatro bolos. Doze bolo em cada mão. Não apanhei mais por causa de uma cunhada que disse: Paula, já chega!

Entrevistadora –

E foi essa Paula aí que deu o nome à Escola. Que o Senhor homenageou a sua irmã. Ela ainda é viva?

Senhor Jesus –

Não, ela morreu em 49, não 49 morreu minha mãe, ela morreu em 59.

Morreu jovem... Agora, na comunidade... tem outras coisa por trás que impede, né

Senhor Jesus –

Ela mesma disse que não ia fazer o que fez pra não participar, né?

Porque as vez eu digo assim, né, o que eu passei aqui no ano de 59 até o ano de 62, as vez eu digo assim pras pessoa: eu comi o pão que o diabo amassou. O marreteiro, o barco que chamava regatão, não encostava aqui não. Seu fulano, me vende um pacote de açúcar..

Entrevistadora –

Vendia no barco?

Senhor Jesus –

Vendia, era um barco carregado. Eu já vinha assim, olha eu tenho farinha pra trocar por açúcar. A senhora sabe o que é que o cara respondia? Eu não pago o banco com farinha! Ficava na mesma, né? Oi teve dia aqui de nós fazer assim, olha, essa panela, caça tinha muita naquela época, ela pegava aquela carne, batia aquela carne bem miudinha esfarelada, fritava aquilo, torrava, e nós comia com outra carne, logo que chegemos aqui.

Entrevistadora –

De onde vinha o sal?

Senhor Jesus –

O sal era o mais fácil. Não vinha o beneficiado, vinha aquele bloco assim, uma pedra, aí tinha que socar aquilo no pilão e peneirar pra fazer o sal. Agora uma coisa, o caba num comia salgado não, porque aquilo amargava.... (risos).

Senhor Jesus –
Nós nunca recebemos um benefício, e que vinha...

Entrevistadora –
Como é mesmo o negócio da água no sereno?

Senhor Jesus –
As vasilhas de alumínio, elas esfriam a água. Bota a água na bacia de alumínio e põe no sereno. Ela amanhece friinha.

Entrevistadora –
Como é mesmo a simpatia pra fazer chover? Que a sua mãe ensinava?

Senhor Jesus –
Põe bacia, panela, balde, tudo na biqueira da casa... (risos), mas hoje não tem mais disso não. O sol, no dia que o sol ficava embalseado assim, como eu tenho o meu irmão que mora em Guajará-Mirim, o Melquíades, ele é o mais novo, né? Mandava fazer o olho do sol, desenhava o sol e botava cinza em cima pro sol botar a cara.
Minha mãe ela só não era médica porque não era mesmo, mas... curava muita gente, sabedoria pra ela curar, ela curava.

Entrevistadora –
Curava de quê?

Senhor Jesus –
De quase todo tipo de doença. Num tempo que vieram uns nordestinos, vieram um soldado da borracha aqui. Ave Maria! Aquela mulher salvou muita vida aqui. Logo quando chegava aqui tinha a tal de, eu não sei como é que é nome, a pessoa tem febre assim dorme demais, né? Convulsão, né?

Motorista –
Quando tem febre e dorme demais é virose, né?

Senhor Jesus –
Agora, ela tinha, ela conhecia assim por chegar e olhar assim, mas ela pegava um ovo de galinha, ela ia naporque aquilo abre, quando é essa convulsão, abre que cabe.. Menino é curioso. As vez eu ia ver pelas brechas... (risos). O ovo de galinha coloca Agora o remédio a senhora sabe o que que é? Chama pílula de avião. É pimenta malagueta, pólvora e limão. Porque elas fazia as pilinhas, aí tinha vez que agüentava até 4, 5 agüentava, mas das 6 em diante já não agüentava mais, porque colocava a primeira o cara num sentia não, colocava a segunda, a terceira, a quarta...

Entrevistadora –
Botava no ferimento?

Senhor Jesus –

Pólvora, limão e pimenta (risos).

Entrevistadora –

Ela usava ervas?

Ela usava, mas eu não lembro mais. Eu duvido que um filho dela adoecesse assim, ela curava aí mesmo. Não era só um filho dela não como qualquer um. Até pela dificuldade que tinha de se deslocar daqui pra ir até um médico, né? Ela morreu com um tumor por debaixo da bexiga dela. Ela foi operada, mas esse povo antigamente falar em médico que ia operar era melhor matar logo.

A primeira vez que eu fui no médico num nervoso tão grande!... (risos). Ele colocou o aparelho e disse assim: você está nervoso? E eu respondi: você é médico deve saber!... (risos).

Neguinha –

Você já tem quantos anos, Senhor Jesus?

Senhor Jesus –

76, completos, né. Completei dia 17 de maio. Eu sou de 32. Eu nasci no Limoeiro. Eu e meu irmão Melquíades, o mais novo.

Motorista –

Você vinha por Guajará, aí vinha até aqui...

Senhor Jesus –

O barco chegava, sempre vinha um barco decretadamente pra cá, entonce os de lá ficavam um pouco lá na boca, em São Miguel, esperando, e o resto vinha pra cá...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)